

JACOB BOEHME

A REVELAÇÃO DO
GRANDE MISTÉRIO DIVINO



Jacob Boehme

**A REVELAÇÃO
DO GRANDE MISTÉRIO DIVINO**

— EM CINCO TRATADOS —

Tradução e notas
Américo Sommerman

2^a edição

 **Polar**

SUMÁRIO

Apresentação Américo Sommerman	11
Advertência do Autor Jacob Boehme	15
Sobre o Verdadeiro Arrependimento Jacob Boehme	19
A Mais Preciosa Porta da Contemplação Divina Jacob Boehme	29
<i>Mysterium Pansophicum</i> Jacob Boehme	79
Os Profundos Princípios de Jacob Boehme Dionysius Andreas Freher	113
Sobre a Analogia Entre a Obra Filosófica e o Processo de Redenção do Homem. Através de Jesus Cristo Dionysius Andreas Freher	149



APRESENTAÇÃO

A presente edição dá seqüência ao projeto de tornar disponível ao público de língua portuguesa uma das produções máximas do cristianismo, as obras de JACOB BOEHME (1575-1624), que são sem dúvida o que de mais profundo foi escrito a respeito da teogonia e da cosmogonia em toda a história da tradição cristã.

Os cinco pequenos tratados que compõem este livro — três de Boehme e dois de seu discípulo Dionysius Andreas Freher — foram escolhidos porque juntos são uma amostra do imenso tesouro que foi oferecido aos homens através desse simples e iluminado sapateiro.

Nos dois livros de Boehme já editados em português,^{*} bem como na obra do físico romeno Basarab Nicolescu,^{**} o leitor poderá encontrar muitas informações a respeito da vida e da obra de Boehme, bem como da influência que ele exerceu sobre a filosofia, a literatura e a tradição espiritual do Ocidente.

O primeiro tratado, *Sobre o Verdadeiro Arrependimento*, foi traduzido a partir da obra *The Way to Christ* (Nova York, Paulist Press, 1978). O segundo, *A Mais Preciosa Porta da Contemplação Divina*, e o terceiro, *Mysterium Pansophicum*, foram traduzidos a partir da versão de John Sparrow ao inglês em 1662, reeditadas pela Sure Fire Press (Edmonds, 1988 e 1989, respectivamente).

* *A Sabedoria Divina*, São Paulo, Attar, 1994 e *A Aurora Nascente*, São Paulo, Paulus, 1998.

** *Ciência, Sentido & Evolução — A Cosmologia de Jacob Boehme*, São Paulo, Attar, 1995.

O autor dos dois outros tratados, Dionysius Andreas Freher, foi um dos homens que mais profundamente estudaram e compreenderam as obras de Jacob Boehme, ao lado de nomes como Louis Claude de Saint-Martin, Abraham von Frankenberg, Johan Georg Gichtel, John Sparrow, William Law, Franz von Baader, Friedrich Christoph Oetinger, Henry Madathanus, Samuel Richter.

Freher nasceu em Nuremberg, Alemanha, em 1649, numa família de médicos, juristas e teólogos. Completou seus estudos de maneira brilhante e demonstrou uma notável aptidão lingüística. Ainda nessa época tomou contato com as obras de Jacob Boehme, cuja leitura causou-lhe tal impacto que ele se mudou para a Holanda a fim de poder desfrutar do convívio de Gichtel (1638-1710), grande discípulo de Boehme responsável pela primeira edição completa de suas obras em alemão. Estabeleceu-se então entre Gichtel e Freher uma sólida amizade que perdurou até 1694, quando Freher dirigiu-se à Inglaterra para investigar uma fraternidade espiritual fundamentada nas obras de Boehme e liderada por Jane Lead, chamada Sociedade Filadélfica. Tendo se decepcionado de pronto com essa Sociedade, que desnaturalizava a doutrina de Boehme, Freher começou a elaborar a partir de então, junto com um pequeno grupo de amigos, obras e gravuras que oferecessem uma elucidação fiel e metódica dos escritos do grande iluminado alemão.

Ao morrer em 24 de novembro de 1728, em Londres, deixou dezoito volumes de manuscritos em inglês, que se encontram arquivados no Museu Britânico e até a década passada permaneciam completamente inéditos, quando os dois tratados de Freher traduzidos aqui ao português foram editados nos EUA: *The Deep Principles of Jacob Boehme* (que consta da obra *The Key of Jacob Boehme*, Grand Ra-

pids, Phanes Press, 1991) e *Freher's Analogy* (Edmonds, Sure Fire Press, 1983). Eles foram extraídos de sua obra fundamental: *Elucidações Metódicas dos Princípios da Filosofia e da Teologia de Boehme*, que ocupa oito volumes.

Segundo os especialistas que tiveram acesso aos manuscritos, trata-se de uma das mais claras, profundas e fiéis elucidações da complexa obra de Boehme, o que já é possível perceber através da leitura das duas pequenas obras aqui apresentadas.

Além da advertência do próprio Boehme inserida na abertura deste livro e que vale para todas as suas obras, gostaria de fazer a seguinte observação que diz respeito apenas a esta: o leitor não deve se preocupar muito em seguir a ordem em que estão colocados os cinco tratados, pois ela é apenas uma das possíveis seqüências de leitura e embora tenha por finalidade ajudá-lo a se aproximar do texto com uma postura interior mais favorável à sua efetiva compreensão, é o próprio leitor quem deve definir a seqüência que mais lhe convier. Portanto, se algum dos tratados lhe parecer muito difícil, deve deixá-lo momentaneamente de lado, tentar ler os subseqüentes (pois a leitura de qualquer um deles fornecerá elementos que facilitarão a compreensão dos outros) e em seguida retomar o que foi interrompido. Mesmo que ainda encontre dificuldades, deve procurar lê-lo até o fim, sem se preocupar em forçar a sua compreensão, uma vez que como afirmam os sábios de todas as tradições e o próprio Boehme, quem pode entender obras como esta, que tratam dos princípios ontológicos e metafísicos, não é a razão, mas a intelecção ou a inteligência do coração. A razão é uma ponderação dual e discursiva que só pode apreender o que é de natureza sensível, enquanto a intelecção é uma intuição fulgurante e uni-

ficadora que é capaz de apreender os princípios supra-sensíveis e só pode brotar de um coração humilde.

Espero sinceramente que ao ler esta obra o leitor possa receber muitos tesouros interiores e em seguida compartilhá-los com seus irmãos.

É nesse mesmo espírito e com imensa alegria que ela vos é oferecida.

Américo Sommerman

ADVERTÊNCIA DO AUTOR

Está escrito: *O homem natural não compreende as coisas do Espírito, nem o mistério do reino de Deus, porque lhe parecem loucuras. Não pode entendê-las, porque devem ser ponderadas espiritualmente* (I Coríntios 2:14). Por isso, se o cristão que ama os mistérios divinos desejar estudar, sondar e entender estes profundos escritos, advirto-o de que não basta lê-los apenas com a aguda especulação e ponderação da razão, porque com isso sua imaginação permanecerá somente no fundamento exterior e só obterá uma falsificação de suas cores.

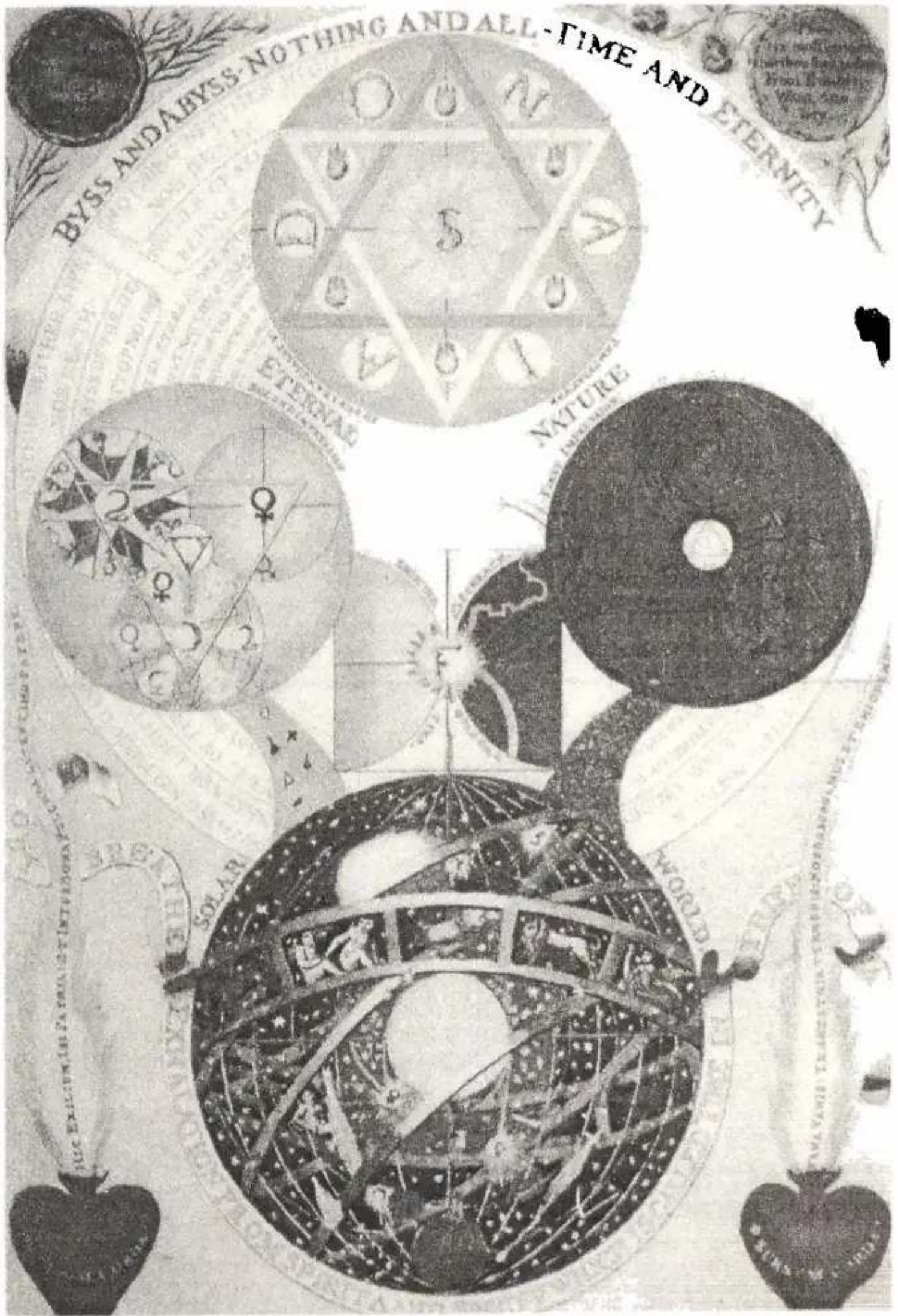
Pois a razão do homem, sem a Luz de Deus, não pode entender o fundamento dos mistérios contidos nestes escritos. Por maior e mais sutil que seja, só será capaz de vislumbrar como que a sombra deles refletida num espelho.

Cristo diz: *Sem mim nada podeis fazer* (João 15:5), pois ele é *a luz do mundo e a vida do homem* (João 8:12).

Portanto, se alguém quiser compreender o fundamento destes mistérios, isto é, ter deles uma revelação divina, tem, antes de mais nada, de perguntar-se com que finalidade deseja saber tais coisas. Deseja praticar o que quer que possa obter e oferecê-lo para a glória de Deus e o bem-estar de seus semelhantes? Deseja morrer para o que é terrestre e para sua vontade própria? Deseja viver nesse fundamento divino que está buscando e ser um único espírito com ele?

Se o que pretende, no caso de Deus revelar a ele Seus mistérios, não é ser um único espírito e ter uma única vontade com Ele nem entregar-se inteiramente a Ele, para que o Espírito de Deus possa fazer o que bem quiser dele e





Jacob Boehme

SOBRE

O VERDADEIRO ARREPENDIMENTO

**Breve explicação do que é necessário fazer para
encontrar a chave da compreensão do Mistério divino.
De que maneira o homem pode alcançar
a contemplação divina em seu interior.**

(Escrito em 09 de fevereiro de 1623)

Qualquer homem que deseje alcançar a contemplação divina dentro de si e falar com Deus em Cristo deve seguir o caminho que indicarei aqui e então atingirá seu objetivo

1. Deve concentrar todos os seus sentidos, sua razão e toda a sua imaginação num único pensamento: analisar que tipo de pessoa é. A Escritura o chama de uma imagem de Deus (Gênesis 1:27), de templo do Espírito Santo (I Coríntios 6:19) e também de membro de Cristo, o qual lhe oferece sua carne e seu sangue por comida e bebida.

2. Deve examinar sua vida para ver se é digno de receber essa grande graça¹ e se está apto para o alto título de membro de Cristo. Deve começar por analisar toda a sua vida, todas as coisas que fez e como emprega cada instante de seu tempo. Percebe estar em Cristo? Está na Vontade de Deus? Para onde tende sua vontade? Descubra em si alguma vontade que se dirige intencionalmente para Deus, no sincero desejo de alcançar a santidade?

3. Se descobrir tal profundo desejo oculto em si, de modo que, se fosse capaz, se voltaria de bom grado para a graça de Deus, saiba que esse desejo é uma manifestação do Verbo de Deus que foi incorporado e proferido em Adão no Paraíso, em seguida ao pecado.² Saiba que Deus IEHOVAH, o Pai, ainda o atrai para Cristo, pois em nossa própria natureza decaída, não mais temos desejo pela obediência.

1. De receber a carne e o sangue de Cristo.

2. Quando Deus disse à serpente que o descendente da mulher lhe esmagaria a cabeça (Gênesis 3:15).

4. Porém, essa atração do Pai, a graça que foi incorporada e proferida, puxa todos os homens, mesmo aqueles que têm os piores e mais errados atos (a não ser que sejam semelhantes a cardos),³ contanto que se permitam ficar quietos por um momento sob a atração da graça.

5. Por isso, se descobrir em si um desejo de se converter,⁴ homem nenhum tem motivos para desesperar da graça e do perdão de Deus.

6. Que não adie isso para o futuro. Está escrito: *Hoje, se ouvirdes a voz do Senhor, não endureçais os vossos corações* (Hebreus 3:7-8).

7. O desejo de converter-se no futuro é a voz de Deus falando dentro do homem, mas abafada pelas imagens que são sopradas pelo diabo. Elas fazem com que a conversão seja adiada de um dia para o outro e de um ano para o seguinte, até que a alma torne-se um cardo e não mais possa alcançar a graça.

8. Que esse homem faça apenas a seguinte ponderação celeste: examine todo o transcurso de sua vida e o coloque diante dos Dez Mandamentos e diante do amor do Evangelho, os quais lhe dizem para amar seu próximo como a si mesmo, de modo a ser um filho da graça no amor de Cristo. Que veja o quanto se afastou disso e em que consistem sua ação e seu desejo diários. Então, a mesma atração do Pai o conduzirá e lhe mostrará, por meio da justiça de Deus, as imagens que ele edificou em seu coração, que

3. O cardo é uma planta espinhosa que é uma praga da lavoura.

4. Isto é, se encontrar em si um desejo de arrepender-se de seus pecados, de não mais servir aos prazeres do mundo e de voltar-se para Deus.

julga serem seu maior tesouro e que ama em lugar de Deus.⁵

9. Essas imagens são: 1) o orgulho, o amor próprio, que se constitui num desejo de poder, de autoridade e de honras, isto é, de estar acima de todos os outros; 2) a cobiça, que faz com que ele queira ter tudo apenas para si, deseje mais do que o necessário para sua efêmera vida terrestre e não tenha fé em Deus: mesmo se possuísse o Céu e a Terra, desejaria governar também o Inferno, e a imagem disso é um porco, que deseja se apoderar de tudo só para si; 3) a inveja, que aguilhoa o coração dos outros, pois faz com que não suporte que alguém tenha mais bens materiais e seja mais honrado do que ele; 4) a cólera ou ira, que a inveja carrega em si como um veneno e que, por quase nenhum motivo, faz com que ele agrida, ataque e destrua, no desejo de justificar-se; 5) uma multidão de animais [ou paixões] terrestres que ele ama em lugar de Cristo — pois ama tudo o que há neste mundo — e honra mais do que a Deus.

Que apenas observe as próprias palavras e veja como sua boca secretamente difama outras pessoas, suscitando a discórdia entre seus amigos; freqüentemente fala mal dos outros sem motivo algum, alegra-se com o infortúnio de

5. Tais imagens são os ídolos cuja adoração Deus proibiu. Adorar ou amar extremamente tais ídolos interiores — o amor próprio, as riquezas, o poder, os prazeres etc. — é um pecado ainda maior do que a adoração de ídolos exteriores. Cabe lembrar aqui que a adoração (o amor extremo) é diferente da veneração (a reverência, o respeito), e que, portanto, é lícito venerar imagens exteriores que servem de suporte para a manifestação das virtudes celestes e auxiliam a imaginação a dirigir-se a Deus. Deve-se apenas tomar cuidado para que elas não se tornem um obstáculo para a imaginação e passem a ser adoradas no lugar Dele.

seu próximo e deseja que a desgraça recaia sobre ele. Todas essas coisas são as patas e os chifres do demônio e a imagem da serpente que o homem carrega em seu interior.

10. Que confronte tudo isso com a Palavra de Deus, a Lei⁶ e o Evangelho e veja que é muito mais um animal e um demônio do que um verdadeiro homem. Verá claramente, então, que essas imagens — tanto as criadas pelos seus desejos como as herdadas — o puxam para trás e o afastam do Reino de Deus, pois em vários dos momentos em que desejaria, de bom grado, arrepender-se, converter-se e voltar-se para Deus, essas demoníacas patas arrastam-no para trás e o impedem de fazê-lo. A pobre alma pensa que esses espectros são divinos e novamente dirige para eles a sua concupiscência. Com isso, permanece na cólera de Deus e quando a graça e a atração do Pai se extinguem, acaba por ser tragado pelo abismo.

11. Relatamos para tal homem nosso próprio caminho.⁷ Assim que tomar consciência desses animais, deseje abandonar imediatamente, na mesma hora e minuto, a vontade bestial e, através do arrependimento, voltar-se para Deus. Embora não possa fazer isso por seu próprio poder e vontade, deve tomar para si a promessa de Cristo, pois ele disse: *Buscai e encontrareis, batei e a porta vos será aberta. Nenhum filho pede pão a seu pai e este lhe dá pedra, ou um ovo e ele lhe dá um escorpião. Se vós, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, muito mais*

6. A Lei divina revelada a Moisés.

7. Isto é, Boehme explicará agora, a partir do que ele próprio viveu, o que fazer quando, em seguida ao arrependimento e à conversão, o homem tomar conhecimento das imagens bestiais que habitam sua alma e estas começarem a guerrear contra sua nova vontade. A partir de sua própria vitória, indica o caminho para vencer esse violento combate.

vosso Pai celestial saberá dar o Espírito Santo aos que lho pedirem (Lucas 11:9-13).

12. Que traga essa promessa em seu coração. Ela é veneno e morte para o demônio e para todas as imagens bestiais herdadas ou criadas por ele mesmo. Que se apresente imediatamente diante de Deus com sua prece, pensando na promessa dessas palavras. Que observe todas essas abomináveis bestas e considere-se como uma. Que se considere como sendo nada mais que um imundo guardador de porcos que dilapidou os bens de seu Pai e seus direitos de nascença com os porcos do mundo e com os animais malignos. Tenha em mente que agora está diante da face de Deus como um miserável, nu e esfarrapado guardador de porcos que se prostituiu e adulterou a herança paterna com as bestiais imagens do mundo e que, por isso, não mais tem direito à graça de Deus, não é digno dela e muito menos de ser chamado de cristão ou de filho de Deus. Que esqueça todas as boas obras que fez, pois só foi movido a fazê-las para ter uma aparência hipócrita de bondade e é isso que o homem-demônio faz para ser visto como um anjo. A Escritura diz: *Sem fé é impossível agradar a Deus* (Hebreus 11:6).

13. Todavia, que não desespere da graça de Deus, mas apenas de ser capaz de alcançá-la por seu próprio poder e habilidade. Que prostre sua alma com todas as suas potências diante de Deus, mesmo que seu coração diga claramente “não” ou “espere, hoje não é um bom dia” ou “teus pecados são muito grandes; não será possível alcançares a misericórdia divina”. Então, será tomado pela angústia e não conseguirá orar a Deus, nem receber conforto ou força em seu coração, de modo que terá a impressão de que sua alma está completamente cega e morta para Ele; no en-

tanto, deve permanecer firme, tomar a promessa de Deus como uma verdade certa e infalível, voltar-se com seu coração abatido para a graça divina e, reconhecendo a própria indignidade, entregar-se inteiramente a Ele.

14. E, ainda que se veja como indigno demais, como se fosse um estranho ao qual a herança de Cristo não mais pertence e que tenha perdido seu direito, deve considerar seriamente o que Cristo diz: *O Filho do homem veio para procurar e salvar o que se havia perdido* (Lucas 19:10), isto é, o pobre pecador, morto e cego para Deus. Deve aceitar essa promessa e tomar a séria resolução de não renunciar à graça prometida por Deus em Cristo, mesmo que seu corpo e sua alma tivessem de ser subitamente separados um do outro. Ainda que seu coração tenha de permanecer privado do consolo do perdão por todos os dias de sua vida, a promessa de Deus será mais firme do que qualquer conforto que possa receber.

15. Que resolva firmemente submeter sua vontade à sua resolução de nunca mais querer retornar à antiga imagem bestial e má, mesmo que todos os seus porcos e animais pranteiem diante dele. Mesmo que, devido a isso, tenha de ser um louco para o mundo, deseje permanecer firme em sua resolução e na promessa da graça feita por Deus. No entanto, se é um filho da morte,⁸ que seu desejo esteja na morte de Cristo e na promessa de Cristo, e morra e viva Nele conforme Sua Vontade. Que simplesmente dirija sua resolução a Deus em preces e cânticos contínuos e entregue todas as coisas que vai iniciar e todas as obras de seu trabalho em Suas mãos, permanecendo quieto diante da imaginação da cobiça, da inveja e do orgulho. Que entre-

8. Se tiver de morrer em breve, antes de sentir claramente ter alcançado o perdão e a graça de maneira definitiva.

gue apenas essas três bestas e todas as outras logo começarão a enfraquecer, a adoecer e a se aproximar da morte. Cristo logo estará nas palavras de suas promessas depositadas no homem, com as quais o envolverá como numa vida. Cristo começará a trabalhar nele e suas orações serão cada vez mais poderosas no Espírito da graça.

16. O que ocorre espiritualmente é semelhante ao que se passa durante o desenvolvimento da criança no ventre da mãe: para que ela possa vir a receber a vida, o óvulo tem de suportar e superar as influências nocivas de diversos movimentos naturais e acidentes externos. Portanto, quanto mais um homem se afasta das imagens bestiais,⁹ mais entra em Deus, até Cristo tornar-se vivo na graça incorporada (coisa que só ocorre quando a pessoa toma a decisão muito séria de abandonar tais imagens). Quando isso se dá, o noivado com a Virgem Sófia¹⁰ imediatamente se inicia, os dois amantes aceitam-se mutuamente com júbilo e dirigem-se um ao outro com desejo completamente interior, no mais doce amor de Deus. Então começa a ser preparado o casamento com o Cordeiro, no qual a Virgem Sófia (como a digna humanidade de Cristo) será unida à alma. O que acontecerá quando essa união se realizar e que tipo de alegria se elevará, Cristo indica quando diz que *haverá maior júbilo no céu por um só pecador que se arrepender, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento* (Lucas 15:7).

17. Não temos palavras para descrever nem para contar o que é a doce graça de Deus na humanidade de Cristo e o que ocorre com aqueles que são dignos de viver o casa-

9. O orgulho, a cobiça, a inveja, a cólera etc.

10. A substancialidade celeste, o corpo de Cristo.

mento com o Cordeiro. Em nosso próprio caminho, nós o experimentamos e conhecemos: é devido a isso que temos um verdadeiro fundamento para os nossos escritos e os compartilhamos alegremente com nossos irmãos no amor de Cristo. Se for possível acreditarem em nosso precioso conselho, dado à maneira de uma criança, experimentarão neles próprios Aquele a partir do qual esta mão simples compreende e conhece tão grandes mistérios.

18. Como já escrevemos um detalhado tratado sobre *O Verdadeiro Arrependimento* e outro sobre *O Novo Nascimento*, terminaremos este aqui, para que sirva como um simples guia. Que o próprio leitor se dirija aos outros dois, como também à volumosa obra sobre o Gênesis.¹¹ Poderá encontrar nessas três obras, de maneira suficientemente detalhada, o fundamento de tudo quanto possa perguntar. Aconselhamos, de maneira cristã, que nos siga em nosso caminho, pois assim alcançará a contemplação divina em seu interior e ouvirá o que o Senhor diz a ele em Cristo. E com isso o confiamos ao amor de Cristo.

11. Boehme escreveu uma imensa obra (com cerca de 1000 páginas) sobre o livro do Gênesis, chamada *Mysterium Magnum*. Pode ser encontrada em alemão, francês e inglês.



CAPÍTULO I

O que é Deus e como podemos reconhecer sua natureza divina através de sua manifestação.

1. A razão diz: “Eu ouço falar muito de Deus. Ouço que há um Deus que criou todas as coisas e também mantém e sustenta tudo. Todavia, ainda não vi ninguém que tenha visto Deus, nem escutei ninguém que pudesse dizer onde Deus está, ou como Ele é”. Pois quando a razão olha para a existência deste mundo e vê que o mesmo que acontece aos homens maus acontece aos justos, quando vê quão perecíveis e frágeis são todas as coisas e que os justos não encontram ninguém que os liberte da angústia e dos sofrimentos que lhes são infligidos pelos homens maus e vão ao túmulo no temor e na miséria, então pensa que tudo ocorre por acaso. Deduz que não há um Deus que se interesse pelo sofrimento, uma vez que deixa morrer na miséria aquele que Nele espera. Ademais, diz que nunca se ouviu falar de alguém que tivesse retornado da decomposição e afirmado ter estado com Deus.

2. *Resposta:* A razão é uma vida natural, cujo fundamento jaz num início e fim temporais e não pode penetrar no fundamento sobrenatural onde Deus pode ser compreendido. Quando a razão especula dessa maneira e só encontra esse fundamento temporal,¹ acaba por descobrir em

1. Essa vida natural perecível, que não alcança nem compreende o fundamento sobrenatural e eterno no qual Deus pode ser entendido.

si um desejo por um fundamento mais elevado no qual possa repousar.

3. Ela entende que provém de um fundamento ou fundo [*grund*] sobrenatural e que tem de haver um Deus que a trouxe à vida e ao querer. Ela se aterroriza com suas vontades más, tem vergonha delas e as julga malignas. Quando faz o mal, acusa-se e teme um julgamento que não é capaz de ver. Isso mostra que o Deus oculto, que se dirigiu à Natureza, habita a razão e a reprova por seus maus caminhos. E como a razão não o vê, nem o compreende, isso também mostra que esse mesmo Deus oculto não pode ter uma natureza perceptível.

4. Por outro lado, a desamparada razão, que aqui erroneamente atormenta-se na privação,² descobre em si um ainda mais desamparado desejo de abandonar-se [a Deus] e entregar-se ao sofrimento.³ Isto é, nesse errôneo tormento ela acaba por ter a esperança de que Aquilo que a criou tire-a da dor e a acolha em Si: deseja repousar onde não haja sofrimento. Busca repouso em algo que a liberte de si mesma. Embora não deseje ser um nada, deseja a morte de seu ego e morrer para o sofrimento, a fim de poder repousar.

5. Assim sendo, entrega-se ao sofrimento para que o poder deste possa conduzir seu ego à morte, matar sua angústia e sua atormentada vida possa entrar numa [vida] sem tormento.

2. Erroneamente, porque duvida da bondade e mesmo da existência de Deus.

3. Ao sofrimento enviado por Deus para libertá-la de si mesma e introduzi-la na Paz.

6. Com isso, entendemos corretamente o Deus oculto. Entendemos: 1) que Ele se revela no coração e na consciência do homem, reprovando o mal e a injustiça e, por meio do sofrimento, atrai o errôneo tormento para Si;⁴ 2) que devido ao sofrimento, a vida da razão, isto é, a vida natural, tem de encontrar um desejo de retornar para aquilo de onde provém; 3) que [a vida natural] deve desejar odiar a si mesma e morrer para a vontade natural, a fim de poder alcançar a Vontade sobrenatural.

7. A razão diz: “Por que Deus criou uma vida angustiada, sofredora? Ela não estaria melhor neste mundo sem sofrimento e angústia? Por que Ele, que é o fundamento e o início de todas as coisas, tolerou a vontade desobediente e contrária? Por que Ele não destruiu o mal, para que em todas as coisas houvesse apenas o bem?”

8. *Resposta:* Sem contrariedade nada pode ter consciência de si. Pois se nada há que lhe resista, sai continuamente de si e não retorna a si. No entanto, se não retorna a si, como para aquilo de onde originalmente provém, nada conhece de sua causa.

9. Se a vida natural não tivesse contrariedade alguma e não tivesse limite, nunca perguntaria pelo fundamento de que provém, de modo que o Deus oculto permaneceria desconhecido para a vida natural. Além do mais, se não houvesse contrariedade alguma na vida, não haveria per-

4. Isto é, Deus deixa que o homem sofra até perceber a loucura que é negá-lo e viver sem seguir a Lei e a Vontade divinas. Quando o homem percebe a loucura em que vivia, o sofrimento causado pelo erro se detém, pois ele reconhece que o mereceu e vê que isso serviu para reconduzi-lo à Verdade. Agradece a Deus pelo sofrimento, mas a princípio não perdoa a si mesmo por ter persistido por tanto tempo em sua louca cegueira.

ceptibilidade ou sensibilidade, nem vontade, nem operatividade, nem entendimento, nem conhecimento, pois algo que tem uma única vontade não tem divisibilidade. Se esse algo não encontra uma vontade contrária, que faça com que se conduza ao movimento, permanece tranquilo, pois uma coisa una só pode conhecer uma única coisa e ainda que seja boa em si mesma, não conhece o mal nem o bem, pois nada tem em si para torná-los perceptíveis.

10. E assim podemos filosofar a respeito da Vontade de Deus e dizer: “Se o Deus oculto, que é uma Existência e Vontade unas, não tivesse se conduzido pela sua Vontade para fora de si, se não tivesse se conduzido da Sabedoria eterna [a Sófia] ao *temperamentum*⁵ (à divisibilidade da Vontade) e não tivesse confinado esta divisibilidade numa vida natural e criatural que consiste em luta, como a oculta Vontade de Deus, que em si mesma é una, poderia revelar-se para si? Como poderia haver conhecimento de si numa Vontade única?”

11. No entanto, se houver na Vontade única uma divisibilidade que se conduza ao *centrum*⁶ e à vontade própria, então da Vontade única se elevam incontáveis vontades, como galhos numa árvore. Portanto, vemos e compreendemos que: 1) em tal divisibilidade cada vontade contrária se dirigirá a uma forma particular; 2) que o combate das vontades gera [a configuração] da forma; 3) que na divisibilidade nenhuma forma é igual a outra, embora todas provenham de um único fundamento (*grund*).

5. O *temperamentum* é o equilíbrio de um ser, é a harmonia entre os diversos componentes que o constituem, proveniente de sua unificação com sua origem, a Vontade de Deus.

6. O *centrum* (pl. *centra*) é a primeira raiz da manifestação de uma essência e de um ser.

12. Pois uma Vontade única não pode se despedaçar, assim como a mente (*gemüth*) não se despedaça quando se divide numa vontade má e noutra boa. O afluxo dos pensamentos divide-se numa vontade má e noutra boa, mas a mente permanece inteira em si e deixa que ambas se elevem nela e a habitem.

13. A razão diz: “Então é bom e útil que junto com o bem haja o mal?”

Resposta: O mal, como vontade contrária, faz com que o bem, ou a vontade, queira retornar à sua existência e causa primeira, à Deus; deseje retornar ao Bem, à vontade boa. Pois uma coisa que em si mesma é apenas boa e não tem nenhum sofrimento nada deseja, porque não conhece nada de melhor que possa desejar em si ou para si.

14. Assim, podemos filosofar sobre a boa Vontade única de Deus e dizer que em si mesmo Ele não pode desejar nada, pois não tem nada em si nem diante de si que possa dar-lhe algo. Por isso conduz-se para fora de si, à divisibilidade e ao *centrum*, a fim de que uma contrariedade possa surgir no que foi emanado, para que através do mal o Bem possa tornar-se perceptível, efetivo e capaz de vontade, pois desejará separar-se do mal e retornar à Vontade única de Deus.

15. Porém, assim como a emanção ou afluxo da única Vontade eterna de Deus sai continuamente de si em direção à sua manifestação, assim também o Bem — sendo o poder divino — flui juntamente com a emanção do UM eterno e entra na divisibilidade, no *centrum* da pluralidade.

16. Então, a perpétua emanção da Vontade faz com que, devido ao movimento, o Bem deseje estar de novo tranqüilo e aspire entrar de novo no UM. Nessa aspiração e penetração de si mesmo, o UM torna-se móvel e desejoso

e dessa operação resulta a perceptibilidade, o conhecimento e a vontade.

17. Deus, enquanto chamado de Deus, só pode desejar a si mesmo, pois nada tem diante ou depois Dele que possa querer. Mas se Ele quer algo, isso emana Dele e é um *contrarium* [contrário] Dele, no qual a Vontade eterna quer algo. Se esse algo fosse uno, a Vontade não poderia exercitar-se ali. Por isso a insondável Vontade dividiu-se em princípios e dirigiu-se ao Ser, para que pudesse operar em algo. Temos similitude disso na mente do homem.

18. Se a mente não saísse ou afluísse de si, não teria pensamentos; mas se não tivesse pensamentos, não teria conhecimento de si, nem de nenhuma outra coisa e seria incapaz de criar e de agir. Todavia, o afluxo dos pensamentos da mente — que é um *contrarium* da mente, por meio do qual esta descobre a si mesma — faz com que ela queira e deseje algo, de modo que dirige os pensamentos a algo, isto é, ao *centrum* de uma egoidade,⁷ no qual a mente opera com os pensamentos, revelando-se e contemplando-se em ação através deles.

19. Se nesse *centrum* dos pensamentos, que é um *contrarium* da mente, também não houvesse, por sua vez, um

7. A egoidade (*ichreit*) é diferente de egoísmo (*eigenuts*). Ela é como que a base substancial deste e também poderia ser traduzida por esseidade ou ipseidade: o que faz com que um indivíduo seja ele mesmo e se distinga de todos os outros. Portanto, também é possível associar egoidade a individualidade, de modo que isso deixa ainda mais claro que em si mesma ela não é má, muito pelo contrário, pois Deus desejou criar os seres, isto é, as individualidades, as egoidades, para revelar-se e para ser por elas conhecido e amado. Ela só se torna má quando nela surge o egoísmo e o individualismo, quando rompe com Deus e com os outros para afirmar-se separadamente.

contrarium, todos os *centra* que afluíssem ou emanassem dos pensamentos seriam uma única coisa; teriam uma única vontade, que sempre faria uma única coisa. Como então as maravilhas e poderes da Sabedoria divina seriam concebidos e conhecidos pela mente, que é uma imagem da revelação ou emanção divina?

20. No entanto, se ali há um *contrarium*, como luz e trevas, então este é contrário a si mesmo, e cada qualidade⁸ faz com que as outras sejam levadas ao desejo de combater umas contra as outras e dominá-las. Nesse desejo, os pensamentos e a mente são conduzidos a um fundamento natural e criatural, a uma vontade própria: de, através de seu *centrum*, dominar todos os outros *centra*, por exemplo, de um pensamento dominar todos os outros pensamentos.

21. Assim, com a vontade contrária, surgem na mente o combate e a angústia, de modo que com isso a totalidade da mente é instigada a ir em direção à ruptura dos pensamentos e da vontade própria destes (ou dos *centra* naturais) e a conduzir-se para fora da dor, da angústia, da vontade contrária e do combate, querendo mergulhar de novo no repouso eterno, em Deus, de onde ela emanou.

22. Daí advêm a fé e a esperança, de modo que a angustiada mente espera pela libertação e deseja retornar a sua origem, a Deus.

23. Devemos entender a manifestação divina do mesmo modo, pois embora a Vontade de Deus não seja coisa, na-

8. As qualidades ou propriedades são as sete forças (os sete movimentos) principais através dos quais Deus se revela: 1. a **adstringência** ou a **força contrativa**, 2. o **amargor** ou a **força expansiva**, 3. a **angústia** ou a **rotação**, 4. a **explosão** ou o **fogo**, 5. a **luz**, 6. o **som** ou o **tom**, 7. a **tangibilidade** ou **corporalidade**.

tureza ou criatura, nem tenha em si dor, sofrimento ou vontade contrária, todas as coisas, de natureza boa ou má, amorosa ou dolorosa, têm seu primeiro início a partir da emanção da Vontade divina. A partir do afluxo da Palavra — afluxo este que é a insondável Mente ou Sabedoria de Deus — e do *Mysterium Magnum*⁹ (onde a inteligência eterna jaz no interior do *temperamentum*) originaram-se a Inteligência e o Conhecimento. Esse afluxo é um início do querer, através do qual a Inteligência dividiu-se em formas [qualidades ou propriedades]. Cada uma das formas tornou-se desejosa de ter um *contrarium* como sua semelhança. Esse desejo é uma apreensibilidade que tende para o ego ou para a propriedade, para um lugar ou para algo. A partir desse algo, o *Mysterium Magnum*, que é o poder não-natural, tornou-se natural e apreensível e o algo apreendeu-se, tornando-se uma vontade própria ou individual.

24. Essa vontade própria é o fundamento do egoísmo, no qual ela encerra-se como uma desejosa vontade. A im-

9. Conforme a definição dada no cap. 2:29, o Grande Mistério ou *Mysterium Magnum* é o afluxo e o *contrarium* da força e do conhecimento divinos. Em sua obra *Chave* (que é uma explicação dos principais termos empregados em suas obras), Boehme o define da seguinte maneira: “Ele é um servo da Sabedoria, no qual o Verbo exalado ou a Força ativa e desejosa da Inteligência divina aflui através da Sabedoria, junto com a Unidade de Deus, para sua manifestação. Pois a Natureza eterna origina-se no *Mysterium Magnum*, no qual há duas essências e duas vontades, a saber: 1) a Unidade de Deus, a Força divina, a Sabedoria exalada e 2) a Vontade divisível, que se origina no afluxo do Verbo pronunciado e cujo fundamento não está na Unidade divina, mas na mobilidade do afluxo que se mescla com a vontade própria e com o desejo da Natureza [eterna].” Ver também a definição dada no cap 3:5.

pressão magnética,¹⁰ criadora da pungência e da dureza, originou-se daí e constituiu-se no fundamento das trevas e da sensibilidade dolorosa, de onde resultaram a vontade contrária, a **angústia** e a fuga [ou a **pungência**].¹¹ Esse é o fundamento da Natureza¹² do qual provém a pluralidade das qualidades [ou propriedades], pois em tal contrariedade cada vontade eleva-se a partir da outra a fim de separar-se da dor, do mesmo modo que os pensamentos separam-se da mente, que devido a estes está numa angústia, trabalho, desejo e ruptura contínuos.

25. Nesse afluxo em que a Força divina exala-se a partir de si, conduzindo-se à Natureza e à criação, devemos reconhecer duas coisas. 1) A eterna Inteligência da boa Vontade una, que é um *temperamentum*¹³ e que se introduz numa sensibilidade e atividade apenas para a manifestação dos poderes, cores e virtudes [ocultos na Sabedoria divina], a fim de que estes possam revelar-se na divisibilidade e na forma e a Sabedoria eterna possa ser

10. A impressão magnética, ou o *fiat*, é a **força contrativa** do desejo criador de Deus. É também chamada por Boehme de **adstringência**, a primeira das sete propriedades da Natureza eterna.

11. Isto é, da **força contrativa**, aprisionadora, originou-se uma vontade contrária ao aprisionamento, a **força expansiva**, libertadora, chamada por Boehme de **pungência** ou **amargor**, e do combate entre ambas adveio a **angústia** ou a **rotação**. Para a compreensão desse processo da origem das forças ou propriedades da Natureza em Deus, o leitor deve ler as outras obras do autor, especialmente *A Sabedoria Divina*, *A Aurora Nascente* e *Os Três Princípios da Essência Divina*.

12. Estas três primeiras forças são o fundamento da Natureza eterna e constituem o que Boehme chama de primeiro *principium* ou o Mundo tenebroso. Ver o quarto tratado deste livro: *Os Profundos Princípios de Jacob Boehme*.

13. Ou seja, é um fundo em que os contrários estão em equilíbrio e harmonia.

conhecida. Desse fundamento provêm, como tronos e potestades, os anjos, as almas e as criaturas, e também o mundo visível.¹⁴

26. 2) A vontade original da Natureza, que é a apreensibilidade do *centrum*, onde cada *centrum* que há na divisibilidade encerra-se num lugar, num ego e numa vontade própria, como num *mysterium* ou numa mente individual, de onde origina-se a diferenciação dos querereres ou as múltiplas vontades.

Da conjunção das duas, eleva-se um *contrarium*, pois há duas coisas em uma:

27. 1) a Inteligência da boa Vontade una, que tende para a origem do poder divino e que deseja apenas um *contrarium* que lhe seja semelhante, algo que seja bom, onde a boa Vontade divina emanada possa operar e se manifestar; 2) a vontade própria, natural [a vontade original da Natureza], auto-engendrada no lugar (*locus*) da egoidade, na tenebrosa **força contrativa**, que também deseja um *contrarium* que lhe seja semelhante a fim de que, através de sua apreensão, ela possa tornar-se substancial. O único fundamento natural que deseja para si é a sua própria corporalidade.

28. Podemos compreender assim a coexistência da vontade boa e da má em todas as coisas. Além disso, po-

14. As idéias arquetípicas de todas as coisas, que estão na Sabedoria divina, só ganharam uma existência criatural depois que a Inteligência divina as apreendeu e as introduziu na divisibilidade e na corporalidade. Foi devido a isso que os anjos, as almas humanas, os animais, as plantas etc., que existiam em potência, apenas como idéias da Mente de Deus, passaram a existir em ato, "descendo" para habitar os diversos Mundos manifestados.

demos compreender corretamente 1) como o fundamento interior, espiritual, de todos os seres, origina-se do poder divino; 2) como um desejo [ou fundamento] próprio, natural, também surge em todas as coisas; 3) como todos os corpos visíveis dos seres perceptíveis originam-se do desejo da Natureza.

29. A partir disso, devemos notar claramente que assim como o desejo próprio, natural — que tem um início —, torna-se substancial e cria um *contrarium* para si mesmo, isto é, uma semelhança de si, por meio do qual ele age, assim também o Fundo divino, a boa Vontade una, através da apreensibilidade de seu amor, cria para si um *contrarium* (os seres espirituais), no qual a Vontade divina age: introduz o poder divino na divisibilidade e em corpos a fim de manifestá-lo na glória divina.

30. E é necessário ressaltar que neste mundo [material] há sempre duas naturezas em uma: uma eterna, divina e espiritual; outra criada, natural e perecível, [que reside] na vontade própria. Portanto, dois tipos de vontade são encontrados em uma vida: uma criada e natural, na qual a vontade é seu próprio *astrum*¹⁵ e que interage com todas as qualidades externas: naturais, elementais e astrais; outra, eterna e espiritual, que é uma apreensão da Vontade divina, com a qual esta também cria um *contrarium*, um ser, e no qual age. Essas duas devem ser compreendidas como dois Princípios (*principia*): a divina como *principium* celeste e a temporal como *principium* terrestre.

31. E assim como o *principium* celeste está imbricado no terrestre, este também o está no celeste, e no entanto

15. Isto é, a vontade natural extrai de si mesma sua alma astral (o *astrum* da terminologia de Paracelso), o fundamento de sua vida.

nenhum deles é o outro, pois o celeste tem uma natureza espiritual, que é um poder totalmente essencial e que permeia o terrestre. Embora a natureza espiritual tenha apenas o seu *principium*, dá poder ao *principium* terrestre, de modo que este adquiere outra vontade e anseia o celeste. Este anseio é um desejo de abandonar a vaidade da natureza, sobre o que a Escritura diz: *Por isso, a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à vaidade (não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou), mas com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia* (Romanos 8:19-22).

32. Entenda isso corretamente. O desejo em direção à Natureza emanado do poder divino, do qual [desejo] originaram-se a Natureza e o ego, aspira ser livre da vontade própria, natural.

33. Contra a própria vontade, esse desejo é oprimido pela contração da Natureza, pois Deus o introduziu nela. Porém no fim deste tempo¹⁶ ele será libertado da opressora vaidade da natureza e será conduzido a uma Natureza clara e cristalina. Então ficará evidente o motivo de Deus tê-lo encerrado num tempo e tê-lo sujeitado ao sofrimento: para que, através do sofrimento natural, o poder eterno pudesse ser levado às formas corporais e às criaturas (à divisibilidade perceptível), para que estas criaturas, como vidas naturais, fossem um jogo no *contrarium* da Sabedoria di-

16. No juízo final, quando o Mundo material temporal em que vivemos deixar de existir.

vina. Pois através da loucura¹⁷ a Sabedoria torna-se manifesta, já que a loucura atribui poder à sua própria egoídade, embora apoie-se num fundamento que tem um início e um fim.¹⁸

34. Assim, a vida eterna é revelada através da loucura, a fim de que nela possa elevar-se um louvor à glória de Deus e o eterno e permanente possa torna-se conhecido no mortal.¹⁹

35. Com isso, é dada uma resposta à primeira questão levantada pela razão: a de que parece que todas as coisas ocorrem por acaso e que não há um Deus, uma vez que Ele deixa que o justo e piedoso viva no sofrimento, na angústia e na tribulação e acaba por levá-lo ao túmulo, como faz com o homem mau. Parece que Deus não se interessa por nada, ou que não há um Deus, uma vez que a razão não o vê, conhece ou sente. Então lhe é dito que sua própria vida [da razão] é apenas um *contrarium* da verdadeira vida e, se não encontra em si fome ou desejo algum pela vida da qual se originou, ela não passa, em sua própria vida, de uma loucura e de um jogo onde a Sabedoria manifesta suas maravilhosas potencialidades.

17. A loucura é uma mente e uma vida que pretendem apoiar-se apenas em si mesmas: é a razão natural e a vontade própria.

18. Isto é, na vida temporal.

19. Pois através do sofrimento infligido à vontade própria, a vida e a razão que querem se apoiar apenas em si mesmas (o que é a loucura) desejam retornar à sua origem, à Deus. E se perseveram nesse desejo e nesse retorno, o celeste acaba por manifestar-se no terrestre, isto é, Deus, a Liberdade, o Amor e a Paz eternas manifestam-se no homem, libertando-o de toda a dor.

36. Pois no que diz respeito à natureza exterior, a razão vê essa loucura no homem sábio:²⁰ vê que Deus abandona a loucura²¹ do sábio, para que ela passe pela vergonha e pelo desprezo diante dessa louca inteligência egoísta²² que não conhece seu próprio fim. Por isso, a louca razão supõe que não há Libertador. Não entende que o homem sábio é livre em si mesmo e que será redimido da loucura herdada nem que, através do sofrimento e das contrariedades que lhe são infligidas pelos homens maus, sua vontade própria chega à própria ruptura e ao não querer, caindo então em sua primeira origem, a Vontade de Deus, e ali nascendo de novo. [Ela não entende] que não é a grosseira carne mortal que serve a Deus, e como não compreende isso, pensa que é a egoísta vida animal que Ele quer libertar. Porém o que importa a Deus é que a vontade própria (o egoísmo) seja rompida e caia de novo Nele, pois com isso a boa natureza interior [do homem] é apreendida na Vontade de Deus. Todavia, quando isso ocorre, mais sofrimento é lançado sobre o corpo natural, a fim de que a vontade própria, natural, não retorne ao desejo próprio de seu egoísmo, não se

20. Isto é, exteriormente, vê no homem sábio a mesma vida natural que em todos os outros homens e que, considerada apenas em si mesma, não passa de uma loucura.

21. A vida própria, natural, carnal e perecível.

22. Isto é, diante da razão dos homens tolos, separada da verdadeira Inteligência. Pois para os homens sábios, dotados da verdadeira Inteligência (*Binah*) que sempre contempla a Sabedoria divina (*Hokhmah*) e é por ela fecundada, a vida exterior natural não passa de um frágil e temporário suporte da verdadeira e eterna vida. Como diz a Escritura: *A Sabedoria de Deus é loucura para os homens e a sabedoria dos homens é loucura para Deus* (I Coríntios 1-2).

estabeleça como um dominador do fundamento interno e não destrua a verdadeira imagem de Deus.²³

37. A razão terrestre não entende isso, pois não compreende como Deus a habita nem o que a Vontade e o Ser de Deus são. Não sabe que Deus a penetra e está muito próximo dela e tampouco sabe que para a Sabedoria sua vida não passa de uma loucura através da qual aquela se revela a fim de poder ser conhecida. A vontade da razão desviou-se de Deus em direção ao egoísmo e vangloria-se de seus próprios poderes e habilidades. Não vê que estes poderes são criados e finitos, tiveram um início e terão um fim; que não passam de um jogo, de um espelho por meio do qual a Sabedoria contempla-se durante certo tempo na loucura do homem sábio. Enfim, [ela não entende que] através de tal sofrimento, a loucura do homem sábio despedaça-se²⁴ para que ele odeie ainda mais a frágil vida louca, morra mais profundamente para a razão [terrestre] e entregue completamente sua vontade a Deus.

38. A razão terrestre considera isso como insensatez, especialmente quando vê que Deus também abandona a

23. Não destrua o Novo Homem (a imagem de Deus) que nasceu quando a vontade própria foi rompida e entregou-se à Vontade de Deus.

24. A razão natural e a vontade própria. Embora no homem sábio, que é o Homem Renascido, elas já tenham sido, em boa parte, desapropriadas e submetidas à Sabedoria e à Vontade de Deus, restam ainda muitas desapropriações para que possam chegar à submissão completa em todos os níveis e o homem alcance a perfeição da regeneração, da santificação e da união com Deus, tornando-se então um Homem Perfeito ou Universal, perfeita imagem e semelhança de Deus. Sobre este tema, o leitor lerá com proveito *A Senda do Homem Celeste* de J. G. Gichtel e *Os Diferentes Níveis de Realidade — O Paradoxo do Nada* de Patrick Paul, publicados por esta editora.

loucura terrestre do sábio e deixa que seu corpo,²⁵ onde esta se contempla, desça ao túmulo sem ajuda. Pois com isso supõe que esse homem não recebeu de Deus libertação alguma. Depreende que sua fé certamente foi equivocada, ou Deus o teria libertado durante o tempo de sua vida.

39. Além disso, como não sente a punição [pelas maldades] aqui [na Terra], conclui que não há nenhuma séria determinação [a ser tomada] aqui.²⁶ Não sabe que quanto mais perseverar na loucura, mais forte se tornará nele a fonte da dor eterna, de modo que quando a luz da natureza exterior perecer — sob a qual se exibiu durante um tempo com seu egoísmo — se encontrará nas trevas e na dor eternas, pois então seu falso desejo próprio será tão somente uma vontade contrária e uma severa, penetrante e dura pungência nele mesmo.

40. Durante esta vida [terrestre], deposita sua esperança na ajuda externa, se conduz ao prazer de sua vontade e considera isso como o reino do céu. Todavia, quando sobrevém a morte e a luz exterior se apaga, ele se vê no desespero eterno e não vê libertador algum nele nem perto dele.

41. No entanto, durante esta vida, o homem sábio vê a loucura²⁷ que traz atrelada a si (que a razão considera como inteligência) e aprende a odiá-la. Assim sua sabedoria (que o mundo considera como loucura) tem de ser vista

25. O corpo físico do sábio.

26. Conclui que não há por que tomar, aqui na Terra, a séria decisão de desviar-se daquilo que é temporal e voltar-se para o que é eterno.

27. A razão natural e a vontade própria.

pela sua razão como loucura, sendo, com isso, muito humilhada. E assim Deus também odeia a louca vida mortal do homem sábio, assim como ele próprio a odeia, para que a verdadeira vida divina possa governar nele com a Inteligência.²⁸ Por isso em Deus não há pesar pelo corpo mortal do sábio, pois no espírito e na vontade do sábio Ele apreende em Si o *ens* [o ente ou a essência] divino dele [do sábio] e deixa o corpo da loucura descer ao túmulo com ela, até o dia da separação final.²⁹

42. A razão é louca porque não entende isto. E um homem é considerado homem não segundo a loucura, mas segundo o Espírito de Deus. E não deve julgar as coisas divinas conforme as imagens da razão, pois está escrito: *Quem semeia na sua carne (na mortal razão de sua própria vontade), da carne colherá corrupção; mas quem semeia no espírito (na Vontade divina) e coloca sua vontade na esperança da promessa divina, do espírito colherá a vida eterna (Gálatas 6:8).*

28. A Inteligência ou o Intelecto (*mens*) é muito diferente da razão (*ratio*). O fundamento desta última reside neste mundo astral-material — a razão é uma faculdade natural do Homem Natural ou Animal —, de modo que não pode avançar além dele com seu discernimento, enquanto a Inteligência — que é uma faculdade do Homem Renascido — tem seu fundamento no Mundo divino (vale lembrar que ela corresponde à sefirá *Binah* da Cabala) e pode penetrar em todos os Mundos ou em todos os diferentes níveis de realidade, pois perscruta contínua e diretamente a Sabedoria divina (correspondente à sefirá *Hokhmah*), que pouco a pouco vai lhe revelando grande número dos seus mistérios.

29. Pois no dia do juízo final, a virtude celeste dos próprios corpos físicos será retirada novamente do túmulo e dada aos justos.

CAPÍTULO II

Sobre a mente, a vontade e os pensamentos da vida humana. Como eles se originam da Vontade de Deus e são um contrarium ou uma imagem de Deus, na qual Ele quer, age e habita.

1. A razão diz: “Posto que a mente e os sentidos são uma vida natural que teve um início e está no tempo e na transitoriedade, como podem, durante esta vida [terrestre], ser levados à supra-sensível vida divina? Ou como a vida supra-sensível ou sobrenatural pode habitar a vida natural?”

2. *Resposta:* A vida do homem é uma forma [proveniente] da Vontade divina e foi insuflada por Deus na imagem criada do homem. Ela é a Palavra formada do conhecimento divino, mas foi tão envenenada pelo sopro *contrarium* do diabo e da cólera da natureza temporal, que a vontade da vida revestiu-se com o *contrarium* terrestre exterior da natureza mortal,³⁰ deixando seu próprio *temperamentum* [equilíbrio, harmonia] e entrando na separação das qualidades.

3. Por isso ela ainda habita uma imagem [ou forma] terrestre e traz em si três *principia*. De acordo com sua verdadeira origem, ela se encontra no afluxo da Vontade de Deus, no conhecimento divino, e originalmente era um *temperamentum* [harmonia] no qual a força divina agia de

30. Com a queda de Adão e seu progressivo afastamento de Deus, a vida da humanidade tornou-se cada vez mais terrestre e animal.

maneira sensível. Era um Paraíso, uma ação das forças divinas, uma perpétua configuração da Vontade divina. Esse desabrochar [do Paraíso] deve ser entendido como o afluxo dos bons sentidos, através dos quais a Sabedoria divina é configurada, de modo que mediante tal figura [ou imagem] a Inteligência divina revela-se através do afluxo da vida dos sentidos [bons, celestes]. É por isso que [essa figura]³¹ é justamente denominada uma imagem de Deus, na qual a Vontade divina se revela.

4. Porém quando o colérico demônio soprou sobre essa imagem, sobre o primeiro *principium* dessa vida [do homem],³² sugeriu que seria bom e proveitoso que rompesse com o afluxo dos sentidos da vida do *temperamentum*,³³ que se dirigisse a uma imagem que lhe fosse própria e tivesse uma existência em conformidade com as qualidades ou propriedades da pluralidade, a fim de provar a desarmonia, isto é, conhecer o bem e o mal e ser sensível a eles.

5. Então a vontade própria da vida [do homem] concordou com isso e conduziu os sentidos a um afluxo concupiscente. Estabeleceu-se num desejo próprio e apreendeu-se no egoísmo.

6. Imediatamente, o conhecimento da vida revelou-se nas propriedades ou qualidades [múltiplas], a natureza

31. O Homem.

32. O primeiro *principium*, o Mundo tenebroso e *centrum* da Natureza eterna — que é constituído pelas três primeiras forças ou qualidades da Natureza (a **adstringência** ou **contração**, o **amargor** ou **expansão** e a **angústia** ou **rotação**) —, é a raiz da alma eterna (a centelha divina) do homem.

33. Sugeriu que o homem destruísse a harmonia que reinava entre as forças e entre os *principia* que o constituíam.

[material] aprisionou a vida [do homem] na desarmonia e adquiriu seu domínio. Com isso, a vida [do homem] começou a sofrer e o fundamento divino interior da vontade e da natureza benignas extinguiu-se, isto é, tornou-se inoperante para a criatura. Pois a vontade da vida rompeu com esse fundamento e dirigiu-se à perceptibilidade: foi da unidade à multiplicidade e lutou contra a unidade ou contra o repouso eterno e único Bem.

7. Quando isso ocorreu, o fundamento divino (o segundo *principium*,³⁴ no qual a força divina e a exalada Vontade de Deus, a Sabedoria de Deus, imprimiram-se na vida das imagens [ou formas] como no *contrarium* de Deus) eclipsou-se na vontade falsa, pois a essência santa mergulhou na terrenidade, onde o mal e o bem estão em combate.

8. Entenda isso: A eterna e insondável vontade da vida [do Homem Original] desviou-se do *ens* [ente ou essência] divino e desejou reinar no mal e no bem, por isso o segundo *principium* (o reino de Deus), extinguiu-se para ela. No lugar dele revelou-se o terceiro *principium* [o Mundo material], fonte das estrelas e dos quatro elementos, e com isso o corpo [do Homem Original] tornou-se grosseiro e animal e seus sentidos tornaram-se falsos e terrestres.

9. Assim sua vida perdeu o *temperamentum* (a harmonia eterna) e, com seu desejo próprio, tornou-se tenebrosa, angustiada, severa, dura e rude. Tornou-se pura inquietude e agora caminha sob um poder terrestre proveniente de um

34. O segundo *principium*, que em Deus é o Mundo de Luz, o Mundo angélico — constituído pelas três últimas das sete forças da Natureza eterna (a **luz**, o **som** e a **corporalidade**) —, tanto no Homem Original (Adão) como no Homem Renascido é o espírito eterno e o corpo de Luz.

fundamento eterno. Procura repouso no que é frágil,³⁵ mas não o encontra, pois a fragilidade não tem semelhança com a vida. Por isso a vida [do homem] eleva-se neste mundo [material] e reina na força perecível das estrelas e dos elementos, como se fosse um deus da natureza [material]. É devido a tal abominável conduta que ela se tornou tola e louca, de modo que nessa imaginação (*bildung*) terrestre e nessa auto-elevação ela não pode conhecer seu próprio fundamento e seu estado original, onde está seu repouso eterno. Como ela quis habitar o que perece, o que passa tão rápido quanto fumaça,³⁶ conduziu-se para fora do *ens* [ente ou essência] divino e entrou num *ens* terrestre, tornando-se um ser extremamente frágil.

10. E quando aquilo que ela dominou por um breve tempo [o mundo material] se rompe [ou perece], a vida subsiste no primeiro *principium*³⁷ — na contrariedade e nas trevas — e não passa de uma perpétua, inextinguível e dolorosa fonte de Fogo, semelhante a todos os demônios.

11. Imediatamente após tal queda, o grande amor de Deus veio novamente em auxílio dessa vida cativa e insuflou-se de novo no *ens* interior, na essência extinta de natureza divina. Deu-se à vida [do homem] como um *contrarium*, como uma nova fonte da unidade, do amor e do repouso divinos. Entrou no extinto *ens* divino e revelou-se ali, com o que a vida foi capaz de extinguir a dor e a

35. Nas coisas terrestres, que perecem.

36. O Mundo material.

37. Releer a nota 32. No quarto tratado deste livro, *Os Profundos Princípios de Jacob Boehme*, os três *principia* (os três Mundos ou Reinos) e a queda do homem são explicados de maneira mais detalhada e compreensível.

inquietação [que tinham sido] despertados no *centrum* de sua egoidade.

12. Além do mais, através do seu afluxo em Cristo, essa nova fonte da unidade e do amor divinos introduziu-se na verdadeira vida de todos os três *principia* da natureza humana. Entrou no *contrarium* dos sentidos, isto é, na natural, criatural, desviada e configurada vontade da vida, assumiu a humanidade e rompeu o egoísmo e a vontade própria com o simples afluxo do amor de Deus, com o eterno UM, conduzindo de novo a vontade da vida ao eterno UM e ao *temperamentum*. Com isso, a vontade que fora despertada pelo demônio foi destruída e o sofrimento da vida levado ao verdadeiro repouso; o cativo foi explodido — isto é, a morte — e o paradisíaco florescimento divino, com os sentidos e atos divinos, restaurados. A vida santa atravessou o confinamento da morte, repreendendo a morte e a vontade do demônio, e assim mostrou poderosamente como o eterno UM pode predominar sobre a multiplicidade e a egoidade e como o poder da semelhança configurada [ou *contrarium*] não pode ser um deus, pois somente o poder do não-configurado e supraconfigurado rege todas as coisas. O que é configurado como uma semelhança é apenas um *contrarium* para a não-configurada Vontade de Deus, através do qual ela age.

13. No entanto, visto que o grande amor de Deus em Cristo veio à vida humana numa forma terrestre para ajudá-la e, na vida da humanidade de Cristo, estabeleceu para nós, pobres homens, uma porta aberta para a entrada da graça divina, então a questão agora é a vontade da vida aprisionada nessa semelhança terrestre abandonar de novo o terrestre, o ego e a vontade própria e imergir-se inteiramente nessa incorporada graça que, através de um só, penetrou em todos, alcançando até o primeiro homem

(Romanos 5:18). Ela [a vontade] tem de tomar essa graça para si e, na virtude dessa possessão e dessa divina união, mergulhar com a resignada vontade da vida no supra-sensível e supraformal eterno UM, primeiro fundo do início da vida. Deve entregar-se de novo ao fundo (*grund*) do qual a vida brotou, pois agindo assim entra de novo em seu lugar eterno, no *temperamentum*: na verdadeira harmonia.

14. A razão diz: “Como um homem pode fazer isso se a Escritura diz que o primeiro homem foi criado para a vida natural, a fim de dominar sobre todas as criaturas e seres deste mundo (I Coríntios 15:45 e Gênesis 1:28)? Para isso,³⁸ a vida não tem de inserir seu desejo na qualidade ou natureza terrestre?” *Resposta*: A vida humana está assentada num *contrarium* da Vontade divina, no qual e através do qual Deus quer, e as criaturas terrestres estão assentadas num *contrarium* da vida humana, no qual o homem deve querer. Todavia, unindo-se à Vontade de Deus, a vontade do homem deveria governar toda a vida natural e criatural, pois deveria assentar-se não na essência animal, mas na divina. Embora a vida do homem tenha sido colocada na natureza, sua natureza era um *temperamentum* e sua vida uma morada da Vontade divina.

15. No entanto, como durante este tempo a vida tem de residir numa essência terrestre e não pode libertar-se dela, o homem deve conhecer a natureza tripla de sua vida (conforme os três *principia*),³⁹ pois devido a ela a vida do homem pode lançar-se no Ser supra-sensível de Deus. A razão pergunta: “Como isso pode ser feito?”

38. Para exercer esse domínio sobre as criaturas.

39. Terrestre ou animal (terceiro *principium*), celeste ou angélica (segundo *principium*) e tenebrosa ou infernal (primeiro *principium*).

16. Cristo diz: *Sem mim nada podeis fazer* (João 15:5). Homem nenhum pode atingir o supremo fundamento por sua própria habilidade ou poder. Para fazê-lo, tem de mergulhar no fundamento mais interior do primeiro *principium*, envolvido na graça incorporada, e, em conformidade com tal fundamento, permanecer quieto em seu próprio ser. Tem então de confiar em Deus e entregar-se inteiramente à Vontade Dele, de maneira que sua vontade própria não mais queira falar conforme seu próprio fundamento, mas somente conforme o que Deus falar e quiser através desse fundamento. Assim estará a caminho da mais elevada meta.

17. Se fosse capaz de permanecer quieto para sua vontade própria e para sua palavra interior por uma hora ou até menos, a Vontade divina falaria nele. Deus apreenderia em si sua vontade e falaria no interior da criada, natural e externa vida da razão, iluminando a imaginação terrestre e dissolvendo a vontade da razão. Com isso, as supra-sensíveis Vida e Vontade divinas imediatamente floresceriam no centro da vontade da razão.

18. Pois se a vontade própria da vida, que se desviou da Vontade de Deus, pudesse deter, ainda que por um momento, suas ações na natureza, seria lançada para além de toda natureza, uma vez que na vida que se entrega ao seu fundamento divino o *falar* de Deus não pode deixar de exprimir-se.

19. Pois se a vida fica quieta para sua vontade própria, então está no Abismo da Natureza e da criatura, no eterno *falar* de Deus, e Ele fala nela.

20. Pois a vida se originou e veio ao corpo através do *falar* de Deus e não passa de uma imagem da Vontade de Deus; então, se sua imaginação e vontade próprias se ca-

lam, a imaginação e a Vontade divinas se elevam. Pois o que quer que seja desprovido de vontade constitui uma só coisa com o Nada e está fora e acima da Natureza. E esse Abismo [ou Nada] é o próprio Deus.

21. Portanto, visto que o Abismo, isto é, o Sem-fundo (*Ungrund*), Deus, é um eterno *falar*, um soprar de si mesmo, então o Abismo ou Sem-fundo também fala na vida resignada:⁴⁰ o sopro do Sem-fundo fala através do imóvel fundo (*grund*) da vida. A vida elevou-se a partir do sopro divino e é uma semelhança dele, por isso uma semelhança apreende a outra. É possível entender isso tomando como base os pensamentos. Eles também são um afluxo do sopro da mente, como a mente é um afluxo e *contrarium* da Mente divina, do Conhecimento divino.

22. Assim como, através do soprar de sua Sabedoria e de seu Conhecimento eternos, Deus revelou-se, mediante a Natureza e a Criação, na santa vida interior dos anjos e dos homens e introduziu Sua Vontade de conhecimento na forma, a fim de ser proferido novamente de maneira formada, verbal, assim também, por meio da natureza [visível] e do contínuo soprar das criaturas do mundo visível,⁴¹ sempre fez com que o exterior, proferido pela natureza, estivesse sujeito ao fundo interior, de modo que o interior governasse o exterior corporal e fosse o espírito dele.

23. Portanto, saiba que a introvertida⁴² vida do homem renascido pode e deve, com a força e poder divinos, governar a vida racional exterior [proveniente] das estrelas e

40. Isto é, na vida que entregou sua vontade à Vontade de Deus.

41. Através da contínua criação das criaturas do mundo visível.

42. Isto é, voltada para o interior.

dos elementos. Se a vida eterna interior do homem não governa a vida exterior, terrestre e astral com o Poder e a Luz divina, rompendo a vontade do desejo terrestre (no qual jaz a imagem da serpente), então ainda não houve novo nascimento, a vontade divina não está presente em ato nessa vida e tal homem (enquanto permanecer apenas na vontade terrestre) não é um filho do céu. Pois através da imaginação da vontade falsa, a sabedoria divina [do homem] adquire uma qualidade terrestre animal e ele passa a ser, em seu corpo, um animal maligno e, em sua alma, uma vontade falsa e adversa, que não quer Deus, mas habita sua própria imaginação e conhecimento sensíveis, à maneira dos demônios.

24. Por isso Cristo diz: *Quem não ajunta comigo, separa* (Mateus 12:30). Isto é, quem não trabalha, quer e age conforme a incorporada graça divina — que Deus revelou e ofereceu através de Cristo —, mas trabalha segundo a vontade própria, natural, dispersa não apenas a ordem divina dos sentidos, mas também suas próprias obras, em direção a um falso fundamento.

25. Tome o Sol como exemplo. Se uma planta não tem seiva, ela é queimada pelos raios do Sol, mas se tem seiva, os raios do Sol a aquecem e a fazem crescer. O mesmo ocorre na vida da essência do homem. Se ela não tem o *ens* [a essência] da doçura e do amor de Deus, o eterno UM, imprime-se numa feroz e ígnea pungência, de modo que torna-se completamente inflamada, faminta, concupiscente, invejosa e espinhosa, fazendo com que um pensamento e uma vontade semelhantes brotem na vida do corpo em todos os seus caminhos e obras.

26. Tal natureza ígnea, concupiscente e invejosa dispersa e destrói com o pungente sentido (*sensus*) da vida tudo

que é bom. Tudo aquilo com que ela tem contato corre perigo, pois ela lança sobre tudo seus envenenados raios. Quer atrair tudo para si e então lança seu veneno, sua fome, sua cobiça, sobre aquilo que quer possuir. Todavia, se essa ígnea vida vem a comer do amor divino, torna-se semelhante à luz brotando do fogo: a verdadeira vida sai da natureza ígnea como um novo espírito, como vontade do amor divino, e não é mais devoradora como a natureza do fogo, mas doadora como a da luz. Pois a vontade do amor doa-se a si mesma, como a luz emanada do fogo doa-se a todas as coisas e produz algo de bom em tudo.

27. Se o Sol não mais brilhasse nas profundezas deste mundo, o *Spiritus mundi*⁴³ das estrelas seria totalmente severo, rude, seco, adstringente, grosseiro, tenebroso e duro na natureza sulfúrea e mercurial dos quatro elementos. Então toda a vida que há nos elementos morreria e o homem logo veria o que são o inferno e a cólera de Deus.

28. De maneira similar, o homem exterior é o *limus*⁴⁴ do Mundo exterior elemental e sua vida tira a subsistência da força do Sol e das estrelas cujo corpo, assim como o da terra, é uma coagulação do *Spiritus mundi*. Se o alimento do homem exterior não tivesse em seu interior a luz e o amor da força do Sol, ele se tornaria completamente mau, ígneo e mortal e sua vida exterior se extinguiria.

29. De maneira similar, a alma é o *limus* do mundo espiritual interior, proveniente do *Mysterium Magnum*, isto é, do afluxo e do *contrarium* da Força e do Conhecimento

43. O *Spiritus mundi* ou Espírito do Grande Mundo é a força proveniente do Sol e das estrelas.

44. O *limus* (lama, em latim) é uma quintessência, a extração de uma totalidade. No caso, é a quintessência de todo o Universo visível.

divino, e tem de receber a essência do amor por alimento. Se não o recebe, separa-se do Sem-fundo, isto é, da resignação ou renúncia, e torna-se pungente, ígnea, tenebrosa, rude, invejosa, hostil, rebelde e completamente inquieta. Entra numa fonte [ou *principium*] mortal e irada, que é sua danação e morte. Foi justamente isso que ocorreu com o demônio e é o que ocorre com todos os homens maus.

30. Todavia, se tal fonte ígnea [da alma] consegue alcançar e receber de novo em si o amor divino, isto é, a Luz essencial de Deus, então transforma-se num reino de alegria e de louvor a Deus. O que não é possível sem a mudança da vontade, isto é, sem que ela detenha seu querer próprio e seu egoísmo. Pois assim como numa dura pedra a luz do Sol não pode agir como nas ervas e nas árvores, uma vez que na pedra a água está coagulada numa dura contração,

31. Assim também a doçura divina não age na falsa vontade própria da alma, pois sua natureza é constituída de uma ígnea cobiça e uma pungente inveja.⁴⁵ Por isso Cristo diz com justeza: *O homem que não comer este pão que desceu do céu para dar vida ao mundo, não tem vida em si* (João 6:50-58). Ele se refere aqui ao amor essencial que Deus revelou nele próprio [Jesus Cristo] como uma nova fonte, para o refrigério da pobre alma ressecada. A alma que não come dele não pode alcançar a luz divina e está privada da vida divina, uma vez que ele se autodenomina *a Luz do mundo* (João 8:12). Os Salmos dizem: *Aos justos nasce luz nas trevas* (Salmos 112:4).

45. Correspondentes às duas primeiras propriedades que compõem a alma: a **adstringência** (cobiça) e o **amargor** (inveja).

CAPÍTULO III

*Sobre o fundo (grund) natural. 1) Como a Natureza é um contrarium para o Conhecimento divino, através do qual a Vontade eterna e o Conhecimento insondável e sobrenatural tornam-se perceptíveis, visíveis, operantes e desejosos. 2) O que é o *Mysterium Magnum*. 3) Como Deus está perto de todas as coisas e preenche tudo.*

A mais preciosa porta, a ser cuidadosamente considerada pelo leitor que ama Deus.

Em João 1:1-3 está escrito: *No início era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no início junto de Deus. Tudo foi feito por intermédio dele e sem ele nada do que foi feito se fez.*

1. O início de todos os seres foi o Verbo ou a Palavra, como sopro exalado de Deus. Desde a eternidade Deus é o eterno UM e assim permanecerá eternamente, mas o Verbo é o afluxo da Vontade divina ou o Conhecimento divino. Pois assim como os pensamentos afluem da mente e esta não perde sua unidade, assim também ocorre com o eterno UM no afluxo da Vontade. Está dito: *No início era o Verbo*, pois o Verbo, como afluxo da Vontade de Deus, é o eterno início e assim permanece eternamente, uma vez que ele é a revelação do eterno UM, através da qual a Força divina é levada ao conhecimento de algo. Nós entendemos o Verbo como a revelação da Vontade de Deus. E entendemos Deus como o Deus oculto, isto é, o eterno UM, a partir do qual brota eternamente o Verbo.⁴⁶

46. A respeito disso, o leitor também leria com proveito *Os Diferentes Níveis de Realidade — O Paradoxo do Nada*, de Patrick Paul,

2. Assim, o Verbo é o afluxo do divino UM e, como sua revelação, é o próprio Deus.

3. Esse afluxo emana de Deus e o que flui dele [Verbo] é a Sabedoria [a Sófia, a Virgem], que é o início e a causa de todas as forças, cores, virtudes e qualidades.

4. Dessa revelação das forças [a Sófia], na qual a Vontade do eterno UM se contempla, flui a Inteligência e o Conhecimento de todas as coisas (*ichts*).⁴⁷ Como mediante a Sabedoria o eterno UM contempla-se em algo, toma-se de um desejo pela [manifestação de sua] imagem e semelhança.⁴⁸

5. Essa semelhança é o *Mysterium Magnum*, isto é, o criador de todos os seres e criaturas, pois ele é o *separator* no afluxo da Vontade,⁴⁹ é o que torna divisível a Vontade do eterno UM. Ele é a divisibilidade da Vontade, a partir da qual as forças e qualidades se manifestam.

6. Essas forças, por sua vez, também são um afluxo de si mesmas, no qual cada uma delas se conduz a uma vontade individual, conforme suas diferentes virtudes. Advém daí a

op. cit., que tem como eixo-mestre os mesmos versículos do Evangelho de São João citados aqui por Jacob Boehme e os explica de maneira exatamente análoga a este, mas apoiando-se na Árvore da Vida da Tradição judaica.

47. O conhecimento das idéias ou imagens arquetípicas de todas as coisas.

48. Isto é, deseja que as idéias e imagens que, com a Inteligência (*Binah*), Ele contempla na Sabedoria (*Hokhmah*) venham para a existência concreta através do Conhecimento (*Daath*) — que é análogo ao *Mysterium Magnum* —, com a ressalva de que aqui a palavra *concreta* não quer dizer material, mas dotada de uma corporalidade angélica e celestial.

49. O *Mysterium Magnum*, o *separator* ou *archeus* no afluxo da Vontade, é o princípio que extrai o múltiplo a partir do Um e tem correspondência com a sefirá *Daath* (Conhecimento) da Tradição judaica. Sobre o *separator*, ver também o versículo 17 deste capítulo.

multiplicidade das vontades, como também a vida criatural da eternidade, isto é, os anjos e as almas. No entanto, não é correto qualificar o *Mysterium Magnum* de Natureza ou Criação, mas de formação do Verbo e da Vontade divinos, por meio da qual o Espírito de Deus brincou consigo mesmo nas forças da Sabedoria como num *contrarium*.

7. Assim como através dos pensamentos a mente do homem se introduz na inteligência (num *contrarium* que lhe é semelhante), afluindo junto com os pensamentos e apreendendo-se em imagens nas quais a vontade da mente age — de modo que, mediante o desejo, ela se conduz à pungência, isto é, a uma magnética atração, da qual surgem a alegria e a tristeza —,

8. Assim também, no que diz respeito à perceptibilidade da Mente eterna, devemos entender que através do Verbo, o afluxo da Vontade una de Deus introduziu-se na divisibilidade e esta na possessividade — na cobiça e no desejo de sua própria auto-revelação —, passando assim da Unidade à multiplicidade.

9. O desejo é o fundamento, o início da natureza, da perceptibilidade da vontade própria. Por meio dele a divisão da Unidade foi conduzida à possessividade, com o que a multiplicidade das vontades foi levada à perceptibilidade da ipseidade [ou egoidade], à verdadeira vida criatural perceptível, ou seja, foi levada à criação dos anjos e das almas.

10. Pois a Vontade do eterno UM não é perceptível nem tende para nada, uma vez que nada há para onde possa tender, exceto para Ele mesmo. Por isso, Ele se conduz para fora de si e leva o afluxo de sua Unidade à multiplicidade, à apreensão da ipseidade ou egoidade, como um lugar [ou estado] da Natureza do qual advêm as qualidades. Cada qualidade tem seu próprio *separator* (seu divisor e

criador) em si mesma e é completa em si, conforme a natureza da Unidade eterna.

11. Assim, o *separator* de cada vontade desenvolve, por sua vez, qualidades em si mesmo, de onde surge a ilimitada multiplicidade. Com isso, o eterno UM se faz perceptível, não conforme a Unidade, mas conforme o afluxo da Unidade. Todavia, devido à magnética possessividade, o afluxo é levado à grande pungência e, por fim, à natureza ígnea, na qual o eterno UM torna-se Majestade e Luz. Com isso, a força eterna torna-se desejosa e efetiva e dá origem à vida sensível, uma vez que no verbo das forças em afluxo origina-se uma eterna vida sensível. Pois se a vida não tivesse sensibilidade ou perceptibilidade alguma, tampouco teria vontade ou efetividade. Quem a torna efetiva e capaz de vontade é a angústia. Porém a Luz proveniente da ignição do fogo a torna alegre, pois a Luz é uma unção [uma cura] da angústia.

12. O Mundo visível e suas criaturas foram criados a partir dessa eterna operação da perceptibilidade e da sensibilidade que esteve presente na Natureza desde a eternidade. Com o surgimento do Mundo visível esse eterno movimento em direção ao Fogo, à Luz e às Trevas conduziu-se a um *contrarium* e fez com que o *separator* presente em todas as forças do afluxo se tornasse um administrador da Natureza, por meio do qual a Vontade eterna governa, produz, forma e configura todas as coisas.

13. Portanto, não podemos dizer de modo algum que a essência de Deus é algo que está distante, que possui um lugar ou habitação especial, pois o Abismo da Natureza e da criação é o próprio Deus.

14. O Mundo visível, junto com suas criaturas, não é outra coisa senão o afluxo do Verbo inserido em qualida-



18. A outra vida é um primitivo afluxo do *separator* de todas as forças e é chamada de “alma do Mundo exterior”.⁵¹ Esta vida torna-se criatural por meio do afluxo das qualidades e é uma vida de todas as criaturas do Mundo visível, através da qual o *separator* ou criador deste mundo configura-se e produz uma imagem do Mundo espiritual, na qual a força do Mundo espiritual forma-se, configura-se e vê a si mesma.

19. Pois o Mundo espiritual de Fogo, Luz e Trevas está oculto no Mundo visível, elemental e age através dele. Com seu afluxo e por meio do *separator* imprime-se em tudo, conforme a espécie e a qualidade de cada coisa. Como cada coisa pertence a uma espécie e a uma qualidade específicas, cada uma recebe sua força do *separator* a partir da força espiritual interior. Não que o visível se aproprie da força do invisível, de modo que o exterior [visível] seja mudado no interior [invisível, espiritual]. Não, não é assim. A força das plantas, árvores e metais configura-se da mesma maneira que a força interior, pois seu espírito exterior é apenas um instrumento do espírito interior ou da força interior que se imprime no espírito exterior.

20. Nas forças das coisas que crescem há três tipos diferentes de *spiritus* em distintos *centra*, mas em um só corpo. O primeiro, o exterior [o espírito dos elementos], é o rude espírito do enxofre, do sal e do mercúrio, que é uma essência dos quatro elementos ou das estrelas, conforme a qualidade da rudeza.⁵² Ele forma o corpo e imprime-se numa substância:

51. É a *Anima mundi* da terminologia de Boehme e Paracelso, análoga à *ruah* (a alma astral ou psíquica e percível) da Tradição judaica, que é a alma do Mundo visível e a raiz do *Spiritus mundi*.

52. O espírito dos elementos é análogo ao que a Tradição judaica chama de *nefesh* (a alma vital ou elemental).

atrai para si tanto o [*spiritus*] interior, a partir do *separator* espiritual, como também os elementos, a partir do exterior, e coagula-se com eles. Assim, o *separator* determina a *assinatura* [ou *signatura*] de cada coisa, pois forma o *corpus* visível conforme a qualidade da grande força do *Spiritus mundi* que predominar no momento, isto é, conforme se apresentar no momento da formação do corpo a configuração das estrelas, dos planetas e dos elementos.

21. O segundo *spiritus*, que tem seu próprio *centrum*, é encontrado no óleo do enxofre, que é chamado quintessência, isto é, uma raiz dos quatro elementos. Este *spiritus* é a brandura e a alegria do rude e angustiado *spiritus* do enxofre e do sal. Ele extrai seu alimento, em primeiro lugar, do interior, da Luz da Natureza, do afluxo da doçura espiritual, dos espirituais Fogo e Luz interiores e, em segundo lugar, do exterior, do Sol e da força sutil do *Spiritus mundi*. Ele é a verdadeira causa do crescimento da vida, uma alegria da natureza, como o Sol o é para os quatro elementos.

22. O terceiro *spiritus* é a Tintura, um *contrarium* do *Mysterium Magnum* divino, no qual todas as forças estão em equilíbrio. Por isso ele é corretamente denominado Paraíso ou alegria divina, uma morada da força divina, uma morada da alma eterna, da qual brotam todas as forças exteriores, de maneira semelhante àquela do ar surgindo do fogo.

23. Pois a Tintura nada mais é que um Fogo e uma Luz espirituais, que nela constituem uma só e única essência.⁵³ No entanto, como tem em si o *separator* mais interior — o

53. A Tintura (*tinctoria*) é a virtude do Fogo e da Luz eternos em perfeito equilíbrio (*temperamentum*) e comunhão. Ela é a espiral da vida que percorre os três Mundos — o de Trevas, o de Fogo e o de Luz — e as sete propriedades, transmutando-os e levando-os à perfeição.

afluxo da Vontade divina para a manifestação —, ela é o fundo a partir do qual surgiu a primeira divisibilidade das qualidades na essência deste mundo. A Tintura subsiste eternamente de acordo com suas qualidades, pois sua origem é a santa força de Deus. Ela tem seu próprio *centrum*, que é o fundamento mais interior da criatura, mas está oculto para a criatura mortal, pois quando de sua queda, o homem dirigiu contra ele um desejo falso, de onde decorreu a maldição da Terra. No entanto, em seu próprio *centrum*, esse elevado e santo fundamento [a Tintura] penetra toda a existência deste mundo material e verte-se nas forças exteriores, como o Sol [verte-se] nos elementos. Não obstante, a criatura não pode tocar o *centrum* dessa força, a menos que isso ocorra com a permissão divina, como ocorre no novo nascimento.⁵⁴

24. Isso pode ser visto em todas as coisas que vivem e crescem. Tudo subsiste nesses três *principia*. Temos um exemplo disso numa planta, que extrai seu alimento de baixo (da terra) e do alto (do Sol e das estrelas), com o que o *spiritus* da terra [o espírito dos elementos] mescla-se com o *spiritus* exterior [o *Spiritus mundi*]. Quando a planta brota, isto se dá sob essa influência [inferior e superior], que se revela exteriormente na forma e imagem da planta. Assim, o *separator* exterior, no enxofre, no sal e no mercúrio, imprime-se na planta, pois ele é seu movimento e sensação, por meio da qual ele se faz corporal.

54. O novo nascimento ocorre quando a alma imortal do homem se revela para ele devido à abertura, em sua mente, da verdadeira inteligência, que lhe permite contemplar e compreender os mistérios divinos. Este versículo e o quinto tratado do presente livro (*Sobre a Analogia Entre a Obra Filosófica e o Processo da Redenção do Homem Através de Jesus Cristo*) esclarecem-se mutuamente.

25. Assim, quando vejo uma planta, posso dizer veridicamente: esta é uma imagem do *spiritus* da terra [do espírito dos elementos], na qual as forças superiores [do *Spiritus mundi*] se regozijam, pois a consideram como sua filha. Assim, o *spiritus* da terra constitui-se num único ser com as forças exteriores e superiores [astrais], de modo que quando a planta floresce, isso se deve ao *spiritus* oleoso, que imprime-se ali com belas cores. Já o terceiro fundo, a Tintura,⁵⁵ assina-se ali através do doce aroma.

26. Com isso, depreende-se que o *spiritus* interior [a Tintura], oculto nos elementos, revela-se ali e também participa da formação do fruto, pois se a oculta força do afluxo divino não se revelasse na planta, a terra [sozinha] não produziria tal aroma, tais cores nem tais virtudes.

27. O mesmo pode ser observado nos metais, que exteriormente têm um grosseiro *corpus* de enxofre, mercúrio e sal,⁵⁶ no qual reside seu crescimento; mas em seu fundamento interior têm um belo *corpus* transparente, no qual a Luz ideal da Natureza resplandece a partir do afluxo divino.⁵⁷ Esse resplendor deve ser entendido como sendo a Tintura, a grande força através da qual a força oculta se faz visível. Não se pode dizer que essa força interior e oculta nem a força do florescimento sejam elementais. Os elementos são apenas a morada e o *contrarium* da força interior; são uma causa do movimento da Tintura.

28. As forças saem da Tintura através do movimento do grosseiro espírito dos elementos, mediante o qual são conduzidas à perceptibilidade, isto é, ao sabor e ao odor.

55. O afluxo da Vontade divina, o *spiraculum vitae*.

56. Isto é, são apenas um corpo do espírito dos elementos.

57. São um corpo da Tintura ou do afluxo da Vontade divina.

29. O odor nada mais é do que uma emanção da Tintura, através da qual o afluxo da força divina se revela e assume a perceptibilidade. A pungência [o movimento expansivo] do odor é, de fato, elemental, mas a verdadeira força e virtude da pungência do odor é a Tintura. Pois o mais elevado fundamento de uma coisa não é o movimento da sua força, mas aquilo de onde provém a causa do movimento.

30. Os médicos empregam plantas aromáticas em seus remédios, mas não é o aroma ou a pungência do aroma que cura a enfermidade do paciente. A cura provém daquilo de que se origina o aroma, a saber, da Tintura, que se imprime no aroma.

31. Cristo ordenou à figueira que secasse (Mateus 21:19-22). No entanto ela secou não devido à força da palavra audível ou do som humano exterior, mas devido à força que proveio daquilo de onde a palavra saiu. Do contrário, se o som humano exterior tivesse feito isso, outros homens também poderiam fazer o mesmo.

32. O mesmo deve se entender da fé. A crença ou aceitação de uma coisa não é a verdadeira fé, muito menos o [verdadeiro] conhecimento; a fé é aquilo de onde provém a crença: a revelação do Espírito de Deus no fundamento interior da alma. É esta revelação que, através da confissão da fé, forma-se na palavra proferida, tornando-se perceptível exteriormente, operando com os elementos visíveis e manifestando-se exteriormente. Depreende-se daí que o Espírito de Deus coopera na obra da fé, do mesmo modo que Ele atua mediante a força do mundo elemental [ou material] e se faz visível através da existência deste mundo [material].

33. Assim, posso verdadeiramente dizer de todas as coisas que vejo, sejam boas ou más: aqui, nesta coisa, o oculto espírito do *separator* de todos os seres configurou-

se numa qualidade e criou para si um *contrarium*, uma imagem conforme seu afluxo, seja conforme o mal ou conforme o bem, tudo segundo as qualidades da Natureza: conforme o **calor**, a **frieza**, a **adstringência**, o **amargor**, a **doçura**, a **acidez** ou qualquer outra qualidade.⁵⁸ Todas essas configurações têm, exteriormente, essa natureza elemental [material], isto é, enxofre e sal, mas no seu fundamento interior, na Tintura, elas são boas e proveitosas e servem de alimento para a vida de sua semelhança [de seu *contrarium*]. Conforme seu fundamento exterior, de natureza astral e elemental, elas habitam todas as qualidades.

34. Todas as coisas, ervas, plantas, árvores, animais, pássaros, peixes, vermes, ou o que quer que seja, são proveitosas e provêm do *separator* de todos os seres — do Verbo ou da Vontade separável de Deus —, através do qual o *separator* de cada qualidade criou para si um *contrarium*, no qual age.

35. Pois este mundo visível, com todas as coisas e seres que ele contém, nada mais é do que uma representação objetiva do Mundo espiritual, que está oculto neste mundo material elemental como a Tintura está oculta nas plantas e metais.

36. E assim como através de seu afluxo, a Tintura configura-se e se faz visível em todas as coisas com sua virtu-

58. Isto é, conforme a qualidade, força ou propriedade que predominou entre as sete forças principais e as múltiplas forças secundárias e conforme a natureza de sua interação: colérica ou amorosa. A **frieza** é uma das forças principais, pois é uma das qualidades da **adstringência**, isto é, da **força magnética** ou do **movimento contrativo**. O **calor** é, juntamente com o **fogo**, a quarta força principal da Natureza eterna. Já a **acidez** e a **doçura** são qualidades secundárias, resultantes das sete principais. Releer as notas 5 e 8 deste tratado.

de, de modo que pela forma, pelas cores e pelo cheiro de cada coisa podemos ver e saber que tipo de *separator* estava na Tintura ou que tipo de afluxo emanou da Vontade divina na Tintura a partir do *Mysterium Magnum*, assim também podemos reconhecer no Mundo visível, isto é, no Sol, nas estrelas, nos elementos e em todas as criaturas, o fundamento interior do qual elas provêm.

37. Pois coisa alguma proveio de fora de seu lugar (*locus*), mas o fundamento (*grund*) de todas as coisas está no lugar em que cada uma delas cresce. Os elementos têm sua causa [ou fundamento], a partir da qual brotam, neles mesmos. As estrelas também têm seu caos [seu fundamento] em si mesmas, no lugar em que elas se encontram.

38. Os elementos nada mais são do que uma imagem formada e móvel do que é invisível e imóvel.

39. As estrelas também são um afluxo das qualidades do Mundo espiritual, conforme a divisibilidade do *separator*, cujo fundo é o Verbo ou a separável Vontade de Deus.

40. O ser e o movimento dos elementos são fogo, ar, água e terra, nos quais estão o espesso e o delgado, o úmido e o seco, o duro e o mole, que estão unidos numa única substância. Cada um deles não provém de origens diferentes, mas todos procedem de um único fundamento, que está em toda parte. Devemos então entender porque em determinado lugar a ignição [do afluxo do Verbo] dirigiu-se mais a uma qualidade do que a outra; porque o movimento foi maior e houve mais matéria em determinado lugar do que noutra; porque em cada lugar da Terra há diferenças na matéria, na água e no ar. A partir disso, devemos entender também de onde vem a diversidade de maneiras, virtudes, regimes e espécies das criaturas.

41. Todas as diferenças dessas qualidades se elevaram do *Mysterium Magnum*, através do movimento das forças de todos os seres, pois então a simples vontade de cada um dos seres moveu-se de uma só vez e conduziu-se da imperceptibilidade à perceptibilidade e à divisibilidade das forças, tornando a força eterna ativa e desejosa, de modo que em cada força elevou-se um desejo próprio, como um *contrarium*. Esse desejo próprio no *contrarium* das forças conduziu-se, por sua vez, de si para outro *contrarium*, a partir do qual o desejo de cada afluxo tornou-se agudo, severo e denso, coagulando-se, por fim, nas coisas materiais.

42. Uma vez que do afluxo das forças interiores provieram as Trevas e a Luz, a pungência do Fogo e a brandura da Luz, foi assim que se originaram as coisas materiais. Quanto mais o afluxo de uma força se estendeu, mais exterior e grosseira tornou-se a matéria, pois um *contrarium* proveio sucessivamente de outro, até chegar, por fim, à grosseira terra.

43. Todavia, temos de compreender corretamente o fundamento dessa *filosofia* e mostrar de onde o duro e o mole se originaram. Podemos reconhecer isso nos metais, pois toda a matéria que é dura, como os metais, as pedras e também a madeira, as plantas e seus semelhantes, tem em seu interior uma Tintura muito nobre e um espírito elevado e poderoso. Isso também pode ser encontrado nos ossos das criaturas, pois a mais nobre Tintura, ou a grande doçura conforme a força da Luz, encontra-se na medula óssea. No sangue, por outro lado, há apenas uma Tintura ígnea, do enxofre, do sal e do mercúrio. Isso deve ser entendido da seguinte maneira:

44. Deus é o eterno UM, a grande doçura e suavidade, que permanece em si mesmo, independentemente de seu movimento e sua manifestação. No entanto, em seu movimento Ele é chamado Deus em Trindade, um Ser Tri-

uno, onde falamos de três e, não obstante, de apenas Um. Conforme esse aspecto, Ele é denominado Força e Verbo eterno. Este é o mais precioso e supremo fundo (*grund*)⁵⁹ e deve ser compreendido da seguinte maneira: a Vontade divina encerra-se num lugar, numa egoidade, tendendo ao poder, e torna-se ativa em si. Porém também exterioriza-se mediante sua atividade e produz para si um *contrarium*, a Sabedoria, através da qual surge o fundamento e a origem de todos os seres.

45. Saiba também que tudo o que neste mundo [material] é brando, suave e delgado, tem seu fundo e origem na autodoação, conforme a perpétua emanção da Unidade da eternidade. Vemos que na própria natureza do brando e do delgado, como no caso da água e do ar, não há sensibilidade dolorosa alguma, enquanto tal natureza se mantém una consigo mesma.

46. Todavia, o que quer que seja duro ou pungente, como os ossos, a madeira, as plantas, os metais, o fogo, a terra, as pedras e coisas semelhantes, é resultado de um movimento análogo ao da força divina quando se depara com a rudeza e aspereza [da Natureza]. Pois então ela encerra-se em si mesma e passa a subsistir ali apenas como uma centelha ou como uma nobre jóia. Portanto, tais coisas são duras ou ígneas porque têm seu fundo no encerramento divino, que ocorre quando o eterno UM, ao introduzir-se continuamente no fundo (*grund*) da triplicidade para [suscitar] o movimento das forças, torna a se fechar de novo diante do afluxo da vontade própria da Natureza a fim de poder operar, através da Natureza, com a força da Unidade.

59. O movimento de Deus em sua Trindade.

47. É isso que deve ser entendido em relação à nobre Tintura. Ela é mais nobre onde está mais encerrada na dureza, pois lá a mobilidade da Unidade foi apreendida e tornou-se perceptível na divisibilidade. Já no delgado e rarefeito, não se encerrou em tal [divisibilidade] perceptível, de modo que ela é semelhante em todas as coisas dotadas dessa natureza, o que pode ser visto na água e no ar, que estão presentes em tudo e onde quer que estejam são semelhantes. No entanto, a *água seca* é a verdadeira pedra fundamental, em cujo *centrum* está a força sutil da operação da Unidade. Para os nossos, os que são dignos de receber isso, sugerimos que não busquem o mistério apenas no interior do brando, separadamente da natureza ígnea. Entenda esse mistério da seguinte maneira:

48. O brando e delgado ou rarefeito provém do afluxo da Unidade do *Mysterium Magnum* e é o que está mais perto da Unidade; mas por outro lado, o mais nobre fundamento (*grund*) da revelação divina se encontra na força e operação da ígnea dureza, pois esta é uma seca unidade ou um *temperamentum* [harmonia], onde a divisibilidade de todas as forças volta a ser encontrada, pois onde estas não habitam a unidade de uma vontade, a vontade é dividida. No interior das coisas não há força maior do que essa.⁶⁰ Os médicos deveriam saber disso e não mais considerar o grosseiro *spiritus* de forte aroma como o verdadeiro bálsamo, pois embora nele a Tintura esteja de fato presente, é excessivamente móvel e volátil.

49. O *spiritus* ou a poderosa essência espiritual [que há] no aroma tem de ser levada ao *temperamentum*, à unidade, e não deve se evolar dali. Então é possível tentar curar o

60. Que há na ígnea dureza.

paciente, dando-lhe sal junto com a pungência do fogo, ou espírito com alma.

50. Devido à grande alegria que as qualidades da alma de tal bálsamo experimentam, elas se separam umas das outras, passam a ter vontades muito contrárias e cada uma das qualidades se entrega separadamente, por isso não aplacam a inimizade nem unificam as divisões da vida, mas exacerbam-nas ainda mais.

51. Portanto, encerra-as e as unifica, fazendo com que todas tenham uma única vontade no amor e então terás a pérola do mundo inteiro. Pois, do contrário, quando elas são incitadas à cólera, são responsáveis pelo orgulho e pela luta que podem ser encontrados em todas as coisas.

52. A única coisa que pode confortar um prisioneiro é [a esperança da] sua libertação. Se ele dirige sua vontade para a esperança e acalma-se com a paciência, sua inquietude acaba por pacificar-se e por transformar-se num *temperamentum* [numa harmonia], de modo que por meio da esperança ele aprende a humildade. Então, se alguém lhe fala a respeito de sua libertação, ele se rejubila.

53. Portanto, ó médico, observe isso. Se fores capaz de entender o seu sentido interior e exterior,⁶¹ isso será a tua pérola.

61. O interior, que diz respeito à tua própria regeneração interior; e o exterior, que corresponde à elaboração dos medicamentos a serem administrados a teus pacientes.

CAPÍTULO IV

Sobre o dentro e o fora: como a eterna Vontade de Deus se conduz para fora, para a perceptibilidade, e de novo para dentro, para o UM.

É possível entender aqui o motivo pelo qual o ser deste mundo [material] foi criado e para que serve o fundo criatural. Além disso, com que finalidade a alegria e a tristeza se manifestaram e de que maneira Deus está tão perto de todas as coisas.

1. Na seqüência do Evangelho de João está escrito: *Ele (Jesus Cristo) veio para o que era seu e os seus não o receberam. Mas a todos aqueles que o receberam, aos que creram no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus (João 1:11-13).*

2. Nessas palavras, temos o precioso fundamento da revelação divina, isto é, os eternos “dentro” e “fora”, pois elas dizem como o oculto Verbo divino e eterno, a força divina da Unidade, veio para o que era seu na semelhança do Verbo emanado e criatural, isto é, na humanidade.

3. Pois o formado Verbo emanado e criatural é propriedade do Verbo eternamente falante. Com isso, é claramente indicado que “o que era seu”, isto é, a vontade própria, o *contrarium*, não o recebeu. Essa vontade própria proveio de seu próprio fundo, isto é, da carne e do sangue da natureza do homem e da mulher, no *separator* do afluxo da Vontade, onde esta confinou-se na eguidade, que-

rendo ir para “fora” e governar segundo a força e poder próprios.

4. Isso [a vontade própria] não recebeu o Verbo eterno que, como um afluxo da graça divina, veio de novo à vontade contrária, pois esta quis ser seu próprio senhor. Todavia, à vontade que deu meia volta e nasceu de novo no divino afluxo do Amor, a essa Ele deu o poder de se tornar filho de Deus. Pois a vontade própria, natural, não pode herdar a filiação divina; só quem pode herdá-la é a vontade que, unida com a Unidade, é una com todas as coisas. Nessa, o próprio Deus age e quer.

5. Com isso entendemos claramente como o fundo interior extroverteu-se, se fez visível e é uma possessão de Deus, como um afluxo da Força e da Vontade divina.

Jacob Boehme

MYSTERIUM PANSOPHICUM

SOBRE OS MISTÉRIOS CELESTE E TERRESTRE

Como um está presente no outro
e como o celeste é manifesto no terrestre

— EM NOVE TEXTOS —

NOS QUAIS BABEL, A GRANDE CIDADE NA TERRA,
É VISTA COM SEU PODER E SUAS MARAVILHAS
E É REVELADO POR QUE BABEL FOI CRIADA E A PARTIR DE QUÊ;
COM O QUE O ANTICRISTO SERÁ DESNUDADO.

**A mais maravilhosa revelação, proveniente do mais alto arcano.
Onde é totalmente revelado o que é a *turba* de todas as coisas.
Escrito para os filhos de Deus, a fim de que mediante esta
advertência eles possam voar de Babel em chamas
e nascer filhos de Deus fora da *turba*.**

**Tudo séria e lealmente compartilhado,
a partir do conhecimento do Grande Mistério.**

(Escrito em 08 de maio de 1620)

PRIMEIRO TEXTO

1. O Sem-fundo (*Ungrund*) é um eterno Nada, mas cria um eterno início como uma atração [ou desejo]. Pois no Nada há uma atração por algo, mas como nada há com que possa criar algo, a própria atração o cria. No entanto, a atração também é um Nada ou apenas uma desejosa busca. Essa é a eterna origem da magia [divina], que cria em si, onde nada há. Cria algo de Nada, e apenas em si mesma, embora essa atração nada mais seja que um simples desejo. Ela nada tem e nada há a partir do qual possa criar algo, tampouco um lugar onde possa encontrá-lo ou repousar.

SEGUNDO TEXTO

1. Posto que no Nada há uma atração [ou desejo], ela cria em si mesma a Vontade para algo. Essa Vontade é um espírito, ou um pensamento, que sai da atração e busca a atração. E como encontra sua mãe, a atração, então a Vontade é um mago em sua mãe, pois encontrou algo no Nada, isto é, sua mãe, passando a ter um lugar onde habitar.¹

2. E compreenda aqui que a Vontade é um espírito, diferentemente da desejosa atração, pois a Vontade é uma vida imperceptível e incognoscível, mas a atração, ao contrário, é encontrada pela Vontade e é uma essência nesta. Assim, entende-se que a atração é uma magia e a Vontade um mago; que a Vontade é maior que sua mãe que a gerou, pois é senhora dela, e que a mãe é muda, mas a Vontade é uma vida sem origem.² Embora a atração seja de fato causadora da Vontade, é desprovida de conhecimento e inteligência, enquanto a Vontade é a inteligência da atração.

3. Desse modo, mostramos de maneira resumida a Natureza da atração [ou desejo] e o espírito da Natureza [a Vontade], conforme o que sempre foram desde a eternidade sem origem. E também reconhecemos que a Vontade

1. A Vontade é atribuída a Deus Pai e a atração ou a apreensão da Vontade, num lugar em que ela possui a si mesma na alegria, é atribuída a Deus Filho.

2. Pois a Vontade no Absoluto (no *Ungrund*) é Deus Pai, cuja vida nunca teve um início, mas existiu desde toda a eternidade e sempre buscou e encontrou Deus Filho, da união dos quais sempre emanou Deus Espírito Santo.

(ou o Espírito) não tem lugar (*locus*) algum para repousar, exceto a atração, cujo interior é seu próprio lugar (*locus*). Assim, ambas constituem uma aliança,³ porém a Vontade não é apreendida [ou detida] ali.

3. Estabelecem entre si um eterno vínculo que não pode de modo algum ser desfeito.

TERCEIRO TEXTO

1. Portanto, posto que a Vontade eterna é livre e não pode ser aprisionada pela atração, mas a atração não pode estar livre da Vontade, porque a Vontade governa a atração, reconhecemos a Vontade como uma onipotência eterna, pois nada há que se equipare a ela, enquanto a atração é, na verdade, um movimento atrativo ou um desejo, mas sem inteligência: tem vida, mas sem conhecimento.

2. Então a Vontade governa a vida da atração e faz o que quiser com ela. E quando a Vontade faz algo, isso não é conhecido até que se manifeste através da atração e se torne uma essência na vida da Vontade. Só então o que a Vontade fez é conhecido.

3. Por isso reconhecemos a eterna Vontade-Espírito como Deus e a móvel vida da atração como Natureza. Pois nada houve antes disso e nenhuma das duas teve início; uma é a causa da outra, constituindo juntas uma eterna aliança.

4. A Vontade-Espírito é, pois, um conhecimento eterno do Sem-fundo e a vida da atração, uma eterna essência da Vontade.

QUARTO TEXTO

1. Portanto, posto que a atração é um desejo e esse desejo é uma vida, então essa vida desejosa da atração segue em frente e está sempre grávida da atração.

2. O desejo é uma forte atração, no entanto tem apenas a si mesmo ou a eternidade Sem-fundo a quem atrair, de modo que atrai magicamente seu próprio desejo, [transformando-o] numa essência.

3. Pois a Vontade deseja apreender algo onde nada há. Ela é um soberano e um possuidor. Em si mesma ela não é ser algum, no entanto domina o Ser e este a torna desejosa dele. E uma vez que esse desejo surge nela, torna-se mágica e engravida a si mesma do Espírito desprovido de Ser, porque originalmente ela é apenas Espírito. Assim, em sua imaginação ela só produz Espírito e fica grávida do Espírito — do conhecimento eterno do Sem-fundo (*Ungrund*) —, em toda a potência da vida desprovida de Ser [ou essência].

4. Por estar grávida, o desejo volta-se para si e habita em si mesmo, pois a essência da segunda vida [o desejo] não pode apreender essa gravidez e contê-la. Assim, a gravidez tem de voltar-se para si e conter a si mesma, como o Filho no Espírito eterno.

5. E como essa gravidez não tem substância alguma, é uma Voz ou um Som, como uma Palavra do Espírito, e permanece na condição original deste, pois não tem assento em nenhum outro lugar além dele.

6. Mas nessa Palavra há uma Vontade que quer ir em direção ao Ser. Essa Vontade é a vida da Vontade original e sai da gravidez como da boca da Vontade, em direção à vida da magia [ou do desejo], isto é, em direção à Natureza, manifestando a vida não inteligente da magia e tornando-se um *Mysterium* no qual passa a existir uma inteligência e um Espírito essencial. Ali cada essência é um arcano, um *Mysterium* de um ser inteiro. Isso é uma insondável maravilha da eternidade, pois ali incontáveis vidas são geradas e, no entanto, tudo constitui um único Ser.

7. E o triplo Espírito⁴ desprovido de substância é seu Senhor e seu possuidor,⁵ mas não possui a essência da Natureza, pois habita em si mesmo.

8. A Palavra⁶ é seu *centrum* ou assento e está no meio como um soberano. E o Espírito da Palavra,⁷ que se origina na Vontade original e eterna, manifesta as maravilhas da vida essencial. Há, então, dois mistérios: um na Vida-Espírito, outro na vida essencial. A Vida-Espírito é conhecida como Deus e é com justiça chamada assim, enquanto a vida essencial é conhecida como vida-Natureza. Ela não teria inteligência alguma se o Espírito ou Vida-Espírito não fosse desejoso dela. Devido a esse desejo, a essência divina é continuamente engendrada desde toda a eternidade como Palavra eterna ou Coração de Deus e sai continuamente da Vontade desejosa, como seu Espírito, em

4. A Santa Trindade: Deus Pai, a Vontade original; Deus Filho, a Vontade original apreendida por si mesma num lugar, como uma Palavra ou um Coração; Deus Espírito Santo, o Espírito da Palavra, a vida proveniente da amorosa apreensão da Vontade original.

5. Das insondáveis maravilhas: das idéias arquetípicas.

6. Deus Filho.

7. Deus Espírito Santo.

direção à vida da Natureza, manifestando ali o *Mysterium* das essências e nas essências. Portanto, há duas vidas e também duas essências, a partir de e em uma única, eterna e insondável origem.

9. Assim, reconhecemos o que Deus e a Natureza são e como desde toda a eternidade nenhum dos dois tem fundo próprio ou início algum, pois são sempre um eterno início, uma vez que principiam contínua e eternamente. Ali não há número algum, porque isso é o Sem-fundo (*Ungrund*).⁸

8. Ver a FIGURA I do próximo tratado, *Os Profundos Princípios de Jacob Boehme*.

QUINTO TEXTO

1. Portanto, posto que desde toda a eternidade houve duas essências,⁹ não podemos dizer que uma esteja ao lado da outra e se abracem, de modo que uma compreenda a outra; tampouco podemos dizer que uma esteja fora da outra e haja uma separação entre elas. Não, mas com isso reconhecemos que a Vida-Espírito voltou-se para o interior e a vida-Natureza voltou-se para fora e para frente.

2. Então comparamos ambas a uma esfera que vai para todos os lados, como a roda descrita por Ezequiel (Ezequiel 1).

3. A Vida-Espírito é o perfeito complemento da vida-Natureza, mas não é contida ou aprisionada por ela. Trata-se de dois Princípios (*principia*) numa eterna origem, cada um tendo seu *Mysterium* e sua atuação. Pois a vida-Natureza trabalha até o Fogo e a Vida-Espírito até a Luz da glória. Pelo Fogo, entendemos a cólera da consumpção da essencialidade da Natureza e, pela Luz, o engendramento da Água que tira o poder do Fogo, como foi exposto antes nas *Quarenta Questões Sobre a Alma*.¹⁰

9. A Vida-Espírito ou a Vontade-Espírito e a vida-Natureza.

10. *As Quarenta Questões Sobre a Alma* é o título da quarta obra escrita por Boehme. Ver a FIGURA III do próximo tratado, *Os Profundos Princípios de Jacob Boehme*, onde é suscintamente mostrado como a Água, que provém da ruptura ocorrida na primeira **adstringência** (a severa **força contrativa**) pela irrupção do Fogo colérico, transfere-se para o interior da Natureza.

4. Encontramos aqui a eterna substancialidade da Natureza. Ela é como uma mistura de Água e Fogo e produz uma luz de cor azul, semelhante ao relâmpago. Em seguida, ela passa a ser como uma fusão de rubi e cristal numa só substância, tem uma cor que é uma mescla de amarelo, branco, vermelho e azul, ou de azul e verde, embora cada cor mantenha seu próprio esplendor. A Água restringe o Fogo, fazendo com que não haja destruição alguma e sim uma substância eterna, constituída de dois Mistérios unidos um ao outro, embora separados em dois *principia*, como duas vidas de naturezas distintas.

5. Entendemos desta maneira a Essência de todas as essências: é uma essência mágica, por meio da qual a Vontade pode introduzir-se numa vida essencial, de modo a dar início à criação e despertar no *Mysterium Magnum*,¹¹ na origem do Fogo, uma qualificação que antes não estava manifestada, mas juntamente com o brilho das múltiplas cores, permanecia oculta no *Mysterium*. Assim podemos entender de onde se originam todas as coisas, tanto as boas quanto as más: da inserção da imaginação no *Mysterium Magnum*, com o que uma maravilhosa vida essencial engendra a si mesma. Temos exemplos disso no demônio e em toda maldade.

6. A contemplação das criaturas deste mundo pode nos permitir um conhecimento suficiente disso, pois quando a Vida divina [ou Vida-Espírito] tocou e despertou a vida-Natureza, fez com que todas essas criaturas maravilhosas fossem criadas do *Mysterium* essencial. Depreendemos daí que cada essência veio a ser um Mistério ou uma vida, que

11. Para uma explicação do termo *Mysterium Magnum*, ver a nota *Coloquios de J. Boehme - Da Contemplação Divina*.

no *Mysterium Magnum* há uma atração mágica e que a atração de cada essência produz, por sua vez, um espelho para nele contemplar-se e por meio dele conhecer-se.

7. Então a atração [de cada essência] apreende o espelho e o introduz em sua imaginação, mas percebe que ele não pertence à sua vida. Advém daí oposição e desgosto, pois a atração quer rejeitar o espelho, mas não pode fazê-lo; busca então o limite do próprio início e sai do espelho, provocando a sua quebra. Essa quebra é uma *turba*, um morrer da vida que fora aprisionada.

8. Na verdade, com a atração que surge no *Mysterium Magnum* a imaginação da Natureza eterna passa a ter em si a *turba*, mas ela permanece oculta, a menos que a própria criatura, como espelho da eternidade, desperte-a, isto é, desperte a cólera que está oculta no *Mysterium* desde toda eternidade.

9. Vemos que quando a Natureza eterna moveu-se para a criação do mundo,¹² a cólera também foi despertada e também manifestou-se em criaturas, de modo que encontramos muitos animais, plantas e árvores malignos, como também vermes, sapos, serpentes e outras criaturas semelhantes, cuja malignidade e veneno nutrem-se apenas de sua [própria] essência e dos quais a Natureza eterna tem repugnância.

10. Também por isso a Natureza eterna busca o limite da malignidade, quer separar-se dela e é como se a expelisse no *Mysterium*. Ou seja, a malignidade cai na *turba*, como num morrer sem morte e é expelida no *Mysterium*, onde sua vida tem de permanecer à parte como numa tre-

12. Para a criação deste mundo material temporal

va. Pois a Natureza eterna a abandona e lança-a na sombra, para que ela permaneça em si mesma como um mau, venenoso e colérico *Mysterium*, suscitando, por sua própria magia, a atração da venenosa angústia.

SEXTO TEXTO

1. Aqui encontramos a oposição que há entre todos os seres, onde um tem desgosto pelo outro e o combate.

2. Pois cada vontade deseja uma pureza sem *turba* nos outros seres; no entanto, tem ela própria a *turba* em si e, com isso, também causa desgosto aos outros. Então a força do maior estende-se sobre o menor e o subjuga, a menos que este fuja; do contrário, o forte domina o fraco. Por isso o fraco corre e busca o limite [da força] do opressor, querendo libertar-se da violência, e assim todas as criaturas buscam o limite que está oculto no *Mysterium*.

3. Daí provém todo o poder deste mundo [material], de modo que um ser domina o outro. O soberano Bem não ordenou que as coisas fossem assim, mas isso¹³ brotou da *turba*. Em seguida, o *principium* ou a natureza deste mundo reconheceu tal combate e opressão como sendo sua substância, como tendo sido engendrado a partir de si mesmo, e lhe deu leis para engendrar-se cada vez mais no regime colérico, mas por outro lado esse *principium* também buscou o Abismo ou o Um,¹⁴ vindo a tornar-se Mo-

13. O combate e a opressão.

14. No terceiro *principium* (na vida ou regime deste mundo) há um contínuo combate entre o regime da cólera ou da *turba* e o do amor, isto é, entre o primeiro e o segundo *principium*. Portanto, se de um lado o regime colérico sempre procurou fazer com que o combate entre as propriedades e entre os seres do terceiro *principium* se acirrasse cada vez mais, de outro, o regime do amor sempre despertou neles o desejo de se libertar da malignidade ou da opressão e retornar à Unidade.

narquia ou Império.¹⁵ Ele ainda está em combate e quer ser um e não muitos ou, ainda que seja [constituído de] muitos, quer que a primeira qualificação, a partir da qual todas as outras forças foram engendradas, domine e seja soberana sobre todas as demais.

4. E como no início havia uma única qualificação, que na seqüência dividiu-se em muitas, segundo as essências, a multiplicidade busca de novo o Um. E a figura disso é um ser que será certamente engendrado no sexto número da coroa, ou no ano seis mil,¹⁶ porém não no fim, mas na hora do dia em que a criação das maravilhas foi completada.¹⁷

5. Portanto, quando as maravilhas da *turba* estiverem no fim, nascerá um soberano que governará todo o mundo, mas com muitos agentes.¹⁸

15. Esse desejo de retornar à Unidade, à Deus, tem seu reflexo na Monarquia e mais ainda no Império, que é o governo que unifica os diversos reinados; o desejo em sentido contrário tem seu reflexo na tirania. (Ver APÊNDICE ao final deste tratado, onde esta nota é aprofundada.)

16. Segundo a contagem judaica.

17. Assim como as maravilhas da criação foram completadas quando o homem foi criado, o que não ocorreu no fim do sexto dia, mas conforme Boehme revela logo abaixo, no versículo 8, pouco depois do meio-dia, esse ser aparecerá algum tempo antes do ano seis mil.

18. Trata-se do Grande Monarca universal, que antes do juízo final estabelecerá, por certo tempo, um reinado de paz e justiça sobre toda a Terra (Apocalipse 20:1-7), unificará todos os povos e religiões e restabelecerá, assim, a Tradição Primordial. Todas as tradições profetizam a sua vinda. Nos últimos versículos do livro que fecha o Antigo Testamento, está escrito: *Vou mandar o meu mensageiro para preparar o meu caminho. (...) Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o terrível dia do Senhor, e ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais, para que eu não venha*

6. Com isso, a [falsa] soberania que gerou a si própria e o opressor serão visitados; pois o fraco, que foi mantido abaixo, terá corrido até o limite. Todas as coisas se separarão, pois encontrarão o limite, e não haverá prorrogação ou revogação alguma.

7. Então a *turba*, a cólera de todas as criaturas, que também chegará ao limite devido à repugnância das criaturas, será visitada e revelada, o que ocorrerá no meio do número da coroa, ou seja, no ano seis mil, mas um pouco além dele e não aquém.¹⁹

8. No dia e hora em que a criação foi completada e suas maravilhas foram estabelecidas no *Mysterium* como um espelho da eternidade — o que ocorreu no sexto dia, depois do meio-dia —, o *Mysterium* será revelado nas maravilhas e será visto e conhecido.²⁰

virá a Terra com maldição (Malaquias 3:1 e 23) Cristo diz: *Elias, de fato, deve voltar e restabelecer todas as coisas* (Mateus 17:11). Por toda a cristandade sempre houve profecias a respeito do retorno de um rei justo, como no caso da lenda sobre o retorno do rei Arthur, sobre a vinda do rei Dom João etc. A Tradição hermética fala da vinda de Elias artista; a Tradição islâmica, da vinda do *Mahdi*. Porém, ele só virá depois da grande tribulação pela qual passará a humanidade.

19. Isto é, a vinda do Grande Monarca se dará algum tempo antes de os seis mil anos se completarem, mas o juízo final (o retorno de Cristo), de que Boehme está falando no presente versículo, ocorrerá algum tempo depois do ano seis mil. Boehme fala extensamente do juízo final nas seguintes obras: *A Sabedoria Divina*, págs. 115 a 123, São Paulo, Attar, 1994; *Des Trois Principes de l'Essence Divine*, cap. 27, Paris, Editions D'Aujourd'hui, 1985; *Les Quarante Questions sur l'Ame*, 30ª Questão, Paris, Ed. Arma Artis, 1984.

20. Neste versículo, Boehme volta a falar do restabelecimento que será efetuado pouco tempo antes do juízo final, que em suas outras obras ele chama de "tempo do lírio", quando o conhecimento dos mistérios divinos (representados pela Tradição Primordial) será derramado sobre todos os homens (Joel 3:1).

9. Isto é, a pureza expulsará a *turba* por certo tempo, até que o início reencontre o fim; então o *Mysterium* [deste mundo material] subsistirá eternamente no espelho eterno [na Sabedoria divina] como uma simples figura, como uma maravilha para a honra e a glória de Deus.²¹

21. A Tradição Primordial, a justiça e a paz serão restabelecidas por algum tempo através desse grande rei que virá no espírito do profeta Elias (esse tempo é o *milenium* de que fala o Apocalipse 20:1-6). No fim do tempo do seu reinado, no entanto, o Anticristo se levantará — como representante do poder unificador ilegítimo, governado pelo *principium* da cólera e da *turba* (ver Apocalipse 20:7-10), conforme descrito na nota 14 e no APÊNDICE — e reinará sobre a Terra por um breve tempo, mas será fulminado pelo retorno de Cristo para exercer o juízo final (ver Apocalipse 19:11-21, Mateus 25:31-46 e Zacarias 14:5). Então este mundo material será totalmente transmutado pelo Fogo: toda a materialidade densa deixará de existir e todo o mal será definitivamente separado do bem, assim como as almas ímpias serão separadas das justas (ver Apocalipse 20:11-15 e 21, II Pedro 3:10-13 e Malaquias 3:2-21). Deste mundo restará uma simples figura mágica no espelho da Sabedoria, onde será possível ver tudo o que ocorreu durante o tempo de sua existência.

SÉTIMO TEXTO

1. Há no *Mysterium Magnum* o arcano a partir do qual todas as criaturas, boas e más, são engendradas e criadas.²² Portanto, devemos reconhecê-lo como sendo uma essência mágica. Nele uma magia despertou a outra pela atração e levou-a a tornar-se um ser. Foi ele [o *Mysterium Magnum*] quem gerou todas as coisas e as conduziu à mais alta potência, pois o Espírito de Deus não é um fabricante da Natureza; Ele simplesmente manifesta e busca o que é bom.

2. Desse modo, através da atração mágica, o mal sempre buscou-se e encontrou-se no *Mysterium*, sendo com isso revelado separadamente do plano divino. Pois a cólera é uma **adstringente** (ou **contrativa**) severidade que se separa da simplicidade.

3. Assim, cada coisa brotou de sua própria árvore, sem premeditação. Pois o primeiro revelador, isto é, Deus, nunca introduziu na qualificação [na interação das propriedades] a maldade, mas a razão e a perspicácia, que deveriam revelar as maravilhas e ser condutoras da vida. E aqui coloca-se diante de nós o maior segredo que já existiu no *Mysterium* desde a eternidade: o *Mysterium* com suas quatro cores. A quinta não pertence ao *Mysterium* da Natu-

22. O *Mysterium Magnum*, onde há duas Vontades: a Vontade pela Natureza (a Vontade do Pai), que é contrativa e cria as trevas, e a Vontade pela Liberdade (a Vontade do Filho), que é expansiva e cria a Luz, dualidade que potencialmente contém o bem e o mal.

reza, mas ao *Mysterium* da Divindade, embora brilhe no *Mysterium* da Natureza como uma viva Luz.

4. E as cores no interior das quais todas as coisas jazem são as seguintes: azul, vermelho, verde e amarelo. A quinta, o branco, pertence a Deus, embora também brilhe na Natureza. Ela é a quinta essência [ou quintessência], um filho puro e imaculado, que pode ser visto no ouro, na prata e numa clara pedra de cristal, uma vez que estes também resistem ao fogo.

5. Pois o fogo é a prova de todas as cores. Nele a única que subsiste é o branco, pois é um esplendor da majestade de Deus. A cor preta não pertence ao *Mysterium*, mas é o véu ou a treva em cujo interior todas as coisas estão.

6. Ademais, encontramos aqui a árvore das línguas, também dividida em quatro alfabetos. Um deles, o primeiro, está marcado com os caracteres do *Mysterium*: trata-se da língua da Natureza, que é a raiz de todas as línguas, mas que na manifestação da multiplicidade de línguas não é conhecida por ninguém, exceto por seus próprios filhos. É o próprio *Mysterium* quem lhes concede a compreensão dela, pois trata-se de uma maravilha de Deus. Para todos os outros esse alfabeto da língua da Natureza permanece oculto na cor negra, pois ela não pertence ao número das cores. Tal alfabeto é um *Mysterium* que só é compreendido por quem conhece a língua da Natureza e só é revelado pelo Espírito Santo.

7. O segundo alfabeto é o hebraico, que revela o *Mysterium* e nomeia a árvore com os ramos e galhos.

8. O terceiro é o grego, que nomeia a árvore com o fruto e todos os seus ornamentos e expressa corretamente a inteligência.

9. O quarto é o latim (ao qual muitos povos e línguas recorrem), que nomeia a árvore com sua força e suas virtudes.

10. O quinto é o Espírito de Deus, que é o revelador de todos os alfabetos e não pode ser aprendido por homem algum, a menos que ele mesmo revele-se no espírito do homem.

11. Assim, esses alfabetos derivam das cores do *Mysterium Magnum* e em seguida dividem-se em 77 línguas, das quais reconhecemos cinco como principais e 72 como maravilhas. Nestas 72 línguas Babel é entendida como a boca de uma confusão, pois nela a razão abandonou seu condutor [o Espírito Santo], desejando caminhar e ascender sozinha em direção ao *Mysterium*.

12. Podemos ver isso nos filhos de Nemrod. Quando da construção da torre de Babel (Gênesis 10:8-10 e 11), eles desviaram-se da obediência a Deus, voltando-se para sua própria razão individual, perderam então seu condutor, confundiram com isso sua razão e deixaram de compreender sua própria língua.

13. Assim, muitas línguas, a saber, 72, brotaram da desgarrada e confusa Babel. Cada uma delas voltou-se para si mesma, buscando a inteligência em sua própria razão e maldade, pois foram abandonadas por Deus e tornaram-se pagãs. Ele as deixou caminhar em suas maravilhas, pois elas não queriam se ligar a Ele; queriam manter um crescimento próprio e conduzir-se através de sua própria razão, na qual todas as cores estavam misturadas.

14. Com isso, a *turba* foi gerada, pois as línguas não tinham um único centro: cada uma queria viver segundo sua própria cor que, no entanto, não eram as verdadeiras cores principais, mas apenas seus maus filhos criados pela sua

razão. Eles correram sem o verdadeiro condutor, que criara tudo numa única língua. Como ele era apenas Um, manifestou apenas uma árvore, com seus ramos, sua força e seu fruto.

15. Pois os quatro alfabetos estão numa única árvore e um provém do outro. As diversas outras línguas deveriam recorrer aos caracteres dos quatro alfabetos, como suas servas, porém todas querem ser únicas e rebelam-se contra a árvore.

OITAVO TEXTO

1. Vemos aí a origem de dois tipos de religião, de onde proveio a idólatra Babel, e isso tanto entre os pagãos como entre os judeus.

2. Pois Babel está em ambos: são duas raças em uma. Uma avança sob a condução de sua razão (isto é, da vida e do espírito da natureza) e busca elevar a si mesma, fazendo para si uma via em sua própria essência, pois sua vontade procede de sua própria atração. Sua magia busca uma multiplicidade pela qual possa ser governada, então sua vontade permanece na multiplicidade e ela é seu deus e seu condutor.

3. Embora a Vontade livre de Deus oponha-se a ela e a reprove, a idólatra [Babel ou confusão] apenas adula a Vontade livre ou o Espírito de Deus com seus lábios, mas honra sua vontade própria que está sob o domínio da multiplicidade. Essa vontade própria é gerada a partir de seu tesouro, isto é, de sua própria magia, e não compreende a Vontade livre de Deus. Ela nasceu da carne e do sangue, nasceu de sua própria natureza; é um filho deste mundo e ama seu tesouro [a multiplicidade]. Ela é uma hipócrita e confusa Babel, pois a multiplicidade ou sua própria magia a confundiu. Ela sai da Unidade para a multiplicidade, que é uma confusa Babel, e sua boca hipócrita, com a qual dirige boas palavras, louvores e solenes promessas ao Espírito da Unidade, é um anticristo, pois fala uma coisa e age de maneira contrária. Seu coração é uma atração [pela multiplicidade] e o espírito de seu coração voltou-se para essa atração.

4. Assim, o mago da multiplicidade [a vontade própria] é um orgulhoso, insensato e cívico devorador; é um espírito da desejosa multiplicidade e um falso deus. Não se vincula à Vontade livre da Natureza, que tem a força das maravilhas em seu poder. Não tem, tampouco, entendimento algum do *Mysterium* divino, pois não se vincula ao Espírito [da Vontade livre]. Se sua vontade estivesse voltada para a Liberdade, o Espírito de Deus lhe revelaria seu *Mysterium* mágico, de modo que suas maravilhas e suas obras permaneceriam Nele.

5. Porém, como ele sai de si [o mago da multiplicidade, a vontade própria], o início busca o fim e o meio é a *turba*, pois ele não está na Vontade livre de Deus, mas cresce a partir de si mesmo e eleva-se como uma árvore insensata e orgulhosa.

6. E como Deus é uma Vontade única no desejo eterno ou magia eterna, visto que a atração da magia eterna [do desejo eterno] se entrega à livre Vontade eterna e dela extrai sua vida, então a vontade apóstata [a vontade própria] é uma perjura prostituta, pois é uma geradora de falsidade e não está ligada à Vontade livre.

7. Vemos aí uma separação de Deus. Lúcifer é o causador de tudo isso, pois fez com que a magia da Natureza se sujeitasse a um desejo falso. Devido a isso, duas vidas eternas são geradas na magia: uma a partir da Vontade de Deus, outra a partir da vontade do demônio e da cólera. Esta última é a geradora de Babel e do anticristo na Terra.

8. Tudo o que sai da Vontade de Deus em direção à vontade própria pertence a Babel, o que ocorre entre os judeus, os pagãos e todos os povos.

9. Embora os pagãos tenham permanecido em sua própria magia e não conhecessem Deus, aqueles que saíram

do desejo de corrupção, dirigiram-se à luz da Natureza e viveram na pureza tornaram-se filhos da Vontade livre e com isso o Espírito da Liberdade lhes revelou grandes maravilhas a respeito do *Mysterium*, como pode ser visto na sabedoria que eles nos legaram.

10. Porém os outros, que viveram apenas em sua própria vontade mágica, no espírito da carne e do sangue, tiveram sua vontade mergulhada na *turba*, que interagiu com ela e lhes deu um espírito conforme as essências da cupidez e da cólera, de modo que eles buscaram apenas a multiplicidade; por exemplo, buscaram adquirir domínios e reinos.

11. Quando outro poder impede a *turba* de avançar, ela se enfurece e as hostilidades [entre os dois poderes] começam. É, portanto, do orgulho e da cupidez pela multiplicidade que provêm as guerras, que pertencem ao *Mysterium* da cólera.

12. Os judeus também eram assim. Deus revelou-se a eles, mas por estarem vinculados a duas vontades, uma parte deles ligou sua vontade à Vontade de Deus e aos seus mandamentos, como os patriarcas e todos os santos de Israel; a outra parte produziu com suas mãos a obra da lei e vinculou sua vontade à sua envenenada magia, isto é, à cupidez, desejando apenas a multiplicidade. Sua boca era judia, porém seu coração era uma prostituta babilônica, um hipócrita, um anticristo: proferia palavras belas e boas, mas tinha um coração falso e cúpido.

13. A prostituta babilônica [a vontade própria] também estabeleceu-se com o anticristo [a hipocrisia] entre a cristandade e entre todos os povos. Em cada povo há, ao mesmo tempo, dois reinos cujo espírito interior não se mistura, do mesmo modo que o barro e o ferro não podem

fazê-lo. Misturam-se quanto ao corpo, mas seus espíritos são de naturezas diferentes (Daniel 2:43).

14. Por isso, quem quiser conhecer o anticristo o encontrará em todas as casas. Porém o pior de todos os anticristos é o da prostituta coroada. Seus padrinhos no batismo da prostituição são os uivadores que abandonam a Vontade una de Deus para servir às vontades múltiplas, herdar apenas a multiplicidade e engordar seu ventre terrestre.

15. A outra parte, a que se vincula a Deus, abandona sua vontade mágica e dirige-se à Liberdade, isto é, à única e inapreensível Vontade de Deus. Embora a figura mágica [da vontade] deles também permaneça voltada para trás e sua vida busque pão, sua vontade não está no pão, mas sai da sua [cúpida] atração e dirige-se a Deus. Eles vivem com sua vontade em Deus, na unidade. São filhos da verdadeira magia eterna, pois o Espírito de Deus habita sua vontade e lhes revela as maravilhas eternas de Deus, enquanto o espírito de sua vida lhes revela as maravilhas deste mundo [material].

16. Eles estão livres de Babel [a confusão] e do anticristo [a hipocrisia], mesmo que estejam sentados no colo deles, pois a verdadeira imagem de Deus é gerada no espírito de sua vontade, no espírito de sua alma.

NONO TEXTO

1. Portanto, posto que há duas magias uma na outra, também há dois magos que as conduzem, isto é, dois espíritos. Um é o Espírito de Deus, no qual está o amor pela Unidade; o outro é o espírito da razão, sob o qual o demônio acoberta-se e protege-se. E não há maneira melhor de o homem provar-se do que prestando uma séria atenção ao seu desejo para ver para onde ele o impele, pois este desejo é o seu condutor, do qual é filho. Não obstante, aqui [na Terra] o homem tem o poder de dominá-lo, quebrá-lo e transformá-lo, pois ele é um mago²³ e pode fazê-lo.

2. Mas para isso é preciso que haja uma verdadeira seriedade, pois tem de subjugar o espírito astral²⁴ que o governa. Para fazê-lo, é necessária uma vida sóbria e calma e um contínuo abandono à Vontade de Deus. Para subjugar o espírito astral, não é preciso sabedoria nem arte, mas sobriedade de vida, ou seja, é preciso sair a todo momento dos influxos [dos astros²⁵], pois os quatro elementos intro-

23. De acordo com o que diz o SEGUNDO TEXTO deste tratado, a vontade é o mago e o desejo é a magia, de modo que a vontade do homem tem o poder de governar seu desejo e convertê-lo de terrestre ou infernal em celeste.

24. O espírito astral ou o espírito proveniente dos astros corresponde à psique, que é composta pela razão discursiva, pela imaginação passiva e pelas emoções.

25. Como o espírito astral ou a psique provém das forças dos astros e o semelhante age sobre o semelhante, é preciso combatê-las, pois são, na melhor das hipóteses, forças animais (o que pode servir de

duzem continuamente o influxo das estrelas na vontade do homem. Por isso, tornar-se filho de Deus não é uma coisa tão fácil; pede grande labor e que se suporte muito sofrimento.

3. O Anticristo [o hipócrita] pode, com efeito, chamar-se de filho de Deus, mas Cristo diz: *Nem todos os que dizem "Senhor, Senhor" entrarão no reino dos céus. Eles dirão: Não expulsamos demônios e realizamos poderosas obras em teu nome? Mas ele lhes dirá: Apartai-vos de mim vós que praticais a iniquidade, eu não vos conheço* (Mateus 7:21-23). Fizestes isso através da falsa magia e nunca fostes conhecidos por meu Espírito e minha Vontade. Em vossa figura espiritual, sois bodes, tiranos, cúpidos, orgulhosos e voluptuosos. Tinheis meu nome em vossa boca, mas sacrificastes vosso coração à concupiscência das volúpias da carne e fostes gerados na *turba*. Tereis de ser provados pelo Fogo e então cada reino receberá seu fruto.

4. Por isso, tu, belo mundo, contempla-te neste escrito que o Fundo eterno colocou diante de ti e medita profundamente sobre isso. Do contrário, serás apanhado pela *turba*, terás de passar com tua substância pelo Fogo de Deus e toda obra que estiver fora da Vontade de Deus permanecerá no Fogo.

5. Porém o que quer que tenha sido feito na Vontade de Deus subsistirá para a honra e glória de Deus e para a eterna alegria da imagem do homem.

6. Agora, pensa no que fazes. Pois Babel já está em chamas e começa a arder. Não há mais possibilidade alguma de

advertência para a maioria dos astrólogos de nossos dias). É preciso dominar o Homem Animal e Psíquico, para que o Homem Angélico

apagá-las; não há mais remédio algum. Ela foi julgada má; seu reino caminha em direção ao seu fim. Aleluia.

APÊNDICE

Cosmos significa mundo ordenado e é o contrário de *caos*, que é a absoluta e harmoniosa indiferenciação que existe entre as qualidades antes da criação. Portanto, quando Deus cria os Mundos e as criaturas, os estabelece dentro de uma ordem qualitativa e hierárquica, de modo que cada ser criado (que representa uma das qualidades, dos arquétipos e dos nomes incriados) tem um *locus* e uma função que corresponde a ele na criação. Como o Mundo celeste tem sua hierarquia ascendente, em cujo topo estão assentados os reis e os príncipes angélicos,¹ acima dos quais está o Cristo, e o Mundo infernal tem uma hierarquia descendente, em cujo fundo está assentado Lúcifer, este mundo em que vivemos, sendo reflexo dos outros dois, em cujo interior eles se combatem, busca refletir a hierarquia ascendente no Império e na Monarquia, que Lúcifer busca corromper e transformar em tirania.

O primeiro exemplo disso foi Adão, criado para ser o Rei do Mundo, mas que, tentado por Satã, separou de Deus a sua vontade e com isso não apenas foi tragado pela *turba*, mas arrastou consigo toda a criação que deveria governar.

1. Boehme chama os reis angélicos de Querubins e os príncipes angélicos de Serafins. Dionísio Pseudo-Areopagita, chama, ao contrário, os primeiros de Serafins (que contemplam a essência divina) e os segundos de Querubins (que se incumbem dos decretos divinos), vindo depois os Tronos (que se extasiam com os juízos divinos e o adoram), as Dominações (que emitem ordens conforme a vontade de Deus), as Potestades (que executam as ordens), as Virtudes (que conservam o que foi executado), os Principados (que cuidam da humanidade inteira), os Arcanjos (que governam as nações) e os Anjos (que velam por

O mesmo ocorre, porém numa escala menor, quando um governante é corrupto ou se corrompe, pois a sua corrupção ou a sua *turba* tende a se espalhar para o povo que ele governa. Por isso, quanto mais o soberano Bem reinar num homem, mais qualificado ele será para governar, estabelecer a verdadeira ordem — respeitando as diferenças de cada um — e ajudar os seres a retornarem à Unidade, pois nesse homem a *turba*, isto é, a malignidade e a cólera, estarão subjugadas.

Assim, toda a história da humanidade é regida por esse combate entre o poder unificador legítimo, pois reflexo do amor pelo soberano Bem e por suas criaturas, e o poder unificador ilegítimo, pois reflexo do amor por si mesmo e do desamor pelos outros seres. Ora é um, ora é o outro que predomina num país ou numa civilização e quando um deles chega a atingir concretamente o poder, o outro passa a agir clandestinamente. A história está repleta de testemunhos disso. Basta ver, entre o povo de Israel, a alternância entre os reis justos e sábios (Davi, Salomão, Asa, Ezequias, Josias etc.) e os injustos (Saul, Jeroboão, Acab, Herodes etc.); entre os sacerdotes e escribas de Deus (Aarão, Eleazar, Esdras, Neemias...) e os de Satanás (Ofni, Finéias, Fassur, Caifás...). Em seguida, na cristandade, também houve os reis justos e santos e os tiranos, os papas que foram representantes de Cristo e os que foram representantes do Anticristo, e o mesmo ocorreu e ocorre entre todas as outras religiões, entre todos os outros povos. No OITAVO TEXTO Boehme fala sobre isso.

Além disso, esse combate que se trava no macrocosmo (no mundo exterior e na humanidade) também se trava no microcosmo (no homem), pois no interior de cada homem o Cristo e o Anticristo, Deus e Satanás estão num contínuo combate para nele reinar. Sua vontade é livre, cabe a ele decidir qual deles quer servir.

Dionysius Andreas Freher

OS PROFUNDOS PRINCÍPIOS

DE

JACOB BOEHME

— EM TREZE FIGURAS —

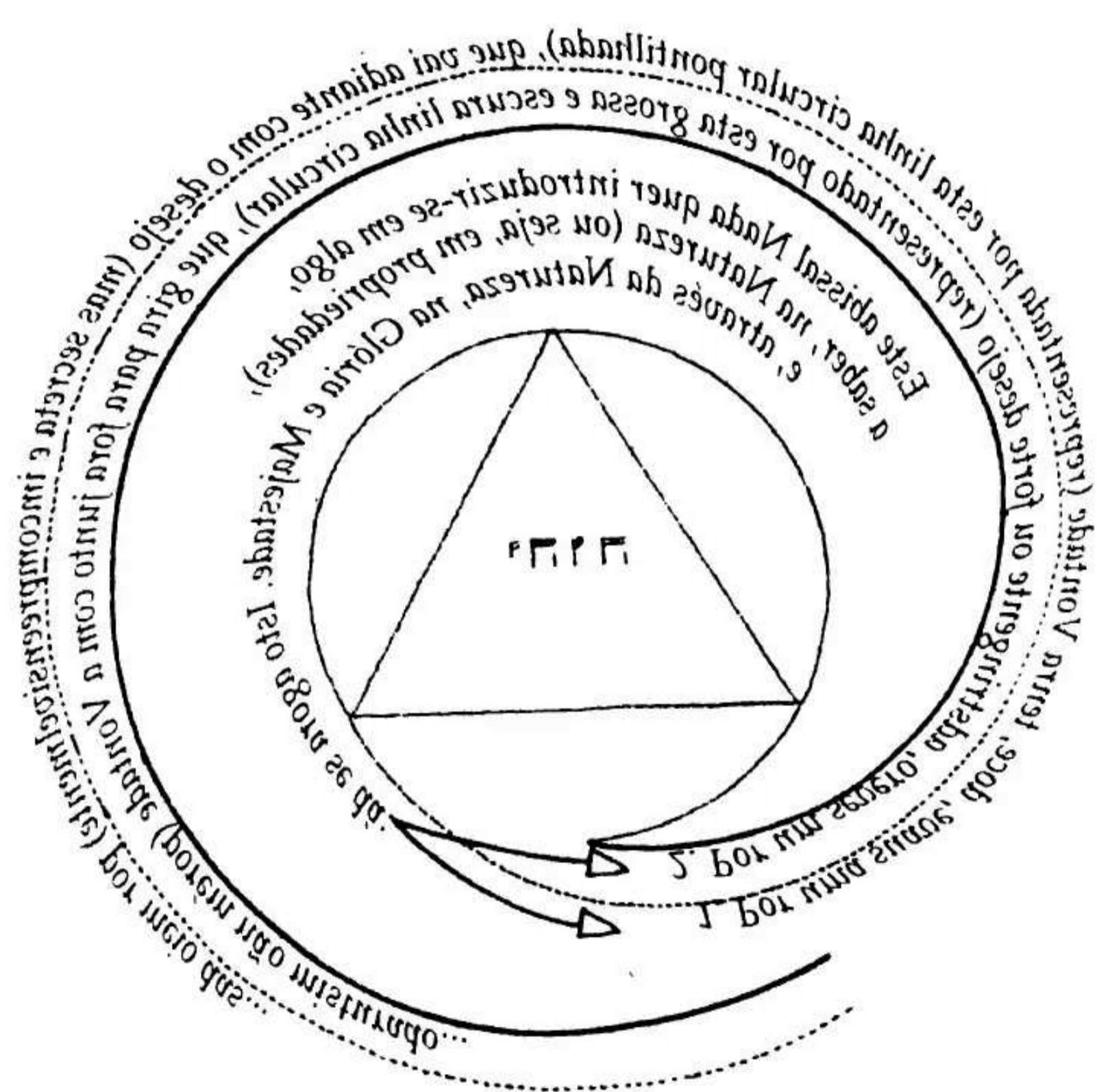


FIGURA I

Deus sem Natureza nem criatura alguma.

A não-formada Palavra na Trindade, sem Natureza alguma.¹

Alfa e Ômega, o eterno Início e o eterno Fim, o Primeiro e o Último.

A grande suavidade, doçura, calma etc.

Nada e Tudo. Liberdade eterna.

Abismo sem fundo, tempo ou lugar.

A calma eternidade. *Mysterium Magnum* sem Natureza. Caos.²

O Espelho das Maravilhas ou o maravilhoso Olho da Eternidade.

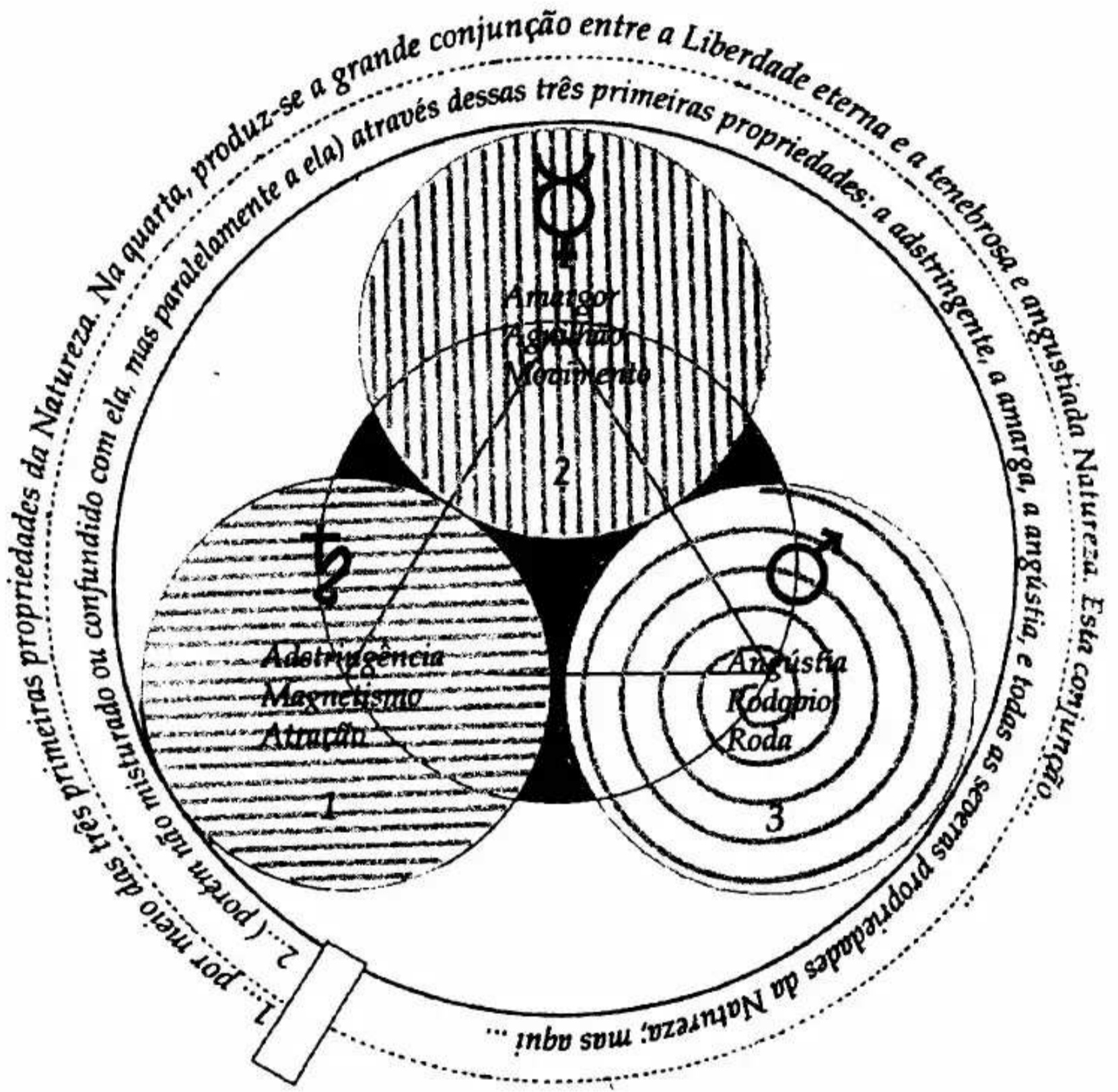
O primeiro *temperamentum*³ ou o *temperamentum* no Nada: uma calma e serena habitação, mas sem esplendor ou glória alguma.

A Trindade não revelada, ou melhor, o insondável Ser Tri-uno, que não pode ser objeto de nenhuma inteligência criada.

1. Frcher nos remete aqui ao capítulo 4, versículo 3, da obra *Mysterium Magnum* já citada no tratado *Sobre o Verdadeiro Arrependimento*.

2. Caos, no seu sentido primeiro, não é confusão desarmônica, mas a harmoniosa indiferenciação anterior à separação e ordenação daquilo que existe em potência em determinado espaço ou coisa, no caso, no espaço ilimitado da Sabedoria de Deus.

3. Como já foi dito (ver nota 5 do tratado *Sobre a Contemplação Divina*), *temperamentum* é um termo empregado por Boehme no sentido de equilíbrio, harmonia.



- ♄ - Saturno
- ☿ - Mercúrio
- ♂ - Marte

FIGURA II

Os três primeiros (Sal, Mercúrio e Enxofre).⁴

O Triângulo na Natureza.⁵

A parte inferior e angustiada da Natureza.

As propriedades, qualidades ou forças das Trevas.

A raiz do Fogo.

A roda da Natureza.

As três propriedades, qualidades ou forças da “mão esquerda”,⁶ atribuíveis ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

4. O Sal corresponde ao círculo 1, portanto, à força **adstringente**, **magnética** e **atrativa**, que cria a Natureza e é a primeira raiz da substancialidade. O Mercúrio corresponde ao círculo 2, à força **amarga**, **pungente** ou **elétrica** e **expansiva**, que cria a Luz, e é a primeira raiz do espírito, da mobilidade e da vida. O Enxofre corresponde ao círculo 3, à **angústia** e ao **rodopio**, que cria o Fogo e a alma, a qual é a mediadora entre a substância (o corpo) e o espírito (a vida). Essas três forças, representadas pelos três círculos, são, segundo Boehme, as três primeiras das sete forças principais da Natureza eterna, a saber: 1. **adstringência**, 2. **amargor**, 3. **angústia**, 4. **fogo**, 5. **luz**, 6. **som** e 7. **tangibilidade** ou **corporalidade**.

5. As três primeiras forças (**contrativa**, **expansiva** e **rotativa**), simbolizadas pelo triângulo escuro, constituem o que Boehme chama de Natureza eterna (ou seja, a primeira e tenebrosa raiz da tangibilidade), que é criada pelo atrativo desejo do Sem-fundo (ver *Mysterium Pansophicum*, textos 3 e 4)

6. A “mão esquerda” é o Mundo tenebroso, a Natureza eterna, constituída pelas três primeiras forças: **adstringência**, **amargor** e **angústia** (ou **contrativa**, **expansiva** e **rotativa**). As três propriedades, qualidades ou forças da “mão direita”, isto é, do Mundo luminoso e angélico, são as três últimas: a **luz**, o **som** e a **tangibilidade** ou **corporalidade**. A quarta, ou seja, o **fogo**, é a mediadora entre os outros dois Mundos e corresponde a este mundo material temporal em que vive-

O Mundo infernal, nas criaturas divorciadas das três propriedades da “mão direita”.

O *contrarium* daquilo que no Mundo de Luz é chamado Virgem Sófia.⁷

7. A Virgem Sófia ou a Sabedoria divina é a primeira substancialidade a surgir no Eterno, anteriormente à criação da tenebrosa roda da Natureza eterna. É o tenue véu no qual Deus contempla suas idéias antes de trazê-las à existência. É a *Shekhinah*, a presença de Deus que se manifestou no templo quando Salomão terminou de construí-lo e o consagrou (I Reis 10-11). Salomão fala extensamente sobre ela no Livro da Sabedoria (ver, em especial, o capítulo 7:21-26) e no Eclesiástico 1:1-10. Estes dois livros só são encontrados em edições católicas da Bíblia.

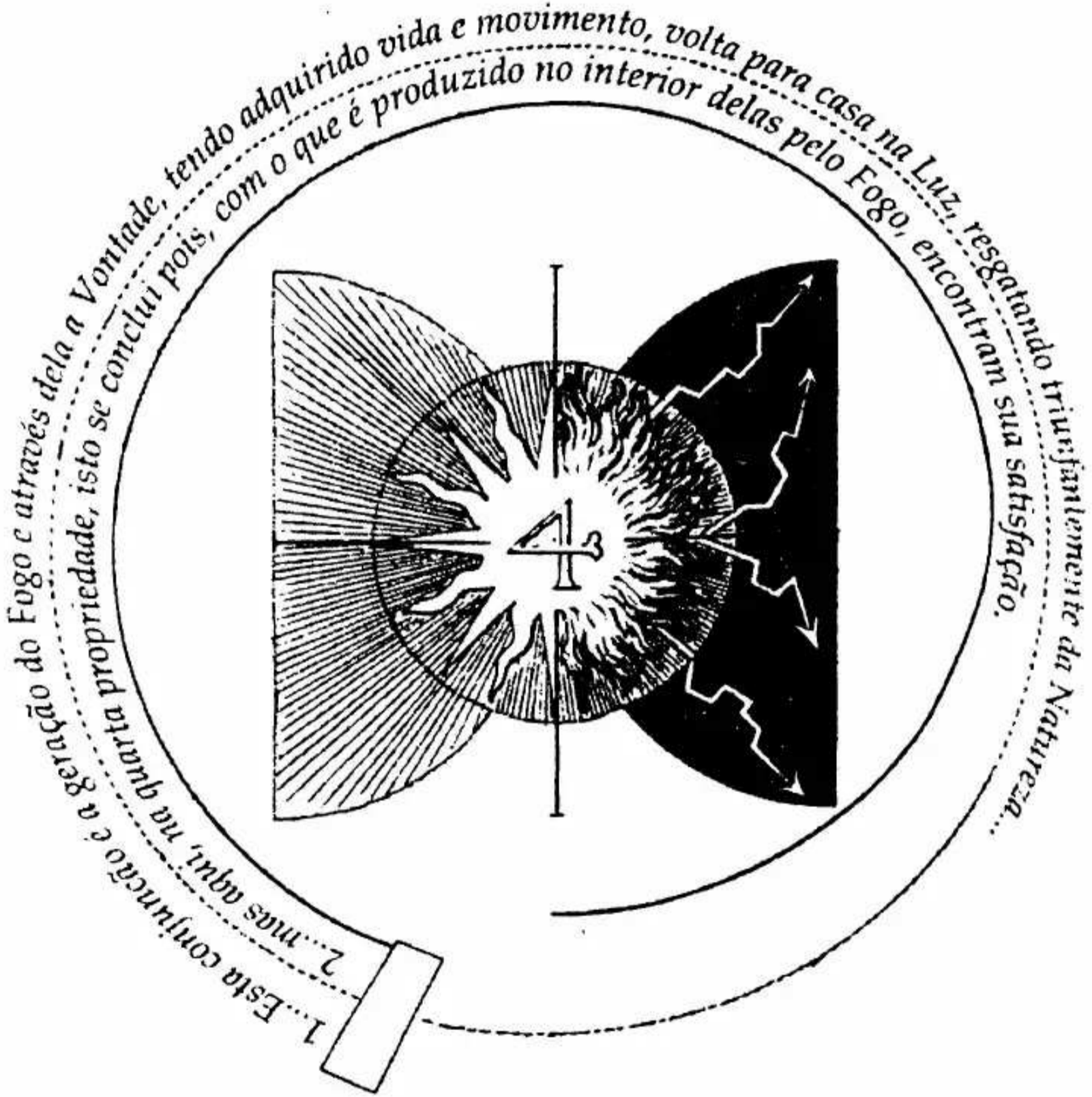


FIGURA III

A quarta propriedade da Natureza eterna.

O Fogo mágico. O Mundo de Fogo.

O primeiro *principium*.

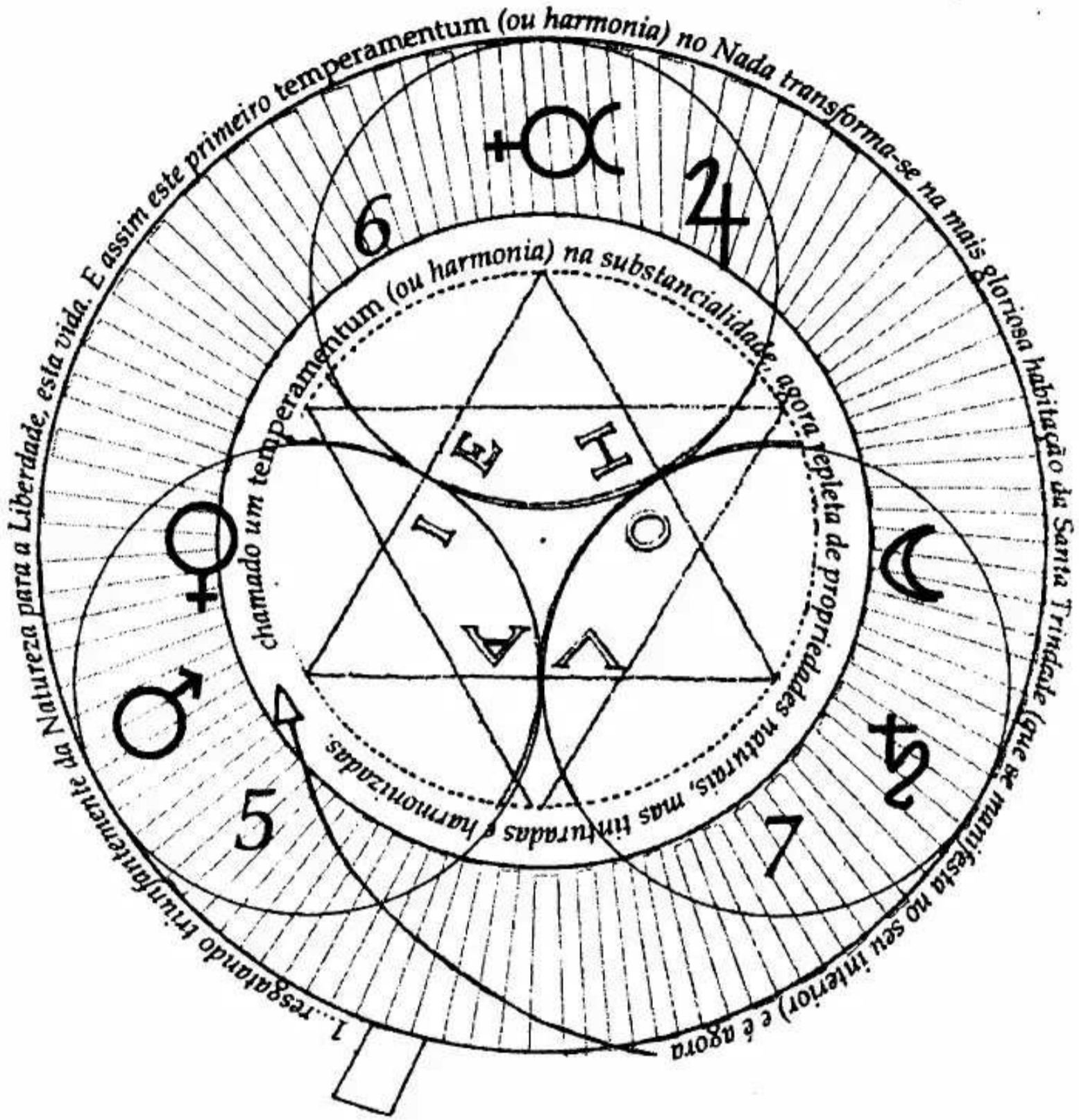
A geração da Cruz.

A força, potência e poder da Natureza eterna.

A irrupção do Abismo ou da Liberdade eterna no Mundo de Trevas, quebrando e consumindo toda a forte atração ou contração das Trevas.

O lugar (*locus*) de separação, situado no meio, entre três e três,⁸ olhando, sob o raio de ação da primeira e terrível ruptura (feita na primeira, grosseira e severa **adstringência**), para o Mundo de Trevas e, sob o raio de ação da segunda e alegre ruptura (feita na segunda, branda, aquosa e subjugada **adstringência**), para o Mundo de Luz e concedendo a cada um deles o que é capaz de conceder, a saber: ao Mundo de Trevas, força, poder, terror etc; ao Mundo de Luz, porém, luz, esplendor, brilho e glória.

8. Entre as três primeiras e as três últimas propriedades da Natureza-



- ♂ - Marte
- ♀ - Vênus
- ☿ - Mercúrio
- ♃ - Júpiter
- ☾ - Lua
- ♄ - Saturno

FIGURA IV

As três exaltadas, tinturadas (tingidas) ou transmutadas propriedades da “mão direita”.⁹

O Reino de amor, luz e glória.

O segundo *principium*.

O segundo *temperamentum* ou o *temperamentum* na substancialidade.¹⁰

A Trindade revelada, que só agora pode ser objeto da inteligência criada.

Felicidade. Sabedoria. Tintura.

9. As três propriedades, qualidades ou forças da “mão esquerda” encontram-se aqui, na “mão direita”, conjugadas e abrandadas pelas três propriedades contrárias a elas. No círculo 5, o da **luz** e do **amor**, representado por Vênus, está subjugada a terceira propriedade, a **angústia**, representada por Marte. No círculo 6, o do **som**, representado por Júpiter, está subjugada a segunda propriedade, o **amargor** (a **pungência** ou o **movimento expansivo**), representado por Mercúrio. No círculo 7, correspondente à **corporalidade**, representada pela Lua, está subjugada a primeira propriedade, a **adstringência** (o **magnetismo** ou o **movimento contrativo**), representada por Saturno.

10. O primeiro *temperamentum* (ou harmonia) é encontrado em Deus antes de Ele se dirigir à manifestação, antes da criação da Natureza eterna (ver Figura I). O segundo é encontrado aqui, no Mundo de Luz, no Mundo angélico, quando a luta das propriedades ou forças é transmutada em amor recíproco e uma nova harmonia é encontrada.

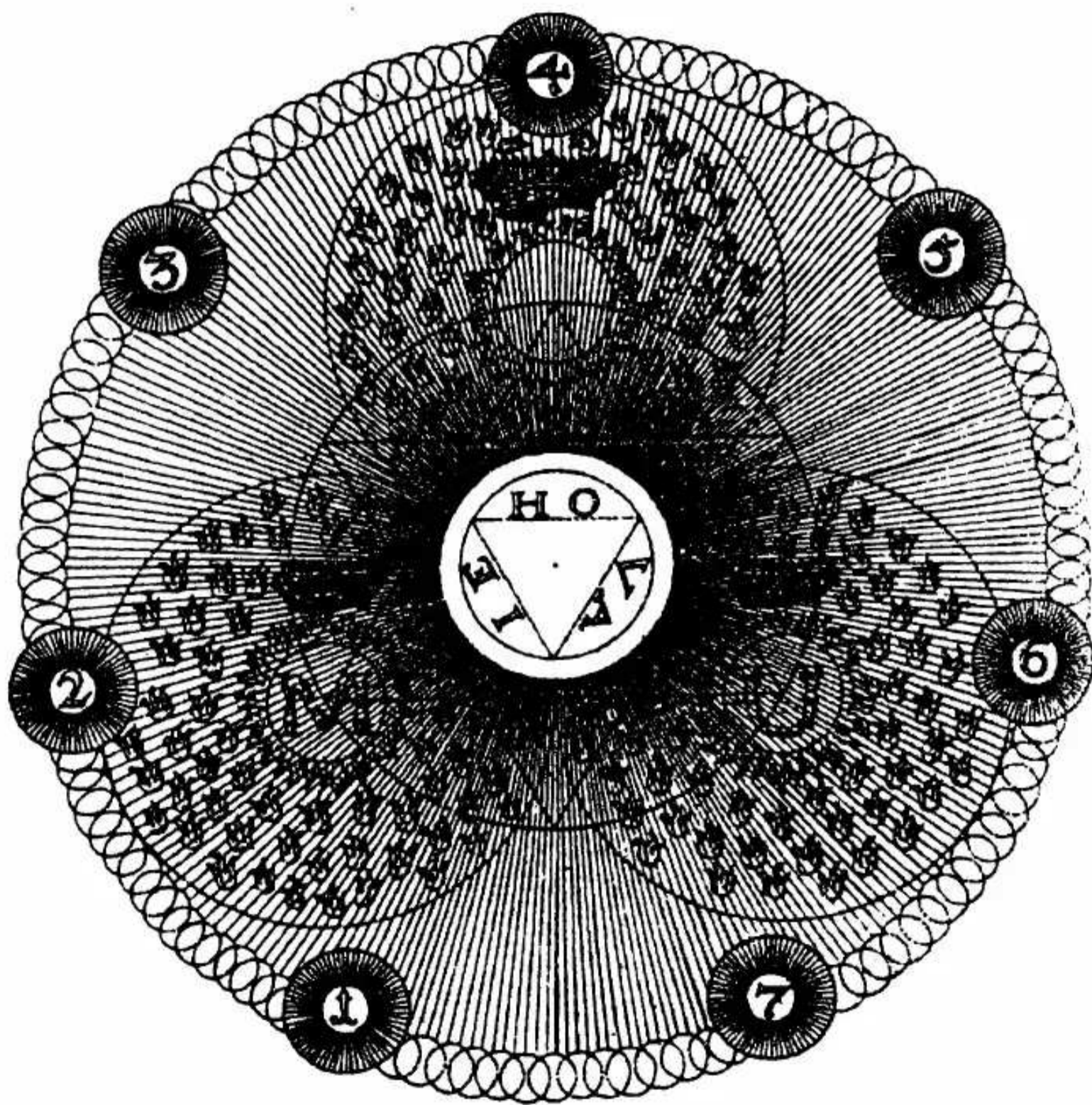


FIGURA V

As quatro primeiras figuras servem, de algum modo, para ilustrar (conforme a profunda e maravilhosa revelação do Espírito divino concedida a Jacob Boehme) a criação da Natureza eterna, que tem um início sem início e um fim sem fim.

A quinta figura mostra que a grande Residência real ou a divina Habitação de glória de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo,¹¹ foi imediatamente preenchida por incontáveis habitantes, sendo todos eles gloriosas chamadas de Fogo, todos filhos de Deus e todos espíritos ministeriais, divididos em três reinos (cada um deles ocupando tamanha extensão que, embora não seja infinita, nenhum limite pode ser vislumbrado) conforme o santo número três. Entretanto, só sabemos os nomes dos reis de dois deles: Miguel e Uriel, porque somente os reinos e as legiões destes permaneceram na Luz.

11. O segundo *principium*, o Mundo de Luz, cujas irrupção e

constituição foram mostradas na figura anterior.

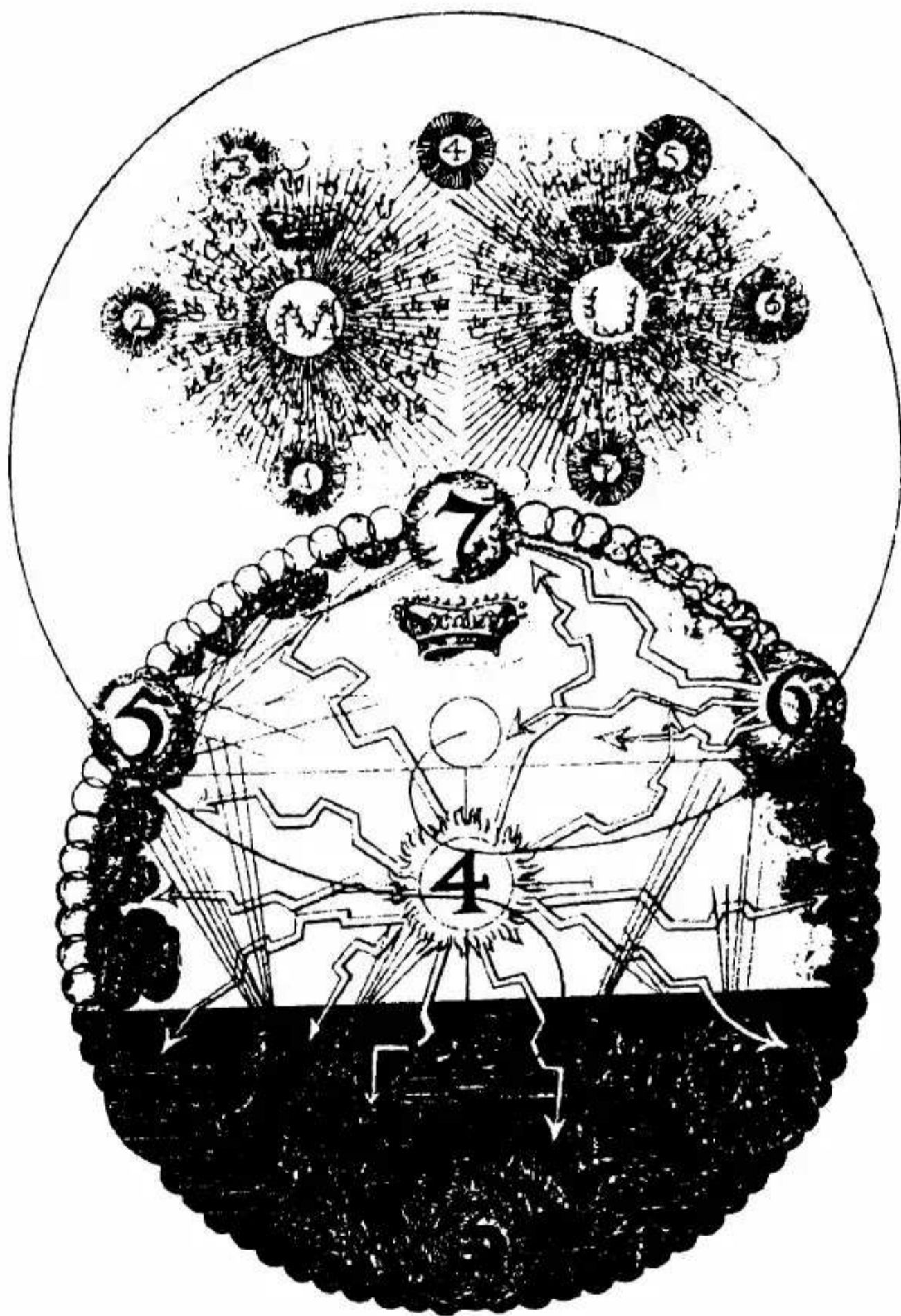


FIGURA VI

Aqui, um dos três reis angélicos, inclusive o mais glorioso dentre eles (uma vez que era a representação criada de Deus Filho), praticou um ato de grande traição e rebeldia, a saber: permitiu que o tenebroso e orgulhoso espírito de sua vontade fosse tomado por uma falsa magia (ou desejo), sem que tivesse nenhum motivo exterior para isso. Ele voou de seu próprio *centrum*¹² às alturas, acima de Deus e de todas as legiões do céu, a fim de ser ele próprio Tudo em Tudo. Porém, tendo sido enfrentado e lançado para baixo, caiu, através do Fogo, nas Trevas eternas. Lá ele reina poderosamente sobre suas próprias legiões. Mas, na realidade, não passa de um pobre prisioneiro e de um infame executor da cólera de Deus.

Agora podemos perfeitamente repreendê-lo e perguntar-lhe: “Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã?” Uma resposta profunda, minuciosa, clara, específica e circunstancial — ocultada por ele desde o surgimento deste mundo material — é dada a esta pergunta na *Aurora*,¹³ para sua vergonha e confusão eternas.

12. Isto é, do lugar (*locus*) em que e do qual fora criado, que lhe fora destinado desde toda eternidade pela Sabedoria divina.

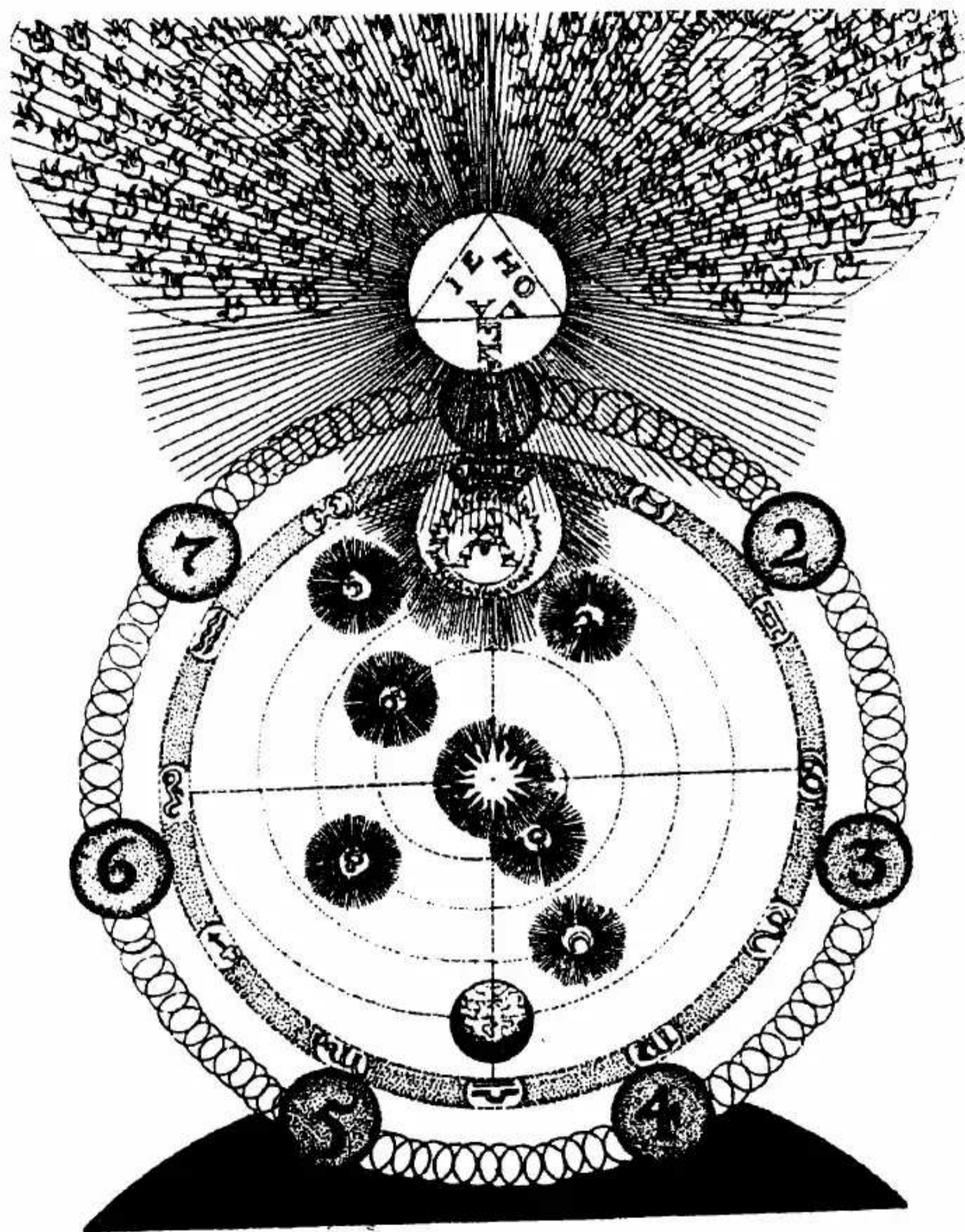


FIGURA VII

Quando, devido à sua rebelião, Lúcifer levou toda a extensão de seu reino a tamanha desolação que, como Moisés relata, ela passou a ser *sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo* (Gênesis 1:2), toda essa região foi, com justiça, retirada de seu domínio. Foi transformada de tal maneira que, assumindo uma existência temporal, de nada mais pôde lhe servir.

E quando, em seis dias, ela foi totalmente recriada mediante os seis espíritos (propriedades ou forças) da Natureza eterna e nada mais lhe faltava, exceto um príncipe e dominador para substituir aquele que havia abandonado sua habitação na Luz, então Adão foi criado, por meio do *Verbum Fiat*,¹⁴ como imagem e semelhança de Deus: como um resumo ou compêndio de todo o Universo.

14. O *Verbum Fiat* (ou o “faça-se” divino, a injunção criadora de Deus) é o Verbo eterno conjugado com a primeira propriedade ou

força da Natureza eterna, a adstringência (a força contrativa).

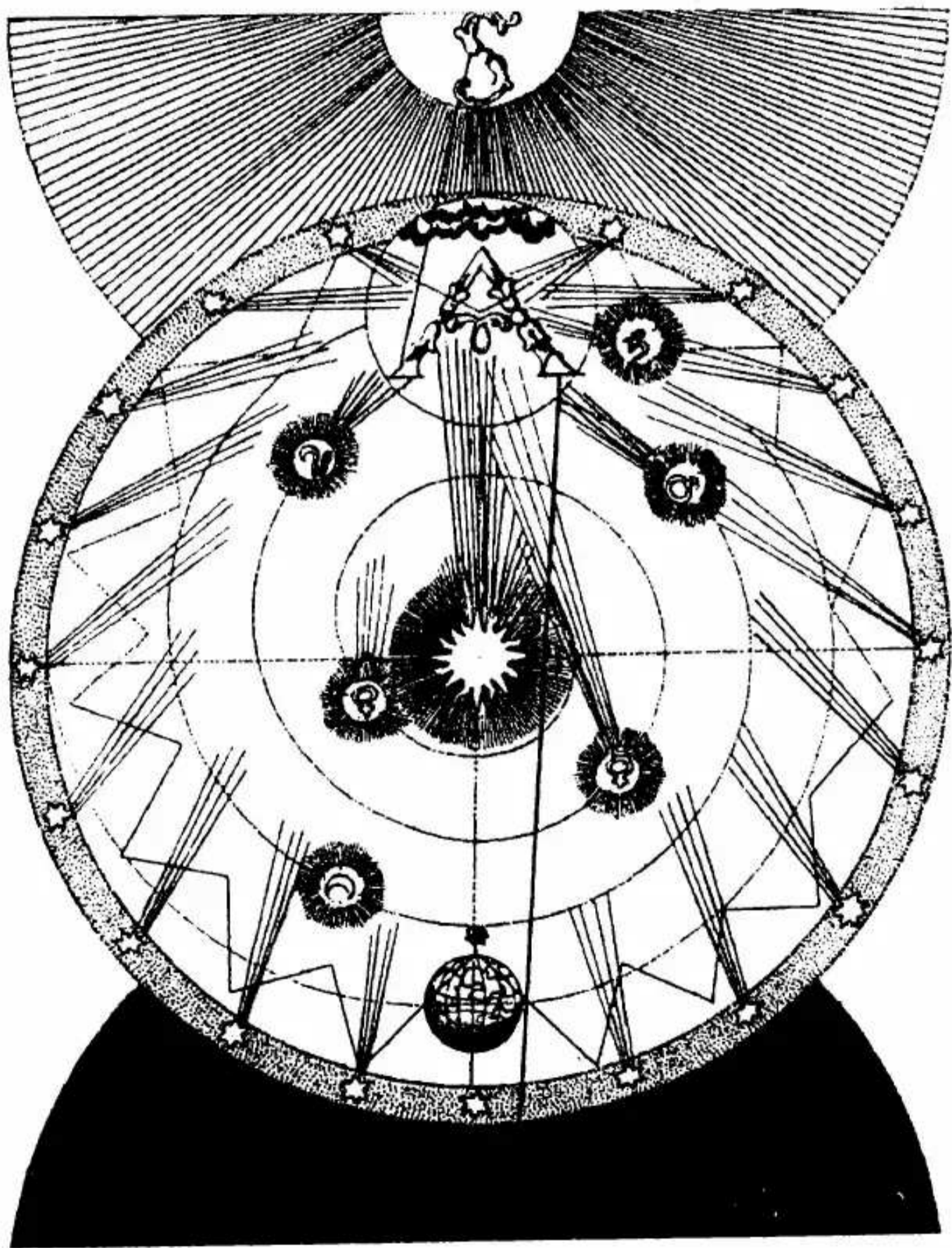


FIGURA VIII

Embora Adão tivesse sido criado num estado de inocência, pureza, integridade e perfeição, não foi capaz de permanecer no cume dessa perfeição, para o qual fora designado e no qual seria estabelecido se tivesse suportado sua prova.

Tal prova era absolutamente necessária, pois havia três coisas que clamavam por Adão. Embora elas estivessem num perfeito *temperamentum* (equilíbrio, harmonia) em seu interior, não o estavam fora dele, pois Lúcifer havia aberto uma fenda pela qual penetrou ali.

As três coisas eram: A Sófia, acima dele, chamada na Escritura de *sua companheira e mulher de sua mocidade* (Malaquias 2:14); Satanás, abaixo dele, que criou uma raiz tenebrosa no início sem início da Natureza eterna; o Espírito deste Mundo (o *Spiritus mundi*), ao seu redor. Nisso reside o fundamento da necessidade da tentação de Adão.¹⁵

Naquele momento, o diabo, embora não estivesse longe, não se aproximou, e a Árvore do conhecimento do bem e do mal ainda não se revelara. Isso só ocorreu posterior-

15. Era necessário que ele fosse posto à prova pois, embora em seu interior os três Mundos (ou os três *principia*) estivessem num perfeito equilíbrio, em seu exterior não o estavam, devido à ação de Lúcifer. Visto que Adão tinha de governar o Mundo exterior (o terceiro *principium*), a fim de ajudar Deus a resgatá-lo e reconduzi-lo à perfeita harmonia, era necessário que antes fosse provado pelas forças ali presentes, para então, se tivesse suportado as investidas da *turba* sem se deixar turvar, ser estabelecido definitivamente em seu reinado e come-

mente, como resultado da hesitação (ou perturbação) de Adão e de seu desleal procedimento para com a mulher de sua mocidade (a Sófia).¹⁶

16. Somente depois de ter fracassado na primeira prova, ao ser seduzido pelo Espírito deste Mundo material (o *Spiritus mundi*), quando foi tomado pelo sono, é que Adão — após ter perdido seu glorioso corpo andrógino (androginia que era fruto de sua união com a Sófia) e ter sido separado em homem e mulher — foi tentado pelo diabo por meio da mulher.

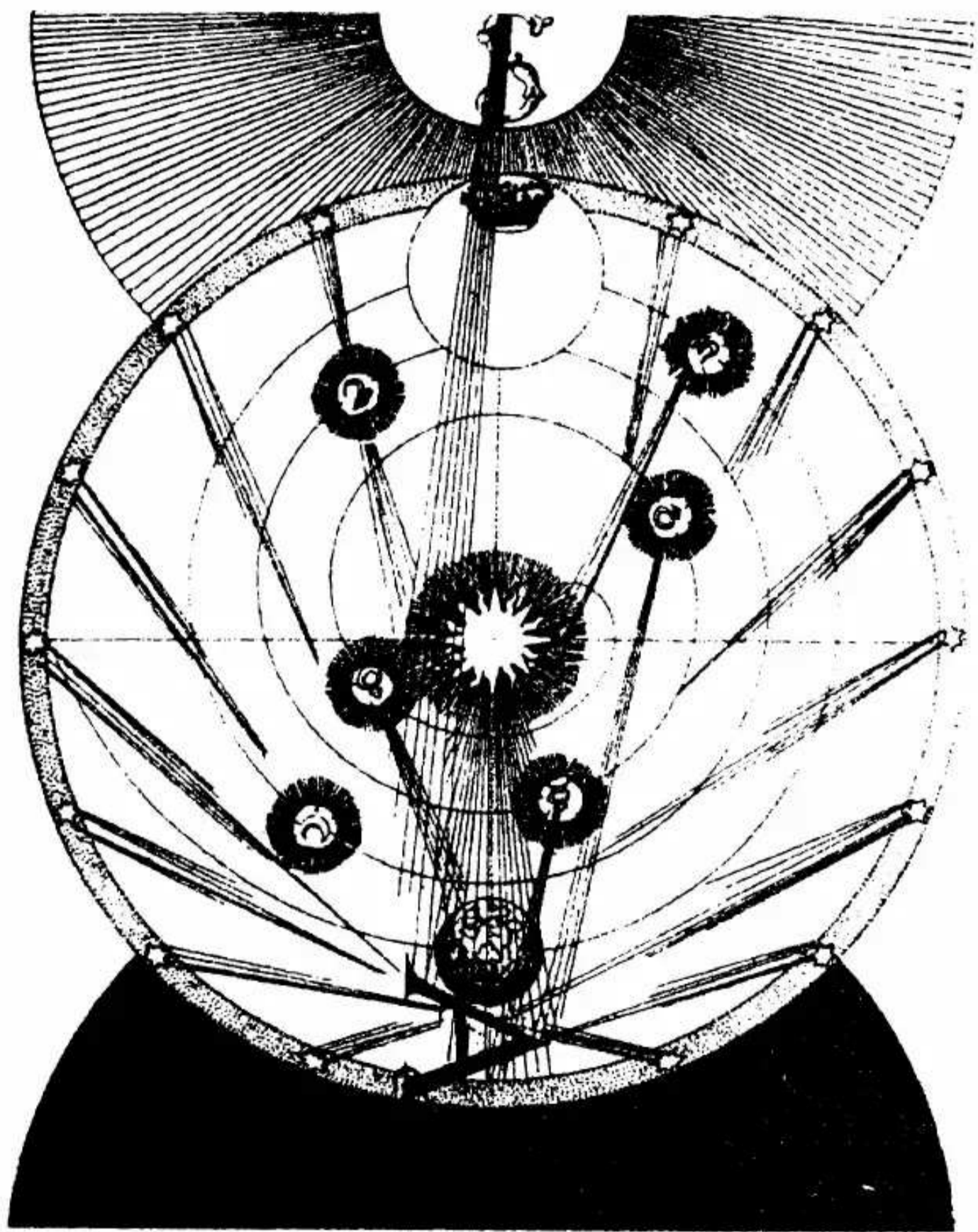


FIGURA IX

Aqui está o pobre Adão, despojado de toda sua felicidade e glória originais, tendo perdido tudo quanto havia de bom e desejável, tanto nele como ao redor dele. Jaz como morto, no círculo mais exterior do Espírito deste Mundo.

A Sófia renunciou a ele. Ou melhor, foi ele que, tendo procedido deslealmente, renunciou a ela e provocou, com isso, a dissolução da santa aliança do casamento que havia entre eles.

Está, agora, todo em trevas, encontra-se abaixo da própria terra, que deveria ser governada por ele. Todas as estrelas lançam suas forças sobre ele, dentre as quais até mesmo a melhor não passa de morte e veneno para a vida para a qual fora criado, só podendo ele esperar que, a qualquer momento, seja puxado ainda mais para baixo, em direção ao ventre de Satanás.

Eis o estado e a condição em que ele se encontrava depois de sua transgressão,¹⁷ antes de ter ouvido a gratuita Palavra da graça, na promessa de que a semente (ou a descendência) da mulher haveria de esmagar a cabeça da serpente (Gênesis 3:15)

17. Depois de ter fracassado também na segunda prova, ao comer do fruto da Árvore do conhecimento do bem e do mal. Devido a essa segunda queda, ele ganhou um corpo de carne, como o que temos hoje, com intestinos e órgãos reprodutores, os quais, mesmo depois de sua primeira queda, ele ainda não tinha e dos quais tampouco precisava, pois ainda podia comer dos frutos de pura força divina das outras árvores que havia no Jardim do Éden e gerar sua descendência com Eva utilizando apenas o concurso mútuo de seu amor e sua imagina-

...a utilizando apenas o concurso mútuo de seu amor e sua imagina-
ção.

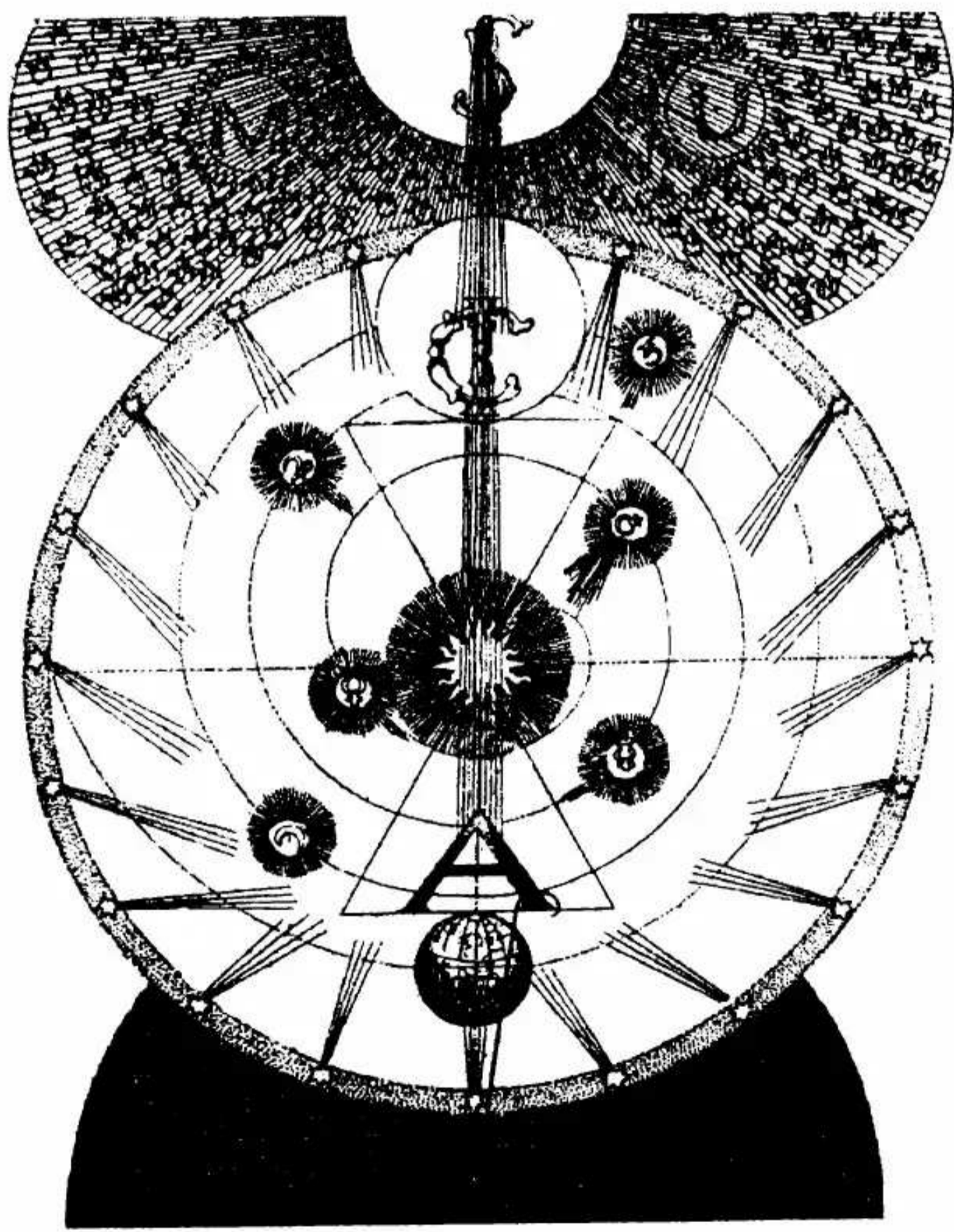


FIGURA X

Aqui, Adão, através da Palavra da graça entesourada em seu coração,¹⁸ cujo nome é JESUS, é elevado novamente, podendo então permanecer acima do globo terrestre, na base do triângulo ígneo (Δ) — que é um excelente emblema de sua alma —, tendo o Santo Nome JESUS acima dele, no topo do triângulo aquoso (∇).¹⁹

E esses dois triângulos, que na queda de Adão divorciaram-se um do outro, tocam-se de novo — embora, no início, apenas num ponto —, de modo que o desejo da alma possa puxar para baixo, em direção a ela, o ∇ [a Sófia], e o Santo Nome possa puxar cada vez mais para cima, em direção a Ele, o Δ [a alma], até que os dois formem um perfeito hexagrama (\star), o mais significativo caráter em todo o Universo, pois só então a obra de regeneração do homem e a sua reunião com a Sófia serão completadas.

E ainda que durante esta vida mortal o homem não possa alcançar a perfeição plena, pode alcançá-la no Homem interior, pois o que quer que pareça ser um obstáculo a essa meta (não excetuando nem mesmo o pecado!), *tem de cooperar para o bem daquele que ama a Deus* (Romanos 8:28).

Louvado seja o Seu Tri-uno, Santo, Santo, Santo Nome, neste tempo e por toda a eternidade!

18. Quando Deus fez a promessa de que a descendência da mulher esmagaria a cabeça da serpente, a força e a virtude de Sua Palavra eterna (Sua Luz e Seu Filho) avivaram e iluminaram novamente a alma de Adão, tirando-a da absoluta privação em que caíra e da qual não poderia sair sem a interveção divina.

19. O triângulo com o vértice para cima e o triângulo com o vértice

19. O triângulo com o vértice para cima e o triângulo com o vértice para baixo são os símbolos tradicionais dos elementos Fogo e Água.

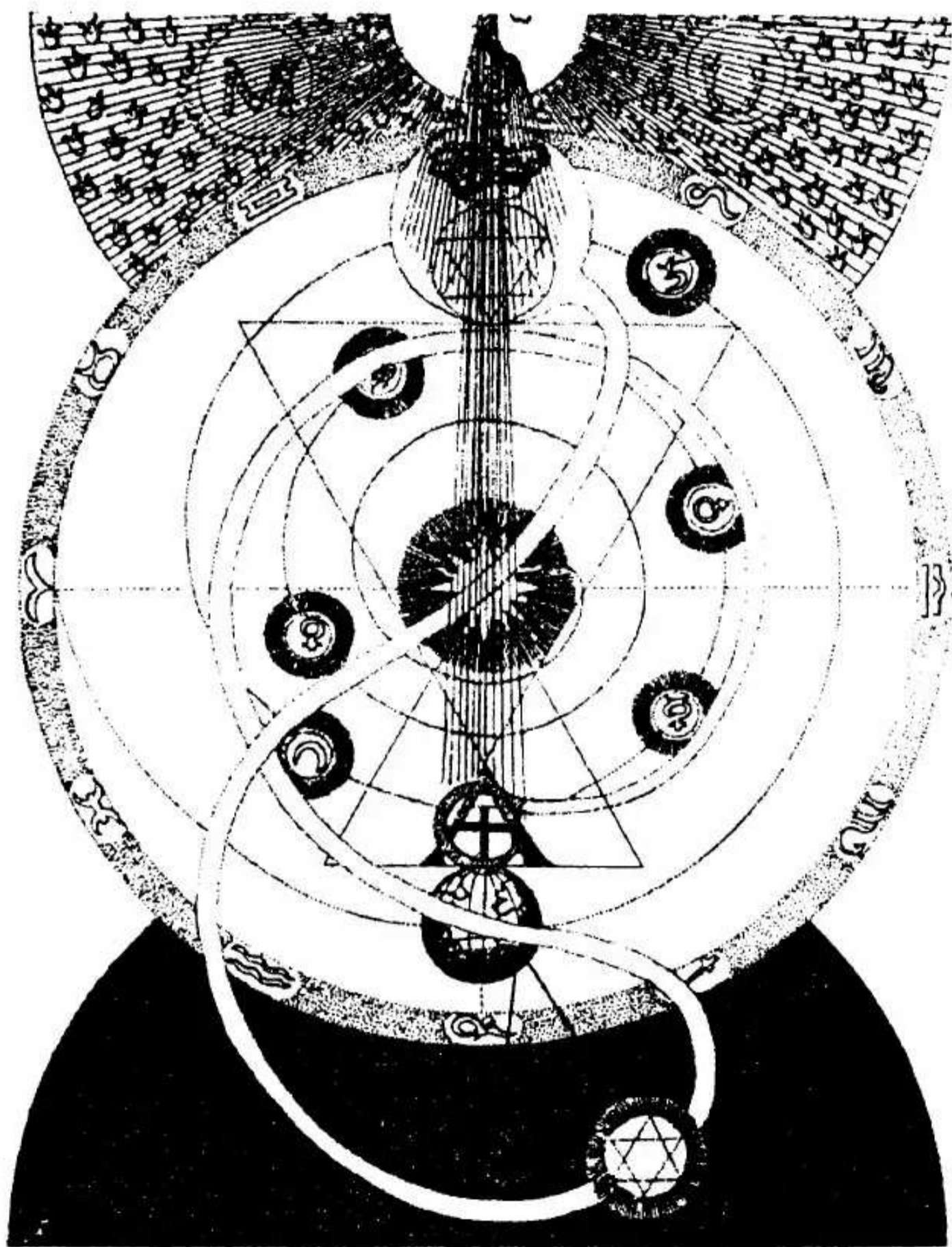


FIGURA XI

Nesta figura, Adão aparece no mesmo lugar que na anterior, mas em união com Cristo, referindo-se à pessoa de Jesus Cristo, o segundo Adão, que se revestiu de um corpo terrestre como o nosso. Isso mostra a absoluta necessidade de Sua santa encarnação e de Seu imaculado sacrifício por toda a humanidade, pois sem eles a Grande Obra de nossa regeneração, de nossa reunificação com a Sófia, não poderia ser levada à perfeição.

Em Sua encarnação, Ele tornou a trazer à humanidade — mas, a princípio, apenas em sua própria pessoa humana — o hexagrama (✧), o mais significativo caráter, que fora perdido pelo primeiro Adão. Contudo, enquanto Ele estava na Terra, como um homem em tudo semelhante a nós, exceto quanto ao pecado, esse caráter não era visível exteriormente em Sua pessoa.

Portanto, Ele, e somente Ele, era capaz de ir à morte por nós e com ela matar a morte, de, ao passar por ela, quebrar o gancho e o ferrão de Satanás, de entrar em seu tenebroso território e atravessá-lo, de esmagar a cabeça da serpente e de ascender às alturas para tomar posse de seu trono, cumprindo assim a profecia de Miquéias, traduzida por Lutero de maneira muito significativa como: *Es wird ein Durchbrecher fur ihnen herauf fahren*; por Arias Montanos como: *Ascendit Effractor*; pela vulgata como: *Pandens iter ante eos*; pela versão inglesa como: *The Breaker is come up before them*, e em português como: *Irà à sua frente aquele que fez a brecha* ou *O que faz a brecha sobe à frente deles* (Miquéias 2:13).

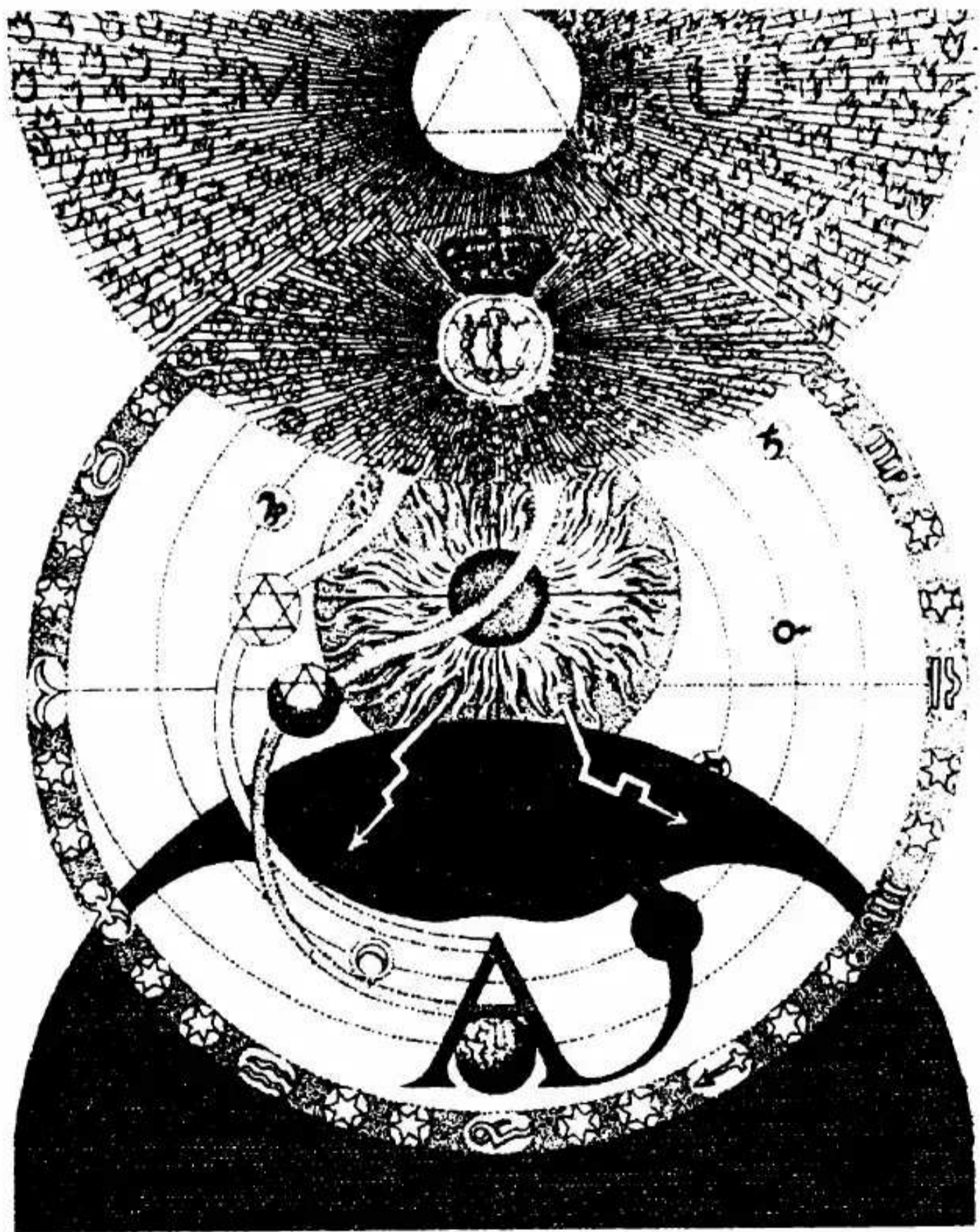


FIGURA XII

Desde o tempo em que esse Triunfador profetizado por Miquéias veio diante de nós, a porta tem permanecido aberta para que os filhos do primeiro Adão possam segui-lo e entrar no Paraíso; o que não podia ser feito por nenhuma alma antes dessa época.

As almas santas anteriores e posteriores ao dilúvio, que viveram segundo os ditames da Palavra eterna entesourada em seus corações, podiam, quando de sua partida deste mundo, ir apenas até a porta do Paraíso,²⁰ mas a nenhuma foi permitido entrar até que o primeiro dentre os nascidos da morte tivesse entrado ali.

Todavia, ainda hoje existem grandes diferenças entre as almas que partem deste mundo: depende do estado e condição em que nelas se encontrar o significativo caráter ☆, de que se falou anteriormente. Pois as almas que durante esta vida o alcançaram em sua perfeição, isto é, que se revestiram aqui da substancialidade celeste de Jesus Cristo, não encontrarão obstáculo algum em sua passagem.²¹ Aquelas nas quais esse caráter se apresentar com maiores

20. Isto é, as almas dos justos entre os hebreus e todos os outros povos só podiam entrar no Paraíso Terrestre (correspondente à condição de Adão após sua primeira queda), simbolicamente localizado além dos sete níveis do Purgatório, mas não no Paraíso Celeste (correspondente à condição do Adão arquetípico primordial).

21. Portanto, entram no Paraíso Celeste; mas mesmo entre elas há enormes diferenças, pois há inúmeros graus de regeneração e iluminação, correspondentes, simbolicamente, a sete ou dez céus (ver *A Divina Comédia* de Dante) e suas subdivisões. Como diz o apóstolo Paulo em I Coríntios 15:41-42: *Na ressurreição, um diferirá do outro em glória, como o Sol, a Lua e as estrelas.*

ou menores imperfeições, se depararão com maiores ou menores obstáculos.²² E aquelas nas quais ele não for absolutamente encontrado, não poderão ir além do Triângulo da Natureza.²³ Ó, bom seria se não houvesse nenhuma alma nesta última condição!

22. Entram, portanto, no que é chamado Purgatório, em níveis mais ou menos elevados (níveis estes, correspondentes aos sete planetas), de acordo com seu grau de imperfeição, e levarão um tempo maior ou menor para ascender ao grau do Paraíso Terrestre. E assim como entre o Purgatório e os sete ou dez céus do Paraíso Celeste, há o Paraíso Terrestre, assim também há, entre o Inferno e o Purgatório, o Limbo e o Antepurgatório, nos quais, segundo J. G. Gichtel, não existe angústia, nem trevas, nem luzes, mas apenas um crepúsculo (*A Senda do Homem Celeste*, cap. 2:129, Editora Polar).

23. O Triângulo da Natureza é, neste caso, o Inferno. Em Deus, esse triângulo, ou as três primeiras forças da Natureza (ver Figura II), não existe sozinho, mas é continuamente penetrado pelo triângulo da "mão direita" e transmutado no Mundo de Luz ou Paraíso. Porém, se a alma (Δ), que é uma centelha divina imortal, parte deste mundo totalmente desprovida do triângulo da Sófia (∇), entra, com consciência, no Mundo tenebroso do Triângulo da Natureza. Vale lembrar que o Paraíso, o Purgatório e o Inferno não são lugares exteriores para os quais a alma vai, mas estão na própria alma: são estados de sua exis-

tência, que são totalmente revelados quando ela se separa do corpo.

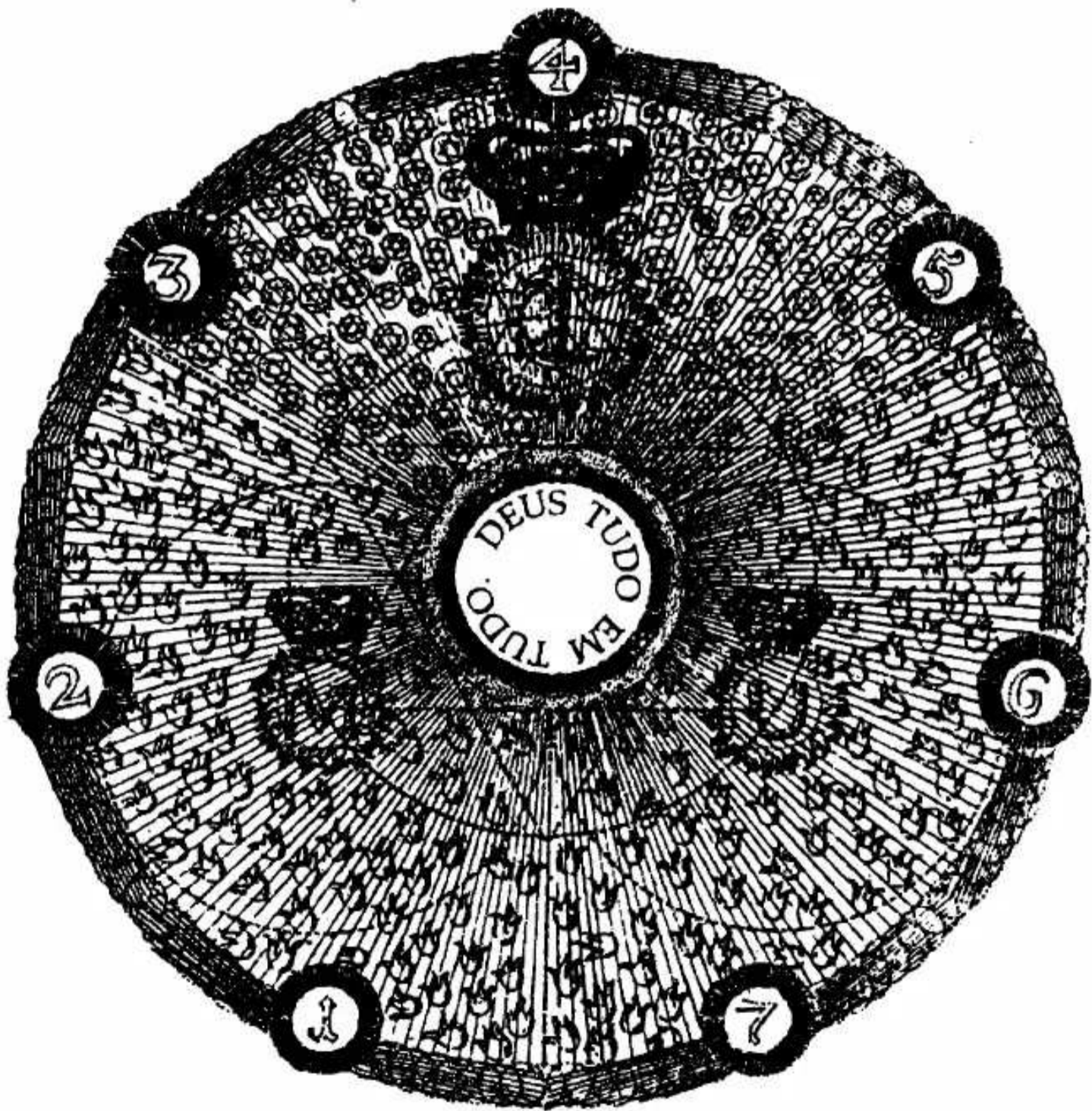


FIGURA XIII

Quando a hierarquia (ou legião) do terceiro reino, que foi destruída e devastada por Lúcifer, tiver o número de seus habitantes completamente preenchido de novo, mas agora com os descendentes de Adão, então o bem e o mal serão separados, o tempo não mais existirá e Deus será Tudo em Tudo.

Então essa terceira hierarquia, que por sólidas razões foi até agora representada como inferior às de Miguel e Uriel, será novamente superior a elas e ocupará o lugar supremo. Pois o Rei Jesus Cristo, sendo o esplendor da Glória de Deus Pai e a exata imagem de Sua Pessoa, sobrepuja todos os anjos, e como herdou um nome mais excelso do que o de todos eles e Deus jamais disse a nenhum deles: *Assenta-te à minha direita, até que eu ponha todos os teus inimigos por escabelo dos teus pés* (Hebreus 1:13 e Salmos 103:26), todos devem adorá-lo.

Por extensão, todos os Seus súditos em Sua hierarquia também sobrepujam todos os santos anjos, pois são imagens completas de Deus: foram manifestados em todos os três *principia* (ou nos três Mundos), enquanto que os santos anjos, embora também sejam imagens Dele, foram manifestados apenas em dois *principia*.²⁴ Por isso eles também se distinguem dos anjos pelo peculiar caráter ✨, que não foi inventado pela especulação humana, mas escrito no livro da Natureza pelo dedo de Deus e indica não

24 Pois os seres humanos têm em sua constituição 1) o Triângulo da Natureza ou o Mundo de Trevas (primeiro *principium*); 2) o Mundo de Luz (segundo *principium*) e 3) este Mundo material temporal (terceiro *principium*), enquanto os anjos só têm os dois primeiros.

apenas a criação deste terceiro *principium* em seis dias, mas também a nova união do decaído e divorciado Adão com a divina Virgem Sófia.

Aos que têm uma natureza mais próxima da dos animais deste mundo do que da humana, nada disso deve ser dito, nem coisas semelhantes, pois elas são espirituais e devem ser compreendidas espiritualmente.

Dionysius Andreas Freher

**SOBRE A ANALOGIA
ENTRE A OBRA FILOSOFAL
E O PROCESSO DA REDENÇÃO
DO HOMEM ATRAVÉS DE JESUS CRISTO**

— SEGUNDO AS OBRAS DE JACOB BOEHME —

Se o homem não entende sua própria natureza corrompida nem a maldição sob a qual ele conseqüentemente vive, não pode entender a natureza nem a maldição da Terra e muito menos pretender resgatar alguma matéria dessa maldição,¹ isto é, ser o instrumento de sua libertação, no que se resume o trabalho do verdadeiro *artista*.²

Enquanto Adão permaneceu na pura inocência paradisíaca, a Palavra eterna, o Poder da Vida, era sua condutora e o governava. Sua vida ardia como uma clara chama, era alimentada pelo puro espírito da substancialidade divina e pela *água da vida eterna* gerada no Mundo angélico, produzindo, assim, uma luz clara e gloriosa.

Imediatamente após a queda do homem, Deus disse à serpente: *Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a semente dela. A semente da mulher esmagará tua cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar* (Gênesis 3:15). Aí reside a Pedra dos Filósofos ou a Tintura, pois embora

1. No caso da Grande Obra alquímica, cuja meta exterior é transformar os metais vis, impuros e terrestres em nobres, puros e celestes.

2. *Artista*, qualificativo dado ao verdadeiro alquimista, aquele eleito por Deus a se engajar na transmutação metálica, também qualifica-

isso diga respeito em primeiro lugar ao homem, diz respeito, em seguida, à totalidade da criação. A fratura da cabeça da serpente se realiza espiritual e corporalmente, isto é, tanto na alma como na natureza, e ainda que em graus diferentes, num processo paralelo.

A picada da serpente é o **Fogo colérico** e a semente da mulher é o **Fogo luminoso e amoroso**. Ambos estão presentes em todas as coisas. Devido à queda, o primeiro predomina na natureza exterior; por isso, o segundo deve ser trazido à tona, de modo que seu brilho possa irromper da cólera e subjugá-la, permitindo que esta exerça sua verdadeira função natural de serva da luz, para que assim não mais se oponham um ao outro, mas através da luz e do amor sejam introduzidos de novo na harmonia do Paraíso.

Quando o tenebroso mercúrio envenenado³ é tinturado [ou tingido] dessa maneira, sua morte angustiada é transformada numa vida triunfante e seu anterior desejo tenebroso é transformado num desejo luminoso e amoroso que é capaz de produzir uma substancialidade pura, amorosa e luminosa, ou seja, é capaz de produzir um corpo celeste a partir de um corpo terrestre.

Numa descrição sumária, a totalidade da Obra consiste em fazer de duas substâncias uma, como eram na origem. Uma matéria celeste e uma terrestre devem ser unidas e elevadas a uma qualidade celeste: a Terra deve ser interiorizada e o Céu exteriorizado. É o mercúrio que está dentro da matéria que faz tudo isso. O *artista* não deve tentar fazê-lo, porque não pode; deve apenas preparar a matéria da

3. Como está descrito na nota 4 do tratado anterior, o mercúrio corresponde à **força expansiva**, que é a primeira raiz da mobilidade e da vida. Com a queda do homem seu mercúrio ou sua vida, e a de tudo o

maneira requerida e deixar que a Obra seja feita pelo artífice que já está nela [o mercúrio]. Contudo, lhe são indispensáveis o entendimento e a fé, pois seu trabalho é nada menos que redimir uma matéria da maldição e tirá-la da morte, coisa que nunca pode ser feita por alguém cujo entendimento e vida interior também estejam mortos.

Quando dois outros pré-requisitos forem encontrados no *artista*, 1^o) um entendimento prático do processo por meio de sua própria regeneração e 2^o) um chamado divino para empreender tal Obra [a Obra metálica],⁴ duas outras qualidades lhe serão requeridas em seguida, quando for iniciar sua Obra.

Para enunciá-las, Boehme utiliza a parábola contada por Nosso Senhor a respeito do homem que desceu de Jerusalém a Jericó, sendo, no percurso, roubado e ferido por ladrões (Mateus 22:34-40). Diz que o *artista* deve verdadeiramente se revestir da figura do misericordioso samaritano: deve, em primeiro lugar, ter a mesma vontade dele, isto é, ter como único desejo curar aquele que está ferido; em segundo lugar, deve ter os mesmos olhos dele, a fim de poder enxergar o corpo ferido que deverá curar. Isso

4. Um dos pré-requisitos básicos para que seja possível obter algum sucesso na Obra exterior é ter anteriormente alcançado um alto grau na Obra interior, pois o processo da regeneração metálica e o da regeneração interior são em tudo análogos, de modo que após ter realizado e compreendido profundamente o segundo, poderá realizar e compreender muito mais facilmente o primeiro. Todavia, isso não basta para se aventurar na Obra exterior, pois para fazê-lo é necessário um chamado particular de Deus. Nem todos os regenerados foram ou serão chamados a trabalhar no laboratório alquímico. O próprio Boehme afirma nunca tê-lo feito, embora conhecesse e compreendesse perfeitamente o processo, tendo, inclusive, a partir de uma revelação divina, escrito um livro sobre esse assunto, intitulado *A Assinatura das*

não é fácil, pois devido à grande corrupção em que esse corpo [ou essa matéria] se encontra, é muito difícil enxergá-lo. É necessário que tenha os olhos do samaritano desde o início, pois terá de escolher a matéria apropriada para essa Obra Filosofal, matéria essa que Boehme descreve parabolicamente como sendo análoga a um mau filho que saiu da casa dos pais, desejando estar exclusivamente voltado para si, subsistindo apenas em seu próprio fundo (*grund*).⁵

A matéria-prima deve ser procurada em Saturno⁶ (tanto na Natureza eterna como na natureza temporal), cujo interior o *artista* deve perscrutar com olhos atentos e penetrantes, pois por causa da forte contração da **adstringência** [Saturno], a cólera de Deus encerrou-a na câmara da morte. Não que a tenha transformado em Saturno, mas a mantém aprisionada na morte saturnina, isto é, na primeira qualidade [ou propriedade]: a **adstringência**,⁷ que é fria, áspera e tenebrosa. A forte contração da **adstringência** é chamada de grande silêncio na morte, pois ainda não há movimento algum de vida em seu interior. Quando a matéria apropriada for encontrada em Saturno, o *artista* deve iniciar o trabalho, considerando e seguindo o processo que Deus utilizou na redenção e restauração da humanidade através de Jesus Cristo, desde sua concepção e nascimento até sua ressurreição e ascensão. Fazendo isso, haverá de se deparar com a alegre festa de Pentecostes, pois encontrará na natureza exterior a Tintura desejada,

5. Isto é, desejou separar-se da Palavra divina para subsistir independentemente dela, em sua própria eguidade ou individualidade.

6. Que, entre os metais, corresponde ao chumbo.

7. Correspondente a Saturno entre os planetas e ao chumbo entre

capaz de ir em direção à⁸ tintura santa e espiritual. Dotado desta, São Pedro pôde tinturar três mil almas de uma só vez em seu primeiro sermão público (Atos 2).

Quando o mercúrio humano (a palavra proferida, a vida humana) foi infectado e envenenado pela serpente e, devido à sua falsidade, foi privado da Luz, Deus não rejeitou a humanidade de modo a aniquilá-la e a criar um outro Adão; não, Ele restaurou o que havia sido espoliado. Fez isso não através de coisas exteriores que antes a humanidade não tinha, mas através do mesmo santo e divino Espírito que a princípio fora soprado em Adão para fazer dele imagem e semelhança de Deus. Ele tornou a introduzi-lo na envenenada humanidade, suscitando assim uma boa, certa e sólida disposição para a regeneração.

A restauração atingiu a mais alta realização na imaculada concepção de Jesus Cristo, pois aí ocorreu uma conjugação entre o Falar eterno e a palavra proferida (o mercúrio, a vida humana), que fora envenenada no homem caído e estava plena de egoísmo, de vontade própria.

Essa conjugação é a primeira coisa que um *artista* deve considerar e avaliar. Deve agir de acordo com ela e não levar sua matéria ao fogo sem antes tê-la alcançado, do contrário trabalhará em vão e se exporá ao ridículo. O *artista* deve saber que a tendência à perfeição não deve ser trazida por ele do exterior à sua matéria, mas já se encontra no interior dela. Todavia, a vontade dele tem de ser capaz de conjuguar-se com a Vontade divina para então, com sua vontade renovada ou tinturada, que é a sua santa fé, manipular sua matéria, fazendo com que assim a vontade pela perfeição que jaz nela silenciosa e imóvel possa

ser movida e levada a conjugar-se com a vontade dele e com a Vontade divina,⁹ de modo que essa Vontade divina possa encontrar e abençoar a vontade exterior da matéria que então se dirige ao interior, isto é, que vai da corrupção em direção ao amor e à misericórdia de Deus.

O *artista* deve pensar profundamente nesse ponto, deve fazer dele seu contínuo objeto de estudo e prática, pois o batismo filosófico consiste nisso.¹⁰ A partir daí ele se torna habilitado a batizar verdadeira e corretamente, posto que deve batizar sua matéria não apenas com a água exterior, mas também com aquela do Mundo interior.

O deserto onde se dá a tentação é, na Obra filosófica, o corpo exterior, terrestre, seco, desolado e estéril, onde o mercúrio, ou o menino, não é capaz de confrontar o demônio, a menos que recorra à Virgem e seja auxiliado por ela. Por isso, deve unir-se a ela de modo a lançar sua vontade e seu desejo no amor dela e comer de seu pão. Não deve comer do pão de sua própria qualidade natural,¹¹ mas fazer como Cristo Nosso Senhor, que durante todos os quarenta dias de sua tentação comeu apenas da Palavra eternamente falante e não quis comer do pão que poderia ter feito das pedras. Tudo isso quer dizer tão so-

9. Portanto, para que a vontade dele possa ser capaz de unir-se com a Vontade divina, a fim de conjugá-la com a vontade de perfeição que jaz imóvel na matéria, num processo análogo à conjugação que se deu entre o Falar ou Verbo eterno de Deus e a caída vida humana por meio de Jesus Cristo, é necessário que já seja um homem regenerado, isto é, que tenha nascido de novo do alto.

10. Nessa conversão ou nesse retorno da vontade exterior em direção à interior, desejando sair da corrupção e entrar no amor e na misericórdia de Deus. Na Obra interior essa conversão é o início da Via

mente que o mercúrio deve admitir receber a Tintura celeste em sua envenenada qualidade e aceitar que a cabeça da serpente — a propriedade ígnea e colérica — seja esmagada nele.¹² Se não fizer isso, o demônio prevalecerá e o manterá preso no mesmo estado em que se encontrava antes, quando estava separado de sua Virgem.¹³

O *artista* deve tomar cuidado para não deixar o demônio tentador¹⁴ ser muito furioso e colérico; mas por outro lado, também não deve ser muito fraco ou impotente, pois do contrário o mercúrio¹⁵ não será suficientemente atacado por ele e poderá então, como um lobo faminto, tragar seu batismo, retornar a sua própria qualidade ou propriedade colérica e continuar sendo a mesma coisa venenosa que era antes.

Ao final dos quarenta dias, quando o demônio tiver esgotado todas as tentações, terá de afastar-se do Senhor Cristo e os anjos virão e o servirão. O *artista* deve prestar muita atenção nisso, pois ele próprio será provado e, dependendo desse sinal, poderá saber de maneira infalível se

12. Isto é, deve aceitar que seu ego ou sua vontade própria morra, para que sua Virgem ou sua natureza celeste, totalmente submissa à Vontade do Pai, possa nascer.

13. O processo da Grande Obra Filosofal divide-se em três etapas fundamentais, chamadas de Obra em Negro, Obra em Branco e Obra em Vermelho (coroadas por uma quarta, a Obra em Dourado). Como sempre, cada uma delas tem uma correspondência precisa com etapas do processo da regeneração interior, chamadas, respectivamente, pela Tradição cristã, de Via Purgativa, Via Iluminativa e Via Unitiva. Segundo a descrição de Freher, a etapa da Grande Obra que corresponde aos quarenta dias de Cristo no deserto é a Obra em Negro, análoga à Via Purgativa interior, que São João da Cruz chama de primeira noite escura da alma.

14. No caso, o fim natural e necessário interior.

14. No caso, o fogo natural, exterior ou interior.

15. A vida caída e envenenada, humana ou metálica.

está pronto para realizar tal Obra e se é digno ou não dela. Se, conforme o processo de Cristo, ao final dos quarenta dias os anjos não aparecerem, pode concluir que não alcançou o sucesso e que seu ígneo mercúrio masculino¹⁶ ainda não se encontra na devida união interna com o aquoso mercúrio feminino,¹⁷ mas ainda tem a mesma qualidade colérica de antes, e que, portanto, o demônio tentador prevaleceu. Todavia, se vir o sinal dos anjos, deve alegrar-se e estar certo de que o noivo uniu-se à sua noiva¹⁸ e ela a ele e que sua Obra prospera.

Logo em seguida à tentação e à vitória sobre o demônio¹⁹ o Senhor Cristo começou seu ofício público, não apenas pregando a Verdade, repreendendo e instruindo o povo, mas também realizando muitos atos milagrosos e espantosos através de todas as propriedades da Natureza, a saber: em Saturno, ressuscitou mortos; na Lua, transmutou água em vinho e com cinco pães alimentou cinco mil homens; em Júpiter, fez de simples e ignorantes pescadores os mais sábios e inteligentes apóstolos; em Mercúrio, fez surdos ouvirem, mudos falarem e curou os leprosos; em Marte, expulsou demônios dos possessos; em Vênus, amou seus irmãos e irmãs e por eles entregou livremente sua vida à morte.

A sétima propriedade, que é o Sol, encontra-se no meio, unindo três e três, e não é mencionada aqui pois diz respeito à plena perfeição,²⁰ que só foi alcançada quando ele se

16. Sua natureza terrestre ou sua vida natural.

17. Sua natureza celeste ou sua vida sobrenatural.

18. Isto é, que a natureza terrestre uniu-se à celeste.

19. A vontade própria, natural.

20. Com o aparecimento dos anjos e o início do ofício público de

ergueu da morte, ascendeu ao Céu e derramou o Santo Espírito tinturador no dia de Pentecostes.

O *artista* deve perceber claramente que há uma verdadeira e exata correspondência de todas essas etapas na Obra filosófica, pois se os quarenta dias de tentação terminam de maneira feliz, verá que em Saturno o mercúrio ergue-se da morte a partir da mesma substância morta em que estava encerrado antes; na Lua, verá que ele [mercúrio] alimenta e nutre essa substância (embora exteriormente nada esteja preparado para que ela possa ser alimentada e nutrida por ele) e a água morta é sublimada e convertida em vinho, tornando-se assim composta de uma união entre uma virtude (ou propriedade) ígnea e uma aquosa; em Júpiter, verá cada um dos quatro elementos em si mesmos, com suas cores, como o arco-íris sobre o qual Cristo se assentará para exercer o julgamento do mercúrio proferido (pois o amigável Júpiter revela sua propriedade ou qualidade de maneira semelhante à que, no devido tempo, será empregada por Deus para transformar este mundo e transmutá-lo no Paraíso), a fim de que o *artista* se maravilhe com essa semelhança com o arco-íris e perceba que a Sabedoria de Deus joga e se deleita ali, como num alegre jogo; em Mercúrio, verá o Céu separar-se da Terra, tornar a precipitar-se sobre ela, fazendo com que ela adquira sua própria cor, e o Mercúrio purificar a matéria; em Marte, verá Júpiter, no mercúrio, fazer com que a matéria expila uma fumaça negra, que será coagulada na chaminé do forno alquímico como fuligem, a qual é a venenosa fome que há no mercúrio, justamente comparável ao demônio, uma vez que tem em sua natureza as qualidades ou propriedades do demônio.

Logo após esse negro demônio ser expelido da matéria,

grande beleza e glória,²¹ o que é um delicado emblema do amor de Cristo.

Quando esse belo emblema aparece, o *artista* se alegra, pensa que a Obra está terminada e que tem o tesouro do mundo. Todavia, sofrerá um grande desapontamento, pois se o colocar à prova, verá que não passa de Vênus, que ainda é uma mulher e não uma pura Virgem masculina com ambas tinturas unidas numa.²² Assim como Cristo realizou feitos maravilhosos através de sua humanidade, embora ainda não tivesse alcançado a plena perfeição — pois seu corpo humano não podia ser glorificado e muito menos derramar o Espírito Santo sem antes passar pela grande cólera de Deus, pela morte e pelo Inferno —, assim também, na Obra filosófica, embora ocorram todas essas gloriosas manifestações nas propriedades da natureza, a Tintura universal ainda não se encontra fixa nem manifesta. Tudo o que foi visto até então é transitório e para alcançar a fixação e manifestação plenas da Obra, a maior parte do trabalho ainda está por fazer.²³

Todas as sete propriedades têm de se tornar totalmente puras e cristalinas, antes de poderem ser paradisíacas.

21. Neste caso, Vênus representa a Virgem, a natureza ou *água* celeste, o novo nascimento, o começo da Obra em Branco e da Via Iluminativa.

22. Isto é, verá que a natureza celeste de Luz e Amor é apenas um puro espírito que ainda pode se evolar e deixar a Obra inacabada, pois não está encarnada e ainda não se casou com a Tintura masculina. Verá, além disso, que precisará ser fixada num corpo incorruptível que ainda não existe, pois terá de ser extraído das propriedades coléricas que ainda não foram completa e definitivamente transmutadas.

23. Pois, como vimos, a Obra em Branco começa nesse momento,

Cada uma dessas propriedades tem um processo próprio e peculiar para passar da vida colérica à paradisíaca, na qual todas as sete têm de ter uma só vontade, a saber, a do amor. Todas as suas anteriores vontades próprias, em que cada uma estava voltada para si mesma e em oposição às outras, têm de ser completamente devoradas, pois só então estarão fixas e serão capazes de habitar o Fogo.

Na Obra Filosofal, logo que Vênus aparece em sua beleza,²⁴ com seu próprio caráter natural, grande alarme, oposição e insurreição manifestam-se contra ele em Saturno, Mercúrio e Marte.

O primeiro é uma verdadeira imagem do governo civil; o segundo, do estado eclesiástico; o terceiro, do demônio. E assim como os três foram conjuntamente os principais agentes da morte do Senhor da Vida e da Glória, assim também, na Obra filosófica, as três propriedades inferiores, isto é, Saturno, Mercúrio e Marte, são corretamente chamados por Boehme de os três assassinos de Vênus.

O único fundamento para essa oposição é o fato de Vênus ser do alto e essas três propriedades serem de baixo, estarem unidas numa colérica esfera e não quererem ser privadas de seu poder natural e de seu predomínio.²⁵

Nesse momento,²⁶ o Céu desce ao Inferno que está sobre a Terra e, no final, acabará por transmutar todas elas²⁷

24. Que na Obra interior corresponde à manifestação da natureza celeste e imortal do homem (a *neshamah*, a alma espiritual e eterna, da Tradição judaica).

25. Ver as FIGURAS II E IV do tratado anterior, *Os Profundos Princípios de Jacob Boehme*.

26. Em que as três propriedades, qualidades ou forças coléricas se

em forças paradisíacas, ou melhor, no próprio Paraíso. O Inferno percebe que se receber em si esse filho do Céu [o Amor, Vênus, a Virgem], sua ruína será inevitável e por isso lança-se de novo contra ele e contrapõe-se a ele com todas as suas forças. No entanto, com essa oposição só conseguirá promover sua própria destruição, como também ocorreu no processo de Cristo.

Nesse ponto alguém poderá fazer a seguinte objeção: “Como isso pode não estar em contradição com o que foi dito antes: que a matéria foi purificada, o demônio expellido e o sinal dos anjos manifestado? Se tudo isso ocorreu, como tal colérica e infernal oposição pode se elevar depois disso?”

A resposta a essa pergunta é simples. Boehme diz que quando o Mercúrio é despertado da morte contida na severa contração de Saturno²⁸ mediante o maná — o alimento da substancialidade celeste da Luz e do Amor [Vênus], que é a nossa verdadeira Virgem ou a *água da vida eterna* —, esse batismo filosofal é recebido nas propriedades venenosas e um alegre Fogo se eleva. É como se uma luz se acendesse nas trevas e a alegria e o amor paradisíacos brotassem em meio à cólera. Quando o Mercúrio introduz um cintilante esplendor desses elementos celestes em Marte,²⁹ a cólera apavora-se diante

27. As três propriedades coléricas: **adstringente, amarga e angustiada** que correspondem, respectivamente, a Saturno, Mercúrio e Marte.

28. Saturno corresponde, no homem, ao corpo vital ou etérico e a todas as funções de manutenção de seu corpo físico. Está ligado ao pecado da avareza.

29. Mercúrio corresponde, no homem, à mente, aos pensamentos (às opiniões e conceitos pessoais), como também à psique como um

todo e está ligado ao pecado da inveja. Marte corresponde ao ego, ao poder e à vontade própria, e está ligado ao pecado da ira.

do amor e cai para trás ou precipita-se. No entanto, o que se passa nesse momento ainda não é uma transmutação. É como se fosse, mas é transitória; ainda não é constante nem fixa. Para que uma transmutação fixa e radical possa ocorrer, esse mesmo processo, semelhante a uma transmutação, precisa se repetir, mas num grau muito mais alto, ou melhor, muito mais profundo, porque as propriedades **adstringente** [Saturno], **amarga** [Mercúrio] e **colérica** [Marte] foram suprimidas apenas em parte, mas não foram completamente desenraizadas nem radicalmente transformadas numa única vontade.

Com o surgimento de Vênus [Amor, Luz] elas tornam a elevar-se e muito mais do que antes, pois colocam-se contra ela para manter seu próprio direito natural. O mesmo ocorreu no processo do Senhor Cristo quando ele se dirigiu à forte severidade da cólera de Deus para consumir plenamente sua Grande Obra. Ele falou expressamente a respeito de si o seguinte: *Não estou só, o Pai está comigo*. Ele tinha consigo, do alto, o Pai. Isso era inalterável quanto à sua divindade, mas era alterável quanto à sensibilidade de sua pessoa humana exterior, o que pode ser visto através de seu clamor na cruz: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mateus 27:46). De baixo, tinha consigo o povo mais simples, que o recebeu e acompanhou com grande alegria e aclamações quando entrou em Jerusalém sentado num burrico.

Do mesmo modo, na Obra Filosofal Vênus não está sozinha, mas tem consigo Júpiter no alto e a Lua embaixo. Esta, que é uma verdadeira imagem do povo mais simples, liga-se a Vênus enquanto as coisas vão bem ou ao menos enquanto são toleráveis (como os discípulos fizeram com Cristo), isto é, enquanto Saturno, Mercúrio e Marte não

Porém, quando esses três assassinos se elevam e querem utilizar a violência para matá-lo ou tragá-lo em seu colérico abismo, então a Lua também muda de cor e inclinação, do mesmo modo que o povo mudou de vontade e em lugar do anterior *hosannah* clamaram: *Crucificai-o, crucificai-o!* (Mateus 27:22).

Na Obra Filosofal acontece o mesmo: quando ela passa pelo mais severo combate, o *artista* percebe claramente um terror e tremor no mundo. Vê que Mercúrio, o principal agente contrário a Vênus,³⁰ treme quando este surge e que Vênus não apenas treme com a oposição da propriedade colérica e assassina [Marte], mas é como se, além disso, seu corpo inteiro transpirasse. No entanto, ele não se agita, mas permanece quieto e paciente, resignado e pronto para sofrer tudo o que lhe puderem infligir, de modo a ser totalmente tragado por eles em sua cólera.

No processo de Cristo, o demônio pensou consigo mesmo: "Só eu sou o grande monarca no Fogo; Saturno é minha força, Mercúrio é minha vida e por meio deles sou um príncipe e um deus deste mundo [exterior, material]. Por isso, não tolerarei que outro, que se autodenomina príncipe do amor, reine aqui, mas o devorarei com a minha cólera." De fato tentou fazer isso, mas não conseguiu sozinho, sem o auxílio dos dois principais poderes deste mundo exterior. Moveu Mercúrio e Saturno, o governo

30. Isto é, Mercurio, a propriedade **amarga, pungente e expansiva**, é o principal agente de Marte, a propriedade colérica; do mesmo modo que no processo de Cristo o governo eclesiástico é o principal agente do demônio para conseguir levá-lo à morte e do mesmo modo que no processo interior a mente é o principal instrumento do ego para

eclesiástico e o civil, e então os três juntos enviaram seus emissários, prenderam o Senhor, amarraram-no e o conduziram de um juiz injusto a outro.

Do mesmo modo, o *artista* verá claramente, na Obra filosófica, Vênus ser cercado de todos os lados por Saturno, Mercúrio e Marte,³¹ ser como que aprisionado e atado pelos três juntos e ser alvo de seus diversos raios envenenados, mas permanecer completamente passivo e resignado, pronto para ser devorado pelo dragão, e assim ser conduzido de uma propriedade colérica a outra, como que para ser provado, examinado e julgado por elas.

Em primeiro lugar, Marte conduz Vênus a Mercúrio, que é o instrumento do demônio na cólera de Deus, do mesmo modo que conduziu o Senhor Cristo primeiro ao sumo-sacerdote. No entanto, como este já estava tomado pelo ódio, não pôde julgá-lo verdadeira e devidamente, pois não pôde examinar sua vontade interior e sua obra de amor, examinando-o apenas exterior e superficialmente e concluindo que como não compartilhava da vontade, do caminho e da forma deles, não deveria ser tolerado entre os vivos. Todavia, como ele mesmo não o podia matar, enviou-o a Pilatos dizendo tratar-se de um malfeitor merecedor de morte.

Assim, na Obra filosófica, essa é a verdadeira assinatura [natureza] interior de Mercúrio contra Vênus. Já está tomado pela sua própria qualidade colérica, com a qual posta-se contra ele, de modo que não é capaz de provar, muito menos de aprovar a amorosa propriedade de Vênus, mas deseja matá-lo; porém como em Vênus há um outro Mercúrio, vivo e proveniente do alto, não pode destruí-lo

31. Pelas três propriedades ou qualidades coléricas: **adstringente** ou **contrativa**, **amarga** ou **expansiva** e **angustiada** ou **colérica**.

com seu próprio poder, mas tem de juntar-se a Saturno, ao qual o entrega para que ele o mate, assim como Cristo foi entregue a Pôncius Pilatos para ser crucificado.

Pilatos, governador da tenebrosa propriedade saturnina,³² não condenou Cristo por sua doutrina espiritual, sua luz e sua verdade, mas apenas por aquilo que dizia respeito ao governo [civil]: devido ao pretense fato de Cristo ser contra César. Como Pilatos desejava ser considerado amigo de César, sentenciou-o à morte.

Do mesmo modo, na Obra filosófica, Saturno, a tenebrosa propriedade **adstringente** [ou **contrativa**] não se importa com a amorosa qualidade interior de Vênus, posto que é incapaz de receber algo dela em sua própria essência. A grande controvérsia é sobre qual dentre as propriedades terá o predomínio. Saturno não quer perder a amizade de Marte e de Mercúrio, pois ambos estão com ele na mesma esfera³³ e exercem juntos seu próprio governo, que terá de cair se Vênus elevar-se e brilhar neles com sua luz e seu amor. Por isso, ele executa o que agrada aos outros dois, que pensam poder, com isso, preservar seu colérico governo.

Na Obra Filosófica, é vão esperar que um dourado esplendor do poder solar irrompa a partir do centro do Fogo e tinture a branca aparência lunar de Vênus, pois a perfeita união, a Tintura universal, não pode se manifestar antes que toda a treva, a cólera e o veneno de Saturno, Mercúrio e Marte tenham sido completamente afogadas e tragadas no sangue e na morte.

32. Isto é, da violenta atração ou contração da propriedade **ads-**

tringente.

33. Ver FIGURA II do tratado anterior.

Vênus é entregue a Saturno que com sua forte e tenebrosa contração apreende-o, desveste-o de sua bela veste e coloca sobre ele uma outra de cor escarlate, na qual está alojada a cólera de Marte. Como o *artista* poderá ver claramente, essa cor, que o envolverá como o fulgor de um clarão, provém das propriedades de Saturno e Mercúrio, mescladas com a do ígneo Marte. Quando Vênus aparece com essa cor real diante de Mercúrio, Saturno, Marte e Lua, esta última muda de vontade, junta-se às três principais propriedades assassinas e as quatro juntas o rejeitam. Lançam sobre Vênus seus malignos, envenenados e ígneos raios, através da severa contração de Saturno, de modo que o *artista* poderá ver distintamente a doçura ser açoitada e golpeada, como também receber a coroa de espinhos, com suas agudas pontas.

Como foi claramente mostrado por Boehme, todo o processo de sofrimento e morte de Cristo é uma precisa recapitulação, em sentido contrário, do processo de transgressão do primeiro Adão. E como a condição do homem após a queda é semelhante à da terra após a maldição (Gênesis 3:17) — só diferindo quanto ao grau, como Boehme também afirmou e demonstrou —, então a maneira e o processo de sua restauração têm de ser semelhantes. E assim como o Senhor Cristo manteve-se profundamente humilde e passivo em todos os seus sofrimentos, não tendo aberto a boca, mas sofrido tudo com paciência, numa inteira submissão a seu Pai, assim também, na Obra filosófica, o *artista* verá a parte celeste [Vênus] permanecer completamente passiva, quieta e imóvel. Porém, assim como a mãe de Jesus, que foi benedita entre as mulheres (Lucas 1:42), o *artista* também obtém uma bênção para que possa, neste mundo miserável

tem uma benção para que possa, neste mundo miserável, tinturar seu corrompido corpo terrestre e preservá-lo sau-

dável até o término de sua elevada constelação, que está sob Saturno.³⁴ Portanto, quando Saturno atinge o seu limite e abandona a vida de que fora condutor, nem a Tintura universal pode prolongá-la.

Vênus anseia pela manifestação e predomínio do **Fogo de amor**, mas Mercúrio, juntamente com o enxofre de Marte e Saturno, lança-se contra ele com seu mortífero dissolvente, que é o maior dos venenos da tenebrosa fonte colérica. No entanto, em vez de Vênus beber tal veneno, entrega-se inteiramente a ele e parece morrer. Com isso, eleva-se na Obra filosófica a maior das trevas, de tal modo que toda a matéria torna-se negra como um corvo.

Quando o Sol interior, o *principium* da Luz eterna na forma humana [Jesus Cristo], entregou-se à tenebrosa cólera de Deus, o Sol exterior também deixou de brilhar neste terceiro *principium* (Mateus 27:45),³⁵ pois recebe o seu esplendor do Sol interior, uma vez que ele é uma figura ou espelho do interior. Na Obra Filosofal, o *artista* verá o que Deus realizou na humanidade quando estava para redimi-la e conduzi-la de novo ao Paraíso. Quando Vênus entregar sua vida, verá surgir uma grande treva sobrenatural, pois todo o brilho da Obra Filosofal depende dele [Vênus]; verá toda sua beleza desaparecer, dando lugar às trevas; verá, além disso, que não é só Vênus quem perde sua vida nas três propriedades coléricas, mas também estas perdem as suas em Vênus, e que então tudo se torna

34. Até o término de sua vida terrestre (que em seu caso é elevada, pois ele recebeu a benção e o dom de Deus), regida pelas estrelas ou constelações, e que está sob o domínio de Saturno, a força **contrativa** ou **gravitacional**.

35. Como já foi ressaltado nos tratados anteriores, o terceiro *principium* é todo este universo exterior, com todas as estrelas e planetas.

negro e tenebroso como carvão, pois nesse momento a vida é a morte jazem quietas e imóveis na Vontade de Deus, resignadas ao Seu propósito. O fim é então reduzido ao início e volta ao mesmo estado em que se encontrava antes da Criação. Assim, a origem da Natureza é atingida e tudo cai de novo sob o poder do primeiro *fiat*.³⁶

Até aqui, o *artista* viu muitas coisas maravilhosas e diversas manifestações gloriosas, que lhe deram muita esperança e expectativa; mas nesse momento, sua expectativa é aparentemente frustrada, pois a natureza inteira de sua Obra morre e ele a vê transformar-se numa escura noite. Todas as propriedades, poderes e virtudes deixam de ser o que eram antes e precipitam-se no fim da Natureza. Todas entregam suas vidas e suas atividades anteriores; não há mais movimento ou operação alguma: todas as propriedades dispersam-se e retornam ao seu primeiro mistério, isto é, ao estado em que estavam antes da Criação.

Isso não quer dizer que a materialidade exterior torne-se invisível ou seja completamente eliminada. Significa apenas que todos os poderes ou virtudes que as propriedades proferidas tinham a partir da Palavra eternamente falante — que se elevavam umas contra as outras numa grande oposição, cada uma das quais conforme sua própria natureza —, atingem a partir desse momento o fim de sua atividade segundo a vontade própria e a tendência ao que é terrestre e caem de novo em poder da Palavra eter-

36. Isto é, tudo é recriado pelo primeiro movimento criador (*fiat*) da Palavra de Deus, que deu origem ao Mundo angélico, no qual o predomínio era de Vênus (o Amor, a Luz, a Sabedoria) e não de Saturno (a atração, a contração, a gravidade), como no caso do segundo

movimento criador (*fiat*) da Palavra de Deus, que deu origem a este mundo material temporal.

à união do Fogo com Luz. Posteriormente elas se transformarão em amarelo, que é a cor da majestade.³⁹

O surgimento do Amor provoca tal terror nas coléricas propriedades das trevas, que a cólera lança-se violentamente contra ele a fim de tragá-lo e matá-lo. Porém como já não pode haver morte ali, o Amor apenas precipita-se, entrega-se às propriedades assassinas e manifesta-se em meio a elas de maneira essencial, deixando-as sem outra alternativa a não ser guardá-lo em si sem poderem libertar-se dele. Isso é veneno para a morte e pestilência para o Inferno, pois essa infiltração do Amor nas propriedades coléricas as terrifica, uma vez que ele é totalmente estranho e contrário às suas qualidades, as torna fracas e impotentes e faz com que percam a própria vontade, força e predomínio.

O mesmo ocorreu na morte de Cristo, e Boehme expôs ampla e primorosamente como através dela a morte e a maldição foram mortas e destruídas na humanidade e como, após sua ressurreição, ele já não tinha em seu corpo humano a forma masculina, mas a de uma virgem paradisíaca, semelhante à forma que Adão tinha antes de sua queda.⁴⁰

Na Obra filosófica, com esse terror e essa morte recíproca, acontece o mesmo, pois nessa fase da Obra não ocorre propriamente uma morte, mas apenas uma transmutação e uma união, isto é, duas coisas passam a se constituir numa única coisa. Quando Vênus entrega sua

39. O que ocorrerá após o ouro filosófico ter sido alcançado, o que corresponde ao início da Obra em Dourado (quarta e última etapa do processo) e da produção da Pedra Filosofal ou do Corpo Glorioso.

40. Antes de ter adormecido e Eva — o princípio feminino — ter sido extraída dele (Gênesis 2:21).

vida às propriedades coléricas e estas perdem seu predomínio, uma nova vida eleva-se, na qual a cólera e o amor não têm mais vidas distintas, mas uma única. Não há mais uma propriedade masculina e outra feminina, mas uma completa Virgem masculina, na qual ambas as tinturas estão unidas em uma.

Quando o *artista* vir o sangue vermelho do masculino elevar-se da morte e sair das negras trevas unido à cor branca da Virgem, deve saber que possui o maior *arcantum* do mundo, um tesouro inestimável.



Muitas outras coisas, que suscitariam outras excelentes considerações, poderiam ser extraídas de Boehme. Contudo, as que apresentamos nestas páginas são suficientes para mostrar a harmoniosa analogia que há entre a restauração do homem caído através de Jesus Cristo e a restauração da natureza caída através da Obra Filosofal.



“Por que as mesmas figuras e formas que nas obras de Boehme enchem-me de admiração e espanto, nos escritos de Hegel me parecem insuportáveis e ridículas? Porque nos escritos de Boehme o conhecimento da verdade eterna fala a cada página...”

SCHOPENHAUER

“Neste momento estou lendo continuamente Jacob Boehme e começo a entendê-lo como deve ser entendido. Nele vê-se a poderosa primavera com suas forças que nascem, se movimentam e se misturam e de dentro para fora engendram a criação do mundo. Um verdadeiro caos de obscuro desejo e vida maravilhosa.”

NOVALIS

“Boehme é uma aparição maravilhosa na história da humanidade.”

“Em Jacob Boehme está o cerne da poesia e da mitologia cristã.”

SHELLING

“Eu sempre o remeterei a Boehme, que em todos os pontos é dez mil vezes melhor do que um escrivinhador como eu.”

“Encontro em suas obras uma solidez que não pode ser movida, uma profundidade, uma elevação e um alimento tão pleno e infalível que considero perda de tempo buscar tais coisas em outro lugar.”

“Aconselho-o a lançar-se, por todos os meios, nesse conhecimento imenso das mais profundas de todas as verdades.”

“Não sou digno de desatar os cadarços desse homem admirável.”

LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN

